



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

**OS NOVOS USOS DO ESPAÇO URBANO PERIFÉRICO: O PROCESSO
DE REESTRUTURAÇÃO URBANA EM QUEIMADOS-RJ**

MARCELO LOURA DE MORAIS

Orientador: William Ribeiro da Silva

RIO DE JANEIRO
2017

CIP - Catalogação na Publicação

M827n **Morais, Marcelo Loura de**
Os novos usos do espaço urbano periférico: o processo de reestruturação urbana em Queimados-RJ / Marcelo Loura de Moraes. -- Rio de Janeiro, 2017. 128 f.

Orientador: William Ribeiro da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

1. Reestruturação urbana. 2. Baixada Fluminense. 3. Periferia metropolitana. 4. Centralidade. I. Silva, William Ribeiro da, orient. II. Título.

Marcelo Loura de Moraes

Os novos usos do espaço urbano periférico: o processo de reestruturação urbana em Queimados-RJ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências – CCMN, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia (Área de concentração: organização e gestão do território).

Orientador: Prof. Dr. William Ribeiro da Silva.

Rio de Janeiro

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

MARCELO LOURA DE MORAIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências – CCMN, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia (Área de concentração: organização e gestão do território).

Aprovada em: ____/____/____

Prof. Dr. William Ribeiro da Silva (Orientador)
PPGG/UFRJ

Prof. Dr. Frédéric Jean Marie Monié (Membro Interno)
PPGG/UFRJ

Prof. Dr. André Santos da Rocha (Membro Externo)
PPGGEO/UFRRJ

Cidades que permanecem cristalizadas em imagens passadas que temos medo de tocar não são cidades que habitamos como cidadãos, mas cidades de nostalgia, cidades com que sonhamos. As cidades (sociedades, culturas) em que vivemos estão, como nós mesmos, mudando continuamente. Elas são cidades para serem refletidas, questionadas, mudadas. São cidades com as quais nos envolvemos.

Teresa Pires do Rio Caldeira – Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. (2011[2000])

AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho (acadêmico ou não) se realiza somente a duas mãos. Chegar nesta etapa de uma vida acadêmica é um acontecimento que depende da contribuição de muitas pessoas. São necessários muitos agradecimentos para dar conta de se lembrar de todos que participaram direta ou indiretamente desta (ainda breve) jornada.

O primeiro agradecimento vai para a minha família, meus pais sempre tiveram um papel importantíssimo em meus estudos, apesar de poucas oportunidades para se aventurar nos estudos e nos livros durante suas vidas, sempre fizeram todo o esforço possível (e um pouco, além disso, às vezes) para eu poder me concentrar exclusivamente em minhas obrigações na universidade. Tiveram que lidar também com a dificuldade da distância – já são sete anos longe de casa – e apoiaram incondicionalmente minhas escolhas de curso e carreira.

Também é importante agradecer outros familiares que ocuparam um papel importante em minha formação escolar, lá atrás bem no início de meu interesse “pelos livros” tive um incentivo fundamental de minha irmã, que foi parte significativa do meu processo de alfabetização me ensinando o prazer de uma boa leitura. Minha ‘Tia Lena’ também merece um agradecimento especial, pois as visitas que eu realizava à sua casa na minha infância e na adolescência, sempre representavam a oportunidade de poder pegar “vários livros emprestados”, talvez esteja aí o início do meu gosto pela literatura e pelas ciências humanas.

Nossos familiares são pessoas que nos acompanham desde o início de nossa caminhada pela vida, algumas pessoas, entretanto, aparecem em nossa vida mais tardiamente, mesmo assim adquirem igual importância. Conhecer você Patrícia foi definitivamente o acontecimento mais importante de meus anos na universidade, durante estes seis anos juntos nós já conversamos sobre tudo – desde geografia a inutilidades fúteis, partilhamos as nossas angústias e expectativas, planejamos o futuro juntos, palpitamos na dissertação um do outro, enfim (...), decidimos que vamos desafiar o mundo juntos. Meu agradecimento não seria completo se não mencionasse você, “minha geógrafa preferida”.

Uma jornada pela geografia que se iniciou em 2010 não seria completa se não me permitisse colecionar inúmeros amigos; nestes anos divididos entre a Universidade Rural e a UFRJ: fiz muitas amizades, que poderiam ser classificadas da seguinte forma, os ‘*amigos do futebol*’: Rafael ‘Avatar’, Fábio ‘BH’, Raphael ‘Zoreba’, Fellipe, Renan, Victor, Anderson, PV, Guilherme Chalo, Leo “Gago” e Henrique “mano”; os ‘*amigos das rodinhas de violão*’:

Gustavo, Isaque e Lidiane; os ‘*amigos do LAGEPE (grupo de estudo)*’: Ernane, Guilherme Mappeli e Ariane; os amigos do “*GRUCE (grupo de estudo)*” Bruno, Gabrielle, Eliane, e os ‘*amigos do Pré-Vestibular Social*’: Eduardo, Morena, Yuri, Pedro, João Paulo, Acácio, Mayara e Vitor. São tantas pessoas que passaram pela minha vida durante este período e que de certa forma foram importante para a realização dessa dissertação que peço desculpa antecipadamente se alguma presença foi omitida.

Um agradecimento muito especial tem que ser reservado aos professores, que cada um a sua maneira contribuiu para a conclusão desta etapa em minha vida acadêmica. Primeiramente agradeço aos meus professores do ensino básico, pois existe um pouquinho de cada um de vocês neste trabalho.

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof^o William, sempre foi além de um conselheiro, uma boa companhia e um bom amigo. Nossas reuniões no grupo de estudo me possibilitaram momentos de reflexão, crítica sobre meu trabalho em andamento, mas também possuíam a dose certa de descontração e um bom bate papo sobre assuntos diversos.

Sou grato também ao corpo de professores do PPGG (UFRJ), poucos alunos têm o privilégio de assistir aulas tão estimulantes como as da professora Júlia Adão e do professor Roberto Lobato. Sempre incentivaram a exercemos nossa “criatividade geográfica” e são além de tudo exemplos de dedicação à profissão docente. Também é importante registrar o agradecimento aos professores da graduação, em especial aos professores Maurílio, André e Leandro. Além de professores vocês se tornaram bons amigos.

Agradeço também a CAPES (Coordenação de aperfeiçoamentos de pessoal de ensino superior) pela bolsa de financiamento que permitiu minha dedicação exclusiva a pesquisa nestes dois anos. Em um país semiperiférico com uma elite que às vezes se faz tão entreguista, todo incentivo a pesquisa no ensino superior deve ser mencionado. Também agradeço a secretaria de urbanismo da prefeitura de Queimados que na figura do secretário André Bianche sempre foi muito solícita e disposta a me receber, colaborando e respondendo todas as minhas perguntas.

Por fim, Agradeço a todos aqueles que anonimamente ou não em nossa história lutaram e lutam para que a educação seja pública, de qualidade e que seja um direito a todos e não uma mercadoria disponível somente a quem possa pagar.

RESUMO

MORAIS, Marcelo Loura de. **Os novos usos do espaço urbano periférico: o processo de reestruturação urbana em Queimados-RJ**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O objetivo fundamental deste trabalho é compreender o processo reestruturação urbana em curso na periferia metropolitana através do município de Queimados, identificando as mudanças na estrutura urbana - sua organização interna - e os seus novos papéis assumidos na Divisão Territorial do Trabalho Metropolitano.

O processo de industrialização da periferia metropolitana engendrou profundas transformações na Baixada Fluminense. Apesar de alguns investimentos pontuais no decorrer do século XX, foi na virada da década de 1980 para 1990 que a região se consolida como o vetor de crescimento econômico do Estado do Rio de Janeiro. A chegada destes empreendimentos industriais tem relação direta com um processo de ‘reestruturação territorial-produtiva’ em curso, onde a busca capitalista por externalizar custos encontra na Baixada um ambiente favorável: inúmeras áreas dispostas a oferecer vantagens competitivas às empresas, além de disporem de mão-de-obra com custos menos elevados.

A periferia metropolitana deixa de ser o lugar exclusivamente de moradia e reprodução da classe trabalhadora e incorpora novas funções e formas espaciais. Primeiro emerge como um lugar de trabalho, retendo uma parcela significativa da força de trabalho e desconstruindo a categoria “cidade-dormitório” utilizada por muito tempo para definir as cidades da Baixada Fluminense. Posteriormente, a chegada de indústrias representou uma elevação da renda média local e uma ampliação do “mercado consumidor”. A periferia se tornou atrativa para novos agentes econômicos e sua centralidade urbana foi reforçada. Grandes redes varejistas, lojas de departamento e importantes franquias que se estabeleciam exclusivamente no núcleo da metrópole passaram também a se instalar na periferia da metrópole.

PALAVRAS CHAVE: Reestruturação Urbana; Baixada Fluminense; Periferia Metropolitana, Centralidade.

ABSTRACT

MORAIS, Marcelo Loura de. **Os novos usos do espaço urbano periférico: o processo de reestruturação urbana em Queimados-RJ.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The fundamental objective of this dissertation is understand the process of 'urban restructuring' in course in the metropolitan periphery through the '*Queimados* municipal district', identifying the changes in the urban structure - your internal organization - and your new roles assumed in the Territorial Division of the Metropolitan labor.

The process of industrialization of the metropolitan periphery engendered deep transformations in the *Baixada Fluminense*. In spite of some punctual investments in elapsing of the century XX, it was in the turning of the decade of 1980 for 1990 that the area consolidates as the vector of economical growth of the State of Rio de Janeiro. The arrival of these industrial enterprises has direct relationship with a process of 'territorial-productive restructuring ' in course, when the capitalist search for decrease costs finds in that region a favorable atmosphere: countless areas willing to offer competitive advantages to companies, in addition to having manpower with lower costs.

The metropolitan periphery stops being exclusively the place of 'home and reproduction of the working class' and it incorporates new functions and space forms. First it emerges as a "work place", retaining a significant portion of the manpower and erasing the category "dormitory-cities" used by a long time to define the cities of *Baixada*. Later, the arrival of industries represented an elevation of the local income and an amplification of the "consuming market". The periphery became attractive for new economical agents and your urban centrality it was reinforced. Huge retail chains, department stores and important franchises that settled down exclusively in the nucleus of the metropolis also begin moving in direction of the periphery.

KEY-WORDS: Urban restructuring; *Baixada Fluminense*; Metropolitan periphery; Centrality.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Baixada Fluminense. Localização das Indústrias inauguradas e sua proximidade com as rodovias – Século XX	34
Figura 2. Baixada Fluminense: “Terras que valerão ouro” – 1938.	39
Figura 3. Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Mapa da localização da malha rodoviária – 2014.	40
Figura 4. Queimados –RJ. Brasão municipal – Fábricas e suas chaminés – 2014.	43
Figura 5. Distrito Industrial de Queimados. Terreno reservado para as indústrias. – 1979.	44
Figura 6. Queimados-RJ. Panfleto emancipatório distribuído à população – 1990.	46
Figura 7. Queimados-RJ. Jornal Baixadão 1983 – “Visite Queimados antes que acabe” – 1983.	47
Figura 8. Área metropolitana: Localização das Estradas de Ferro e passageiros transportados – 1906 – 1930.	58
Figura 9. Queimados-RJ. Inauguração do trecho final da EFCB (na época Estrada de Ferro Dom Pedro II) – 1858.	59
Figura 10. Queimados-RJ. Lotes residenciais sendo oferecidos – Década de 1940.	61
Figura 11. Baixada Fluminense. Mapa das faixas de renda média - 2009.	66
Figura 12. Queimados. RJ. Rendimento mensal domiciliar per capita por setores censitários – 2010.	67
Figura 13. Queimados-RJ. Novos empreendimentos imobiliários – 2015.	69
Figura 14. Fluxograma sintetizando o processo de expansão do setor comercial varejista.	73
Figura 15. Baixada Fluminense. Setor Terciário, Comércio e Serviços – 2011.	76
Figura 16. Fachada da Boticário	82
Figura 16. Fachada da Wizard	82
Figura 16. Fachada do Subway	82
Figura 16. Fachada da Cacau Show	82
Figura 20. Loja de Departamentos Leader Magazine	83
Figura 21. Lojas CEM e Marisa - localizadas no centro comercial	84
Figura 22. Harbor Place – Símbolo dos projetos de renovação urbana e promoção do urbanismo de espetáculo – 2016.	89
Figura 23. Obras do Centro Comercial em andamento (2011)	95
Figura 24. Centro Comercial de Queimados: Obras já concluídas.	95
Figura 25. Centro Comercial de Queimados e Calçada arborizada	96
Figura 26. Outro lado da estação ferroviária	96
Figura 27. Centro Empresarial: Obras em andamento (03/2014)	97
Figura 28. Centro Empresarial: Obras concluídas (11/2015)	97
Figura 29. Mais Megastore: Loja de departamentos	98
Figura 30. Restaurante Varandão	99
Figura 31. Queimados-RJ. Mapa IDHM (Índice de desenvolvimento humano municipal) – 2000.	105
Figura 32. Queimados-RJ. Mapa IDHM(Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) – 2010.	106

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – E.U.A. Ataque ao trabalho: salários reais e produtividade - Estados Unidos.	28
GRÁFICO 2 – Rio de Janeiro. Composição das atividades industriais no PIB do estado (%) – 1999 – 2011.	35
GRÁFICO 3 – Queimados-RJ. Repasse do estado x ICMS gerado no município – 2006 – 2011.	51
GRÁFICO 4 – Queimados-RJ. Número de empresas estabelecidas no Distrito Industrial – 2009 – 2013.	52
GRÁFICO 5 - Queimados (RJ): Número de pessoas que trabalham no próprio município ou em outro município – 2010.	63
GRÁFICO 6 - Queimados – RJ. Número de pessoas ocupadas, com carteira assinada, por setores de atividade econômica – 2013.	85

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1. Mundo. Salário-hora na produção têxtil – final dos anos 1990.	29
TABELA 2. Rio de Janeiro. Número de estabelecimentos industriais – 2003 – 2011.	36
TABELA 3. Queimados. Investimentos industriais - 1996-2006 (Ordem cronológica).	38
TABELA 4. Queimados-RJ e Duque de Caxias-RJ. Investimentos industriais - 1996- 2006.	41
TABELA 5. Rio de Janeiro. Exportação de mercadorias por município – 2009 – 2012.	53
TABELA 6. Rio de Janeiro. População dos municípios e distritos periféricos segundo a localização – 1940 – 1960.	60
TABELA 7. Queimados (RJ). Domicílios particulares por faixas de renda* - 2000 – 2010.	65
TABELA 8. Queimados-RJ. Frota de veículos do município - 2007 a 2014.	74
TABELA 9. Baixada Fluminense. Número de empregos formais – 2007 – 2012.	75

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Queimados-RJ. Principais externalidades positivas do Distrito Industrial – 2014.	50
QUADRO 2 – Queimados- RJ. Franquias estabelecidas recentemente - 2016.	80

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAPQ – Associação dos Amigos para o progresso de Queimados

ASDINQ – Associação das Empresas do Distrito Industrial de Queimados

CEPERJ – Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Estado do Rio de Janeiro

CODIN – Companhia de desenvolvimento industrial do Rio de Janeiro

DNOS – Serviço de Saneamento da Baixada Fluminense

EFCB – Estada de Ferro Central do Brasil

FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

FNM – Fábrica Nacional de Motores

FUNDEF/FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental/
Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

LAGEPPE – Laboratório de Geografia Política Econômica e Práticas Educativas

MRS - – Malha Regional Sudeste [da Rede Ferroviária Federal]

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
Profissionais da Educação

REDUC – Refinaria Duque de Caxias

RMRJ – Região Metropolitana do Rio de Janeiro

SIUP – Serviços Industriais de Utilidade Pública

TCE –RJ – Tribunal de Contas do Estado

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

ZENQ – Zona Especial de Negócios de Queimados

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	18
2. O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL-PRODUTIVA EM CURSO NA BAIXADA FLUMINENSE	25
2.1 – O processo de reestruturação produtiva e a “deslocalização de fábricas”: breve contextualização	24
2.2 A chegada dos investimentos industriais na periferia metropolitana	31
2.3 A emancipação de Queimados e o surgimento do “eldorado logístico metropolitano” --	42
3. A CHEGADA DE NOVOS AGENTES ECONÔMICOS E AREESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO	54
3.1 O fim das “cidades dormitórios” e a emersão da periferia como “lugar de trabalho” ----	55
3.2 O processo de desconcentração comercial e as novas centralidades na “antiga periferia”: a chegada das franquias	70
3.3 A requalificação do centro comercial: a forma urbana que se adequa as necessidades do consumo	86
3.4 Algumas notas críticas sobre os limites do “novo protagonismo dos governos locais”-	100
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXOS	119

APRESENTAÇÃO

O interesse por estudar a Baixada Fluminense¹ surgiu ainda no período da graduação. Pode-se afirmar que esta dissertação teve início quando fui convidado pelos professores Leandro Dias e André Rocha a integrar o projeto de pesquisa intitulado “*O processo de reestruturação territorial-produtiva no oeste metropolitano fluminense*”, vinculado ao LAGEPPE (Laboratório de Geografia Econômica Política e Práticas Educativas). Agraciado com uma bolsa de iniciação científica comecei a dar os primeiros passos em um grupo de pesquisa, foi neste momento que me familiarizei com o “ambiente da pesquisa”, debatendo textos com os companheiros do grupo de estudos, preparando resenhas e fichamentos de artigos, apresentando trabalho em simpósios de Geografia, realizando trabalhos de campo, dentre outras atividades que fazem parte da rotina de quem “faz ciência”.

No primeiro ano de iniciação científica (2012-2013) enfrentei o desafio de pesquisar um lugar no qual eu “não nasci e não cresci”, (meu primeiro contato com as discussões envolvendo o assunto foi neste período). Dentre inúmeras constatações que realizamos, um fato nos chamou a atenção em particular: A Baixada Fluminense definitivamente não era mais a mesma, a periferia marginalizada das cidades-dormitórios, estigmatizada pela violência e marcada pela ação de grupos de extermínio não se fazia presente em nossas análises. Uma simples viagem pela Rodovia Presidente Dutra no trecho correspondente a essa região é suficiente para constatar o surgimento de uma “Nova Baixada”, onde distritos industriais, galpões logísticos e anúncios de novos investimentos previstos despontam nas margens da estrada.

As representações na mídia também evidenciam uma transformação no que comumente se define como Baixada Fluminense (Percebemos em nossa pesquisa que delimitar essa região é um exercício muito mais árduo do que parece). Se anteriormente

¹ A denominação “Baixada Fluminense” esconde inúmeras definições e propostas de regionalização que variam de acordo com a época e quem a estuda. Inúmeros debates já foram realizados acerca da dificuldade sobre a sua delimitação; as propostas variam, existindo visões interpretadas pelas instituições de turismo, pelas prefeituras locais, por fundações estatísticas, e de inúmeros outros órgãos. Podemos afirmar que “se torna complexa a indefinição territorial da Baixada, uma vez que sua composição está à mercê de diferentes representações” (ROCHA, 2011, p. 25); ou mesmo que: “não existe um consenso geral do que seja a Baixada Fluminense, quais os seus limites e os municípios que a compõe. A cada trabalho sobre essa região reabre-se o debate” (SIMÕES, 2011, p.14).

Em nosso trabalho a todo o momento que estivermos nos referindo a “Baixada Fluminense” utilizaremos a concepção de Simões (2006) de “*Baixada reduzida*”, ou “*Grande Iguaçú*” que corresponde a todos os municípios que tem origem no desmembramento da Vila do Iguaçú e a Vila Estrela e apresentam uma relativa similaridade em seu histórico de ocupação: Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçú, Queimados e São João do Meriti.

(principalmente durante os anos 1970/80) as narrativas envolvendo a Baixada se concentravam em mortes violentas, atuação de políticos ligados a grupos de extermínio, e uma região “onde a lei do gatilho prevalece”, hoje em dia, os jornais mencionam a todo o momento que a Baixada “respira os ares do futuro”, e que é a área “mais propícia a investimentos do estado”.

Infelizmente, a chegada dos investimentos industriais não significou necessariamente a melhoria dos indicadores sociais, inúmeros problemas históricos ligados a Baixada prevalecem, como o déficit de saneamento básico, as dificuldades de locomoção devido ao péssimo sistema de transporte intermunicipal, as enchentes, que transformam o verão na estação das tragédias climáticas, dentre inúmeros outros problemas. A cidade de Duque de Caxias talvez seja o símbolo máximo de como o crescimento econômico pode não significar melhorias sociais. No ano 2000 o PIB (Produto Interno Bruto) do município foi o sexto maior do país, a cidade era a terceira localidade com o maior número de exportações do país, contudo o IDH do município correspondia somente à posição 1796 (ROCHA, 2011). Concordamos com a análise dos professores Oliveira; Rodrigues, (2009) de que a industrialização da Baixada representa o surgimento de “novos paradigmas para velhos problemas”.

No segundo ano de pesquisa (2013-2014) fizemos uma opção metodológica: trabalhar com a escala municipal. Decidimos escolher o município que melhor representasse este novo momento econômico da Baixada. Esta mudança escalar nos permitira enxergar com mais precisão as transformações recentes na geografia econômica e urbana da Baixada. Não foi uma decisão difícil, mesmo que Nova Iguaçu e Duque de Caxias sejam os municípios mais importantes e tradicionalmente mais estudados, um município de dimensões territoriais pequenas, sede de um distrito industrial inaugurado em 1979, e emancipado recentemente (1991) começava a despontar em todos os indicadores econômicos e receber elogios constantes da FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro). O município de Queimados foi escolhido como objeto de estudo, e desta pesquisa elaboramos o meu trabalho de conclusão de curso, a monografia com o título “A Baixada Fluminense respira os ares do progresso: um estudo do Distrito Industrial de Queimados”, defendida e aprovada em 2014. Neste trabalho, nosso objetivo central era compreender porque o Distrito Industrial de Queimados se tornou tão atrativo para as indústrias e desvendar os impactos “político-econômicos” no território da chegada destes investimentos.

O término de uma monografia e a conclusão dos estudos de graduação normalmente nos suscitam mais dúvidas e questionamentos do que certezas e afirmações. No final da apresentação do trabalho de conclusão nos foi sugerido pela banca de avaliação, inúmeras possibilidades de continuação da pesquisa. Dentre as sugestões, houve um assunto que nos chamou a atenção em particular e que foi pouco explorado até então: “como estes investimentos impactam na produção do espaço urbano?”

Será que a chegada de novos agentes econômicos possibilitou a transformação da estrutura sócio-ocupacional do município gerando uma “heterogeneização social da periferia”? É possível continuar se referindo a Baixada Fluminense como lugar das “cidades – dormitório”? A transformação da estrutura produtiva da metrópole foi capaz de reestruturar o espaço urbano periférico, criando espaços de consumo e ressignificando o sentido de periferia?

Quando decidi submeter o projeto de pesquisa intitulado “O projeto de “requalificação urbana” do centro de Queimados e suas implicações no uso do território” ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), estava com todas estas indagações em mente. Durante estes dois anos (2015- 2016), o projeto previamente submetido sofreu algumas alterações circunstanciais, contudo manteve o questionamento norteador que é identificar as transformações no espaço urbano decorrentes da chegada de novos agentes econômicos. A mudança no título do trabalho que agora se denomina “Os novos usos do espaço urbano periférico: o processo de reestruturação urbana em Queimados-RJ” é um aceite de uma sugestão da banca de qualificação a fim de manter uma coerência maior com os objetivos gerais mais amplos estabelecidos pela pesquisa.

Este trabalho está dividido em três partes, na introdução apresentamos uma breve contextualização histórico-geográfica, delimitando o recorte temporal, geográfico e temático de nossa pesquisa. Neste capítulo também estão inseridos a justificativa, os objetivos gerais e específicos, além dos caminhos metodológicos que percorremos para conseguir respostas para nossos questionamentos.

A segunda parte desta dissertação é composta pelo capítulo intitulado “O processo de reestruturação territorial produtiva em curso na Baixada Fluminense”. Resgatamos as origens do processo de industrialização das regiões periféricas, que tem uma relação direta com a necessidade de “externalizar custos” das grandes indústrias. Também apresentamos os

motivos que explicam a industrialização da periferia metropolitana e como Queimados-RJ e seu distrito industrial a partir da emancipação em 1991 se transformam no “eldorado logístico da região”.

O terceiro capítulo se chama “A chegada de novos agentes econômicos a reestruturação do espaço urbano” e tem como objetivo apresentar as mudanças na estrutura urbana do município de Queimados. Pretendemos identificar as transformações que reestruturam a periferia conferindo novos usos ao espaço urbano periférico. A região conhecida pelas “cidades dormitórios” agora emerge como “lugar de trabalho e consumo” a partir da chegada de novos agentes econômicos importantes do setor comercial.

1. INTRODUÇÃO

O Município de Queimados emancipado no ano de 1991 de Nova Iguaçu, através da lei municipal 1.773, localizado na Baixada Fluminense a uma distância de 70 km da capital carioca, vem experimentando nos últimos anos uma onda de intenso crescimento econômico e apresentando indicadores expressivos tocantes a quantidade de estabelecimentos industriais e consequente aumento de seu Produto Interno Bruto (PIB). Segundo dados da Fundação CEPERJ² (Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Estado do Rio de Janeiro) o PIB municipal de Queimados no período de 2000 a 2011, aumentou 64%, o número de estabelecimentos industriais presentes no município foi durante o mesmo período de 66 para 122, representando um crescimento de 84%. Conjuntamente, o Valor Adicionado Fiscal arrecadado aumentou de 417 mil reais aproximadamente para 977 mil reais, crescendo 134%. Em reportagem recente a revista Exame apontou a cidade como o terceiro lugar na lista das 100 cidades com maior desenvolvimento econômico do país³. Ou seja, é possível perceber como uma cidade anteriormente tida como uma localidade periférica e ignorada pela mídia especializada, transforma-se em uma cidade com significativo dinamismo econômico se tornando a cidade símbolo do novo dinamismo econômico da Baixada Fluminense. O município que ao se emancipar enfrentava dificuldades orçamentárias e contava com apenas oito secretarias (HENRIQUE e COSTA, 2014, p. 27), atualmente tem um orçamento anual de 450 milhões de reais⁴.

Esse dinamismo econômico apresentado pela cidade tem relação direta com seu Distrito Industrial, que localizado as margens da Rodovia Presidente Dutra e próximo a grandes mercados consumidores, dispendo de significativa infraestrutura com os custos socializados pelo Estado, possibilita as empresas obter “externalidades positivas” incentivando o processo de desconcentração das unidades produtivas.

O século XX foi considerado para a Baixada Fluminense o “século da descentralização da indústria e da população pobre” (SIMÕES, 2006, p. 82). É justamente neste período que a periferia do Rio de Janeiro foi incorporada a célula urbana carioca

² Anuário Estatístico Fluminense, 2013. Disponível em: <<http://www.fundacaoceperj.br>>

³ Disponível em: [http://www.urbansystems.com.br/uploads/news/arquivo/melhorcidade_deseconomico .pdf](http://www.urbansystems.com.br/uploads/news/arquivo/melhorcidade_deseconomico.pdf). Acesso em: 20 de maio de 2014. Queimados aparece na 3ª posição com 6, 04 pts, em uma escala que vai de 0 a 14.

⁴ Informação oferecida pelo prefeito em entrevista concedida ao Jornal Extra dia 25 de novembro de 2015 “Edição Especial ”25 anos da emancipação.

(ABREU, 2013), exercendo fundamentalmente a função de local de moradia da classe trabalhadora. A expansão urbana se deu “*no balanço do trem*” e a expansão da malha ferroviária da Estrada de Ferro Central Brasil foi a grande indutora de núcleos habitacionais pela periferia metropolitana. As terras da área que até então cumpriam uma função essencialmente agrária ou funcionavam somente como reserva de valor fundiário são parceladas e vendidas, e o loteamento popular junto à autoconstrução tornam-se a “solução” para a questão da habitação popular (SIMÕES, 2006; 2011) levando-se em conta o encarecimento do valor da terra urbana próximo à área central.

Dessa maneira a formação “sócio-espacial metropolitana” se constituiu através de uma estrutura altamente hierarquizada e consolidando um modelo clássico de “centro-periferia” onde tínhamos

uma área central representada pela parte central da cidade do Rio de Janeiro, a zona sul dessa cidade e parte da cidade de Niterói e a periferia constituída pela zona oeste e pela baixada fluminense e pelos municípios da parte leste da baixada da Guanabara, como São Gonçalo e Itaboraí. Esta área central concentrava os investimentos públicos e privados, possuindo uma melhor infraestrutura [...] . Por outro lado nas periferias os investimentos públicos e privados eram escassos e a infraestrutura era precária, por isso, nestas áreas o custo dos imóveis é mais baixo e as condições de vida piores (SILVA, 2016, p. 12).

Contudo, se as áreas centrais em um primeiro momento geram externalidades positivas⁵ devido a presença de aglomerações de infraestrutura, mão-de-obra dentre outros, posteriormente os efeitos negativos desta aglomeração como “aumento constante do preço da terra, impostos e aluguéis, congestionamento e alto custo do sistema de transporte e comunicações, dificuldade de obtenção de espaço para expansão”, tendem a prevalecer, levando as indústrias a buscarem terrenos grandes e baratos nas áreas não centrais (CORRÊA, 1989).

Se a expansão dos loteamentos e da classe trabalhadora acompanhou a disposição da linha férrea, a expansão dos estabelecimentos industriais margeou a malha rodoviária. A abertura da Avenida Brasil (1946) e a inauguração da Rodovia Presidente Dutra (1952) foram essenciais para este processo. Terrenos próximos a estas rodovias sofreram intensa

⁵ Piquet (2007, p. 46) define como economias externas: “benefícios obtidos por uma empresa, advindos da implantação de um serviço público ou mesmo de outra empresa, mas que lhe proporcionem vantagem. Por exemplo, a construção de uma rodovia que resulte numa redução de custos para a empresa, possibilitada pelo melhor acesso aos fornecedores ou pelo aumento de compradores externos”.

valorização e se tornaram áreas que não fizeram parte do processo de parcelamento e loteamento, foram reservadas exclusivamente para a futura construção de galpões industriais - principalmente no caso da Via Dutra (SIMÕES, 2011; FURLANETTO et al., 1987).

A chegada da indústria na Baixada Fluminense altera a estrutura espacial e transforma estas cidades dormitórios em localidades economicamente dinâmicas, alguns centros regionais se consolidam como Nova Iguaçu (polo terciário) e a Duque de Caxias (polo petroquímico), e outros municípios menores recém-emancipados aumentaram sua importância na produção industrial do Estado do Rio de Janeiro.

Na década de 1990, a confluência de vários fatores como observaremos a seguir, reestruturou significativamente a região da Baixada Fluminense, este período é um momento de várias transformações, dentre as quais podemos enumerar:

1) Fragmentação de Nova Iguaçu através de emancipações de vários municípios (Japeri 1991; Queimados 1991; Belford Roxo 1993; e Mesquita 1999). Estas emancipações, para Simões (2006, p. 24), são uma demanda que perpassa por três fatores fundamentais: a busca pela identidade, por uma representatividade e a questão econômica.

2) A chegada de investimentos industriais e a retomada do crescimento econômico fluminense, sendo que a expansão industrial para a Baixada “redefine o papel de cidades anteriormente secundárias” (OLIVEIRA, 2009, p.9).

3) Uma ruptura na estrutura social homogênea geralmente ligada a formação da periferia, observamos em algumas cidades, (processo mais avançado em Nova Iguaçu)⁶, uma consolidação de um núcleo relativamente elitizado e a formação de uma nova classe de renda média com um maior poder aquisitivo, além do surgimento de novas centralidades para além da capital carioca, já que novos espaços de consumo “mais qualificados” surgem nestas áreas

4) Por fim, uma importante mudança na representação hegemônica sobre a Baixada, que durante muito tempo teve sua delimitação territorial definida pela violência e ação dos grupos de extermínio (ALVES, 2001), ou seja, com os limites territoriais da Baixada nunca foram muitos claros⁷ o que definia se determinada área pertencia ou não a Baixada era ser

⁶ Ver Furlanetto et al (1987); e Paganotto (2014)

⁷ Como já nos referimos anteriormente, não existe um consenso ou uma delimitação oficial sobre os “limites” da Baixada Fluminense, alguns órgãos como a Firjan definem a existência da Baixada I que tem como município central Nova Iguaçu e é compreendida por Mangaratiba, Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Queimados, Japeri, Mesquita e Nilópolis e a Baixada II, em que Duque de Caxias é o município central e a compõe Belford Roxo,

uma “localidade violenta”, contudo, essa representação estigmatizada começa a sofrer alterações e a ação de alguns atores como a FIRJAN, e a extinta associação dos prefeitos da Baixada Fluminense agem no sentido de transformar essa “imagem” e a partir de então é possível observar uma constante referência ao potencial logístico e industrial da localidade e uma exaltação de sua vocação industrial pela mídia. (ROCHA, 2011; 2014; HENRIQUE e COSTA, 2014).

Todas estas transformações nos conduzem a algumas questões essenciais, como por exemplo, até onde a antiga explicação baseada na relação centro-periferia composta por um “núcleo metropolitano hipertrofiado” (ABREU, 2013) e uma periferia carente de infraestrutura pode ser utilizada para explicar a realidade? Será que estamos diante de uma transformação estrutural nesta relação entre o núcleo metropolitano e seu entorno, ou a categoria periferia é apenas ressignificada?

Nossa hipótese principal é de que ainda que esta incipiente desconcentração industrial modifique o papel de alguns municípios na divisão territorial do trabalho e crie uma classe de renda com poder de consumo mais elevado, não rompe estruturalmente com o modelo centralizado da metrópole fluminense, afinal, por mais que o PIB Industrial do município do Rio de Janeiro, que em 1999 era responsável por 42,8% do PIB industrial fluminense, tenha reduzido para 19,63% em 2011 (CEPERJ, 2013), a capital ainda continua sendo um centro financeiro e de gestão, onde, por exemplo, no ano de 2012, 80% das aplicações de crédito de todo o estado foram realizados na cidade do Rio de Janeiro, e também 78% dos depósitos à vista do setor privado, além de possuir 1.171 agências bancárias de um total de 1.966 do Estado do Rio de Janeiro (Ibid).

Dessa maneira, a perda de unidades fabris não representa uma alteração hierárquica na relação centro-periferia, mas sim, uma transformação oriunda da reestruturação produtiva que tem como característica fundamental a “distinção entre o peri-produtivo à montante e à

Guapimirim, Magé, Miguel Pereira, Paty do Alferes, São João de Meriti. Porém consideramos essa regionalização muito simplista, alguns autores propuseram interpretações mais dinâmicas e complexas sobre a Baixada Fluminense como Alves (2001) que delimita a Baixada a partir das representações de violência e do histórico de carência de infraestrutura, em cima disso Rocha (2011) propõe uma interpretação a partir da “*geopolítica da inclusão-exclusão*”, onde alguns municípios dependendo da ocasião ora se apresentam como pertencentes a Baixada (com a finalidade de receber repasses federais e estaduais como os originários de programas como o “Baixada Viva” e o “Nova Baixada”, ora buscam uma associação com outros recortes regionais (para fugir da representação estigmatizada que atrapalharia o turismo), como Itaguaí que busca se associar a “costa verde”, Paracambi que tenta vincular sua imagem ao “vale do café” e Guapimirim que busca se associar a “região serrana”.

jusante” e a “oposição entre a indústria dos espaços metropolitanos e aquela das regiões periféricas” (FISCHER, 2009). Assim, há a separação entre gestão e produção, a “fragmentação dos processos de trabalho” (CHESNAIS, 1996), o que permite com que as empresas possam usufruir das vantagens de se permanecer em uma concentração metropolitana ao mesmo tempo em que se utilizam dos grandes terrenos e da mão-de-obra barata das regiões periféricas⁸. Essa transição de uma estrutura que era anteriormente baseada em uma forte concentração e especialização regionais em setores extrativos-manufatureiros para uma diversificação da divisão territorial-espacial do trabalho é uma característica primordial do novo regime de acumulação flexível pós década de 1970 (HARVEY, 2007).

Essas transformações geram uma profunda recontextualização do espaço urbano, a cidade caracterizada historicamente como uma “periferia marginalizada”, carente de infraestrutura e que comumente apresentou uma relativa “homogeneização social por baixo”, com um elevado fluxo de movimento pendular, se transformou. Novos usos foram conferidos ao espaço urbano periférico: as expressões de centralidade de seu centro comercial foram reforçadas e observamos se consolidar novos espaços de consumo através da chegada de grandes redes de lojas e das franquias. Outra novidade foi o surgimento de empreendimentos imobiliários de padrão médio e alto e, até mesmo, a chegada de um apart hotel de luxo (um dos primeiros da Baixada)⁹ que visa justamente atender a esta nova demanda de hospedagem para negócios.

Até mesmo a presença de arquitetos de renome (até então exclusividade das grandes cidades) projetando reformas urbanísticas com discursos pasteurizados envolvendo conceitos superficiais como desenvolvimento sustentável¹⁰ e com o objetivo de atingir um “padrão

⁸ Em um levantamento realizado durante a monografia identificamos que das 23 empresas instaladas no Distrito Industrial de Queimados 16 possuem o escritório administrativo na cidade do Rio de Janeiro ou em São Paulo, o restante são empresas de origem internacional.

⁹ Premier Flat - Localizado no município de Queimados, é tratado, inclusive pelo governo municipal, como um “importante feito” que destaca o desenvolvimento da região. Uma posição singular está no papel da prefeitura da divulgação deste apart-hotel, que só foi possível diante de uma revisão do plano diretor municipal, implicando radicalmente uma mudança na norma do território. A representação do progresso, neste caso, incidiu sobre lógica material e legislativa no caso de Queimados, colocando em clara evidência a apropriação do território. (ROCHA, 2014, p. 144)

Atualmente, 70% dos seus 156 apartamentos já estão vendidos. Sua chegada visa justamente atender a nova demanda de hospedagem para negócios criada pelo novo dinamismo econômico da região. A Zoneeng empresa responsável pelo empreendimento tem em seu catálogo construções realizadas na Barra da Tijuca e no centro do Rio de Janeiro.

¹⁰ Arquiteto e urbanista visita Queimados para desenvolver projeto de requalificação do centro do município – disponível em < <http://www.queimados.rj.gov.br/print.asp?id=1075>>, acesso em 10 nov. 2015. - Segundo as palavras do próprio arquiteto (pertencente ao ateliê metropolitano e que assinou as obras do teleférico do complexo do alemão e da rampa de Manguinhos): “O que precisamos é ampliar a arborização, adequando-a nas

estético mais arborizado e mais harmonioso a fim de criar um lugar mais moderno e sustentável” (PREFEITURA DE QUEIMADOS, 2014, s/p) também é encontrada agora na periferia metropolitana. A cidade do pensamento único e seu discurso empreendedorista de “vender a cidade” “vinculado ao prefeito gestor mais afeito aos negócios do que a política” (VAINER, 2000) substituiu na Baixada, a liderança carismática popular/paternalista.

O espaço urbano foi transformado profundamente e observamos que a “cidade perfume” dos laranjais de outrora, pertence atualmente a um distante e saudoso passado¹¹ (HENRIQUE e COSTA, 2014).

Esta pesquisa se justifica, portanto, entre outros motivos, pela necessidade premente de analisar a atual expansão¹² de investimentos produtivos na Baixada Fluminense. Se durante os anos 1980 o Rio de Janeiro esteve marcado por um processo de evasão de fábricas, e migração de sedes empresariais para São Paulo, época conhecida como “década perdida” (LESSA, 2001) atualmente ocorre um relativo refluxo desta tendência. O Rio de Janeiro nos anos 1990 e 2000 recupera parcialmente seus indicadores econômicos (ver OLIVEIRA, 2003) se tornando novamente um polo atrativo de investimentos que merece estudos mais aprofundados. Dessa maneira, torna-se importante investigar as mudanças espaciais – os “novos locais, formas, modelos e funções produtivas” – resultantes deste processo em curso (ROCHA e OLIVEIRA, 2013).

Também vale ressaltar, a importância de se estudar como uma localidade desvalorizada historicamente – como representação de um lugar de exclusão social e econômica da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – está progressivamente se tornando um importante polo de desenvolvimento econômico do estado.

Por fim, é importante ressaltar, que através desta pesquisa, será possível suprir uma necessidade histórica e latente da Baixada Fluminense por trabalhos de enfoque regional, essa área, componente da metrópole Rio de Janeiro, exerce indiscutível papel na divisão territorial

ruas, praças, às margens dos rios. É uma forma de colorir a cidade. Acredito nessa relação harmônica entre a massa verde e massa construída”

¹¹ No último censo do IBGE (2010) Queimados foi classificada como uma localidade 100% urbana, e segundo o levantamento do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) haviam somente três estabelecimentos agropecuários cadastrados empregando 17 pessoas no período de 2008 a 2015, enquanto que no mesmo período 4970 pessoas foram admitidas no setor industrial.

¹² Quando mencionamos esta “expansão dos investimentos produtivos no Estado do Rio de Janeiro” estamos nos referindo a um recorte temporal que vai até meados de 2012/2013. Não foi nosso objetivo (nem tínhamos condições para tal) avaliar o impacto no projeto “neodesenvolvimentista” das medidas de austeridade fiscal e corte de investimentos por parte do novo governo.

do trabalho do Rio de Janeiro, e ocupou durante um período significativo um destaque secundário nos trabalhos acadêmicos - os municípios de Nova Iguaçu e Duque de Caxias costumam ser mais pesquisados, contudo os outros municípios menores e recém-emancipados ainda carecem de mais investigações e publicações -, sendo resgatadas somente recentemente as discussões em torno da região devido a sua importância crescente no desenvolvimento econômico do estado.

O objetivo central desta pesquisa é compreender o processo de reestruturação urbana em curso na periferia metropolitana através do município de Queimados-RJ, identificando como a chegada de investimentos industriais na periferia da região metropolitana a partir dos anos 1990, impacta na produção do espaço urbano na Baixada Fluminense.

O objetivo central da pesquisa se desdobra em alguns objetivos específicos, que são:

- Comprovar a consolidação da periferia como um espaço de consumo, através da análise da chegada de novos agentes econômicos urbanos, em especial, as grandes redes e franquias.
- Compreender as mudanças na estrutura urbana - sua organização interna - e os seus novos papéis assumidos na Divisão Territorial do Trabalho Metropolitano do município de Queimados-RJ.
- Analisar as práticas utilizadas pelo poder público para atrair investimentos - ofertas de terrenos, isenções fiscais, oferta de infraestrutura etc - e suas influências na produção do espaço urbano.

A fim de cumprir com os objetivos previamente propostos realizamos os seguintes passos metodológicos: (i) *revisão bibliográfica* sobre os temas desenvolvidos na pesquisa; (ii) *aquisição de dados secundários*: IBGE cidades, Fundação Ceperj – anuário estatístico, Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, MTE CAGED (Ministério do Trabalho e Emprego - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados); (iii) *trabalhos de campo* para registro fotográfico e entrevistas informais na área pesquisada; (iv) *entrevista formal* com a secretaria de urbanismo (realizada no dia 26/09/2016) – o questionário consta nos anexos.

2. O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL- PRODUTIVA EM CURSO NA BAIXADA FLUMINENSE

A década de 1990 representa para a Baixada Fluminense um momento de ruptura em ocasião de mudanças no padrão de localização industrial. Se em momento precedente o termo “Baixada” representava o cinturão de pobreza que cercava o núcleo da metrópole, progressivamente as representações sobre esta vêm mudando.

Neste capítulo pretendemos apresentar as mudanças em curso na metrópole fluminense e analisar a natureza dessas mudanças que reestruturam o território da Baixada. Segundo (OLIVEIRA, 2014, p. 236) – essas mudanças são “territoriais-produtivas”: “porque envolvem relações de poder e novas espacializações econômicas e sociais e, (...) porque está calcada em um novo modelo econômico flexível”.

2.1 O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E A “DESLOCALIZAÇÃO DE FÁBRICAS”: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Soja, (1993, p. 195) define reestruturação como “uma ruptura nas tendências seculares (...) uma modificação em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes”. Este processo resultou da necessidade de readequação do capitalismo em seu modo de acumulação, uma vez que na década de 1970 o mesmo enfrentava uma grave crise global, tornando-se incapaz de conceber as seguidas taxas de crescimento e manter seu modo de produção fordista e sua gestão estatal de “bem estar social” (HARVEY, 2012). Os intitulados por Hobsbawm (2012, p. 253) de “trinta anos dourados” escondiam contradições latentes do sistema capitalista, que não podiam mais ser “espremidas” e iriam desembocar em uma verdadeira reestruturação do modo de produção.

As décadas anteriores foram marcadas pela necessidade de uma reconstrução do mundo destruído pela guerra e pela constante “ameaça” da expansão da influencia soviética, e assim, principalmente nos países europeus, ocorre uma relativa articulação entre capital e trabalho, sendo concedida aos trabalhadores uma série de seguidos ganhos no campo social. Os sindicatos também se fortaleceram, e os trabalhadores dos países centrais passaram a desfrutar de uma condição de vida relativamente melhor, entretanto, esta condição imprimia a

necessidade cada vez maior de seguidos gastos por parte do Estado que compensava esta situação utilizando-se do direito de imprimir mais moeda, o “*seigniorage*”, o que gerou um déficit inflacionário e por fim resultou em uma intensificação da inevitável crise. (HARVEY, 2012).

A estagnação econômica, os altos índices inflacionários e o crescente aumento do poder de barganha da classe trabalhadora sindicalizada e organizada obrigaram o capital a se reestruturar e buscar alternativas ao regime fordista de produção e a política keynesiana, ou seja, “como resposta do capital à sua própria crise, iniciou-se um processo de reorganização produtiva em escala global” (ANTUNES, 2005, p. 85).

A partir deste momento, o breve “pacto capital-trabalho” se rompe e a grande questão que se tornará central no debate capitalista será encontrar uma maneira de atacar o “crescente poder do trabalho”, com isso:

O crescente poder do trabalho organizado por todos os Estados nucleares do sistema global elevou o nível de gastos sociais, bem como os custos com salários, o que implicou a redução dos lucros. Disso decorreu a estagflação. As oportunidades de lucro desapareceram, e surgiu uma crise de sobreacumulação do capital. O endividamento crônico em que muitos governos caíram devido a vastos investimentos em infraestruturas físicas e sociais produziram uma crise fiscal (HARVEY, 2012, p. 57).

O regime fordista se mostrava, portanto, incapaz de produzir as mudanças necessárias à revitalização da acumulação capitalista, que necessitava acelerar o tempo de giro do capital e manter as suas taxas de acumulação. Inicia-se uma “luta contra a rigidez fordista” (BENKO, 1996).

As medidas encontradas para a solução desta estagnação econômica para Harvey (2007, p. 137 *grifo nosso*) foram as seguintes: [1] busca por novas linhas e novos nichos de mercado; [2] intensificação do controle do trabalho; [3] mudanças tecnológicas como a automação; e [4] *dispersão geográfica para zonas de controle de trabalho mais fácil*.

Essas medidas surgem majoritariamente em um estudo realizado pelo engenheiro da Toyota Taiichi Ohno, que ao observar as características das fábricas americanas e europeias definiu que elas eram dispendiosas demais de tempo e de pessoas. Assim irá formular uma série de pressupostos administrativos visando a flexibilização destas relações fabris, buscando superar a crise econômica por meio da produção *just-in-time* e a intensificação do controle do trabalho, aliadas às mudanças tecnológicas como a automação:

O ponto de partida para o sistema Toyota consiste na crítica que elabora ao fordismo. Este é dissipatório, essencialmente montado sobre o desperdício escreve Ohno. A superprodução, os tempos de espera, os transportes desnecessários, os processos de fabricação, os estoques não vendidos, as idas e vindas perdidas e os defeitos de produção são perdas (DAL ROSSO, 2008, p. 63)

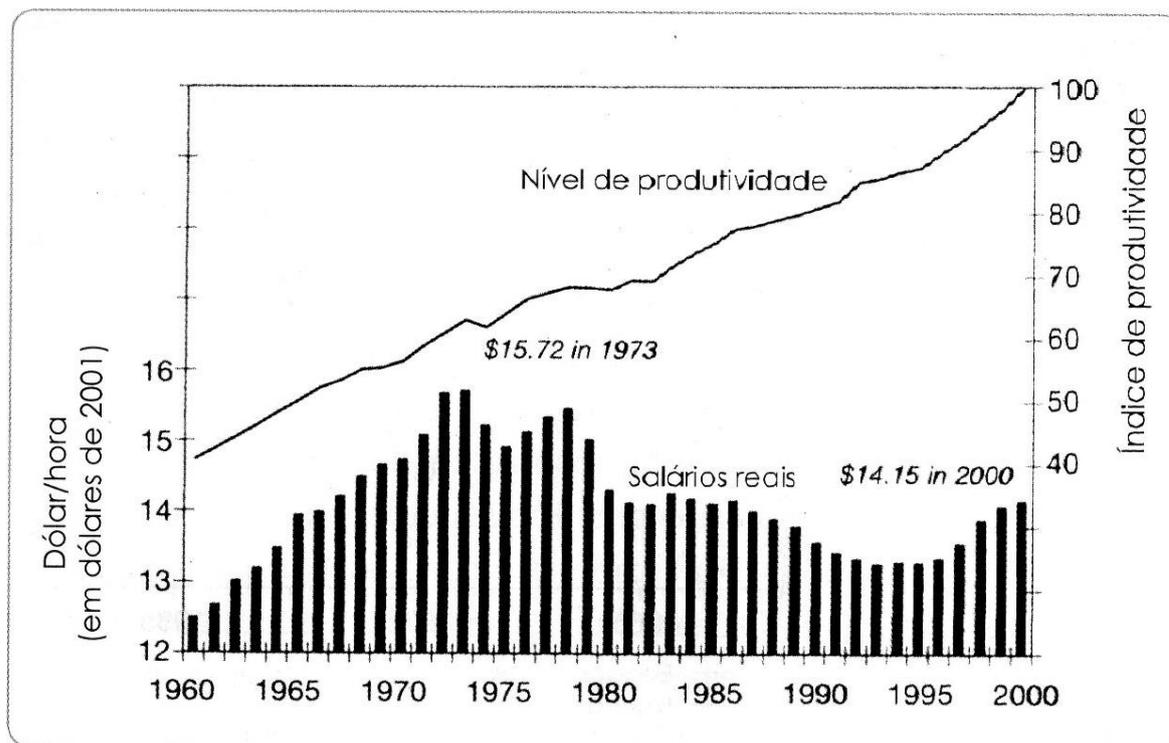
Neste momento o modelo toyotista de gestão fabril vai se inserindo no universo da produção, também conhecido como “acumulação flexível”, e irá influenciar seguidamente todas as esferas do mundo produtivo contemporâneo. Um ponto fundamental em suas proposições era a necessidade da degradação constante do poder do trabalho, que deveria ser submetido a múltiplas funções, e elevando ao máximo a noção de produtividade.

O modelo toyotista, formulado pelo engenheiro Taichi Ohno, é centralizado na ideia da produtividade, ele enfatiza frequentemente que a força da empresa não está no número de empregados que possui, mas sim em sua capacidade de produzir o máximo possível com o menor contingente necessário (Ibid.) Estes processos estruturais de ataque ao trabalho predominam hoje nos “lemas administrativos” que enfocam a “produção sem gordura de pessoal” e a “fragmentação dos processos de trabalho” (CHESNAIS, 1996, p. 28).

Benko (1996, p. 19 e 20) menciona que “o capital, tendo como principal objetivo a restauração do lucro, questiona o ‘compromisso’ da relação salarial num esforço para tornar concorrencial o conjunto de componentes da relação salarial fordista”. Ou seja, as novas estratégias capitalistas concentram-se no binômio “racionalização/flexibilidade”.

O sucesso destas medidas organizacionais fica evidente quando observamos no gráfico a seguir como a partir da década de 1970, nos Estados Unidos, enquanto os salários reais decrescem, acontecia simultaneamente um aumento considerável da produtividade, consequências diretas da adoção dos modelos administrativos e produtivos do sistema de acumulação flexível (gráfico 1.):

GRÁFICO 1 – E.U.A. Ataque ao trabalho: salários reais e produtividade - Estados Unidos.



Fonte: HARVEY, D. 2011, p. 34.

Podemos definir, portanto que

Esse período caracterizou-se, desde então, por uma ofensiva generalizada do capital e do Estado contra a classe trabalhadora e contra as condições vigentes durante a fase de apogeu do fordismo (ANTUNES, 2005, p. 85).

Outra medida essencial tomada visando a recuperação das taxas de acumulação, e que se constitui como ponto fundamental da reestruturação produtiva é a dita “fuga das fábricas” para regiões de controle de trabalho mais fácil. Pois,

o custo do trabalho sempre foi a maior preocupação dos capitalistas. Todos sabemos como os empregadores se esforçam para reduzir o nível de salários e como os trabalhadores lutam inversamente, para aumentá-lo. (...) A redução de salários torna-se, então, uma prioridade para os capitalistas enfrentarem a concorrência. O meio mais simples e mais eficaz para alcançá-la é conhecido nos Estados Unidos como a “fuga de fábricas”, quer dizer, a “deslocalização” de unidades de produção rumo a zonas com salários mais baixos (WALLERSTEIN, 2007, p. 86-87).

A facilidade atribuída à mobilidade do capital pelo planeta oriunda da “compressão espaço-tempo”, fruto do desenvolvimento tecnológico dos meios de transporte e dos meios de

comunicações (HARVEY, 2007), permitirá as plantas fabris se espalharem pelas regiões periféricas do mundo capitalista, buscando sempre “externalizar custos”, visando regiões com legislações trabalhistas mais frágeis, poucas ou nenhuma leis de restrições ambientais, governos dispostos a ceder isenções fiscais e terrenos, dentre inúmeras outras vantagens.

Esta mobilidade do capital produtivo vai ser fundamental no mundo que emerge pós década de 1970, pois para François Chesnais

a liberalização e a desregulamentação combinadas com as possibilidades proporcionadas pelas novas tecnologias de comunicação decuplicaram a capacidade intrínseca do capital produtivo de se comprometer e descomprometer, de investir e desinvestir; numa palavra, sua propensão à mobilidade. Agora o capital está a vontade para por em concorrência as diferenças no preço da força de trabalho entre um país – e, se for o caso, uma parte do mundo – e outro (CHESNAIS, 1996, p. 27 e 28, grifo nosso).

As enormes diferenças tocantes à mão-de-obra ao redor do mundo ficam evidentes na tabela a seguir, que diferencia seu custo no setor têxtil no final da década de 1990 em diferentes países (tabela 1.):

TABELA 1 – Mundo. Salário-hora na produção têxtil – final dos anos 1990.

Países	Salário-hora na produção têxtil
<i>China</i>	\$0,30
<i>México e Coréia do Sul</i>	\$2,75
<i>Hong Kong e Taiwan</i>	\$5,00
<i>Estados Unidos</i>	\$10,00

Fonte: adaptado de HARVEY, 2011, p. 149 (Org. própria)

Enquanto que o custo de se estabelecer em um país central como os Estados Unidos é de aproximadamente \$10,00, por hora na produção têxtil, o mesmo trabalho pode ser realizado em Hong-Kong, Taiwan, México, Coréia do Sul e China por valores significativamente reduzidos. As vantagens tocantes a essa facilidade de mobilidade são evidentes, pois se torna possível ao capital industrial explorar essas enormes diferenças regionais de custo da mão-de-obra, aumentando seu “poder de barganha” em relação à classe trabalhadora.

Através desta da mudança das plantas fabris para regiões periféricas e do enfoque administrativo na produtividade e da “flexibilização das relações de trabalho”, o sistema

capitalista “contorna” sua crise da década de 1970 e se “reorganiza” para manter as taxas de crescimento necessárias a seu funcionamento. Esses ajustes “espaço-temporais” (HARVEY, 2007) irão moldar e remodelar o espaço geográfico das regiões periféricas, criando um cenário de verdadeira “destruição criativa”, dessa forma, localidades até então ignoradas pelo capital industrial se tornarão repentinamente “oásis” de crescimento econômico e “modelos” de eficiência de desenvolvimento regional, pois

a acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas. (...) Ela também envolve um novo movimento de “compressão do espaço-tempo” no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitam, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado (HARVEY, 2007, p. 140).

Segundo Benko (1996, p. 20) essa deslocação das unidades para zonas de baixos salários cria um paradoxo onde à crise do fordismo nos países centrais ressuscita fordismos periféricos. É neste contexto que se insere a expansão das atividades industriais e produtivas da Baixada Fluminense. Esta região surge, portanto, como um cenário propício para estes investimentos, devido ao seu grande contingente populacional que compõe um extenso exército industrial de reserva, além é claro, da de governantes dispostos a oferecer inúmeras isenções fiscais para atrair os empreendimentos industriais:

a abundância de mão-de-obra, com baixa organização sindical, possibilitava a formação de amplo exército industrial de reserva em condições que favoreciam a compressão dos salários. É fácil perceber que a espacialização das atividades industriais na Baixada Fluminense foi fortemente influenciada pela disposição geográfica dos eixos rodoviário e ferroviário (Alberto de OLIVEIRA; RODRIGUES, A. O. 2009, p. 131).

Nas décadas de 1980/90 o processo de inserção competitiva do território brasileiro na economia globalizada se intensificou e a partir deste período a Baixada Fluminense sofrerá intensas transformações em sua estrutura econômica, política, social e urbana decorrentes da chegada de massivos investimentos industriais em seu território.

2.2 A CHEGADA DOS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS NA PERIFERIA METROPOLITANA

Davidovich (2000, p.15) define que mudanças importantes vêm acontecendo na metrópole fluminense nas últimas décadas do século XX, sendo que estas transformações são decorrência direta do processo de reestruturação produtiva. Essa região que historicamente foi marcada por um altíssimo índice de concentração espacial, um território “macrocefálico” concentrando população, atividades e recursos, vem respondendo as novas necessidades da globalização que obriga aos territórios adotar um novo padrão de “produtividade espacial” buscando fluidez e circulação (SANTOS, 2012).

A partir dos anos 1960 e 1970 uma política de desconcentração industrial teve início a partir da expansão das rodovias, e posteriormente nos anos 1980 e 1990 surgem de fato “pontos de apoio da metrópole, (...) cidades que se sobressaem como lugares mais atraentes para a realização de negócios” (DAVIDOVICH, 2000, p. 15). Ou seja, novas cidades estão se capacitando para diminuir os custos da produção.

Neste contexto, a Baixada desponta como uma área importante para o desenvolvimento da economia fluminense, seu enorme “mercado consumidor potencial” e suas “vantagens locacionais” contribuem para esta região se tornar paulatinamente o local mais propício a receber investimentos industriais no estado do Rio de Janeiro.

Esse espraiamento produtivo consolidou primeiramente dois grandes polos regionais importantes: Nova Iguaçu e Duque de Caxias. A primeira é um grande centro comercial, de serviços e polo cosmético, além de ser alvo de intensos investimentos imobiliários em um período recente. Enquanto que a segunda cidade é sede de uma importante refinaria de petróleo: a REDUC (Refinaria de Duque de Caxias) e possuía em 2000 o 6º maior PIB do Brasil e uma renda média per capita de aproximadamente quatro salários mínimos (SIMÕES 2011). Nos anos 1990 a Baixada passa por um processo de seguidas emancipações e uma intensa reestruturação política, (ver SIMÕES, 2006), neste cenário municípios menores surgem e aumentam sua autonomia para realizar políticas de atração de investimentos industriais.

Oliveira (2016, p. 12) fala em “trans-borda-mentos” para se referir as novas centralidades econômico-industrial-logísticas da “borda oeste metropolitana”, segundo o autor, estamos assistindo a uma verdadeira “reformulação da cartografia fabril metropolitana do Rio de Janeiro” em que emergem novos vetores produtivos nestas cidades recém-emancipadas como Japeri, Queimados e Seropédica, transformando lugares marcados anteriormente como ambientes exclusivos de “lotes residenciais”.

Em reportagem do dia 30 de março de 2010 a prefeitura de Queimados publica a seguinte reportagem em sua página¹³: “Empresas descobrem o Distrito Industrial de Queimados” na qual afirma o seguinte:

Emancipada há apenas 20 anos do município de Nova Iguaçu e com um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano - ocupa a 73ª posição entre as 91 cidades do Estado do Rio de Janeiro, com IDH de 0,732 -, *Queimados, na Baixada Fluminense, esta respirando os ares do futuro* (Prefeitura de Queimados, s/p, 2010, *grifo nosso*).

Esse exemplo nos dá uma pequena dimensão da mudança de representação do papel da Baixada Fluminense na divisão do trabalho metropolitano fluminense. Constantemente referida nos anos 1970 e 1980 como “terra sem lei”, “câncer vizinho” e “Terra de ninguém”, nos anos 1990 os mesmos meios de comunicação abordam a região a partir dos seguintes termos: “novo ABC”, “ABC Fluminense”, e “Novo polo de desenvolvimento do Estado do Rio” (ENNE, 2013, p. 15 e 17).

A ideia de que a Baixada possui um papel decisivo na economia do Rio de Janeiro se consolida a partir do governo Marcello Alencar que investiu massivamente em publicidades sobre seu potencial mercado consumidor – que era o 4º maior do país segundo a Firjan – e sobre os investimentos industriais que chegavam (ALVES, 2001, p. 170).

Rocha (2014, p 125, 126) também define a década de 1990 como um momento de transição, um período em que o processo de reestruturação urbana e econômica da Baixada cria novos sentidos para a região, e aparecem novas lógicas de produção e de consumo oriundas de um processo maior de espraiamento produtivo da metrópole. A Baixada é definida pelo mesmo autor como um “*distante que é perto*” (ROCHA, OLIVEIRA, 2010,

¹³ Disponível em: <<http://queimados-rj.blogspot.com.br/2010/03/empresas-descobrem-o-distrito.html>> acesso em 20/10/2016

p.8). Afinal é uma localidade longe o suficiente das aglomerações urbanas que geram deseconomias externas (poluição, engarrafamentos, encarecimento do valor dos terrenos), mas ainda, perto o suficiente de dois grandes mercados consumidores (Grande Rio e Grande São Paulo). A nova funcionalidade da Baixada corresponde, portanto, “a própria demanda da produção industrial por mais espaços e a um menor custo que fosse viável a sua instalação, o que levará a incorporar os espaços próximos da metrópole”.

No decorrer do século XX alguns empreendimentos industriais se estabeleceram previamente na Baixada Fluminense, estes investimentos eram caracterizados por capital majoritariamente estatal e compor de uma política industrial “nacional-desenvolvimentista” (a inauguração da Fábrica Nacional de Motores [FNM], por exemplo, era um importante instrumento da política do presidente Getúlio Vargas de “substituição de importações”).

Os principais empreendimentos deste período se aproveitaram da ampla disponibilidade de terrenos que teve o acesso facilitado devido a expansão da malha rodoviária fluminense -principalmente a construção da Avenida Brasil – 1946 e da Rodovia Presidente Dutra – 1950 (ABREU, 2013, p 103).

No mapa a seguir (figura 1.) estão localizados estes empreendimentos que são: o Complexo Químico da Bayer do Brasil, em Belford Roxo (1958); a Fábrica Nacional de Motores – FNM (1942); e a Refinaria de Duque de Caxias - REDUC (inaugurada em 1961) ambas no Município de Duque de Caxias, e o Distrito Industrial de Queimados (inaugurado em 1979);

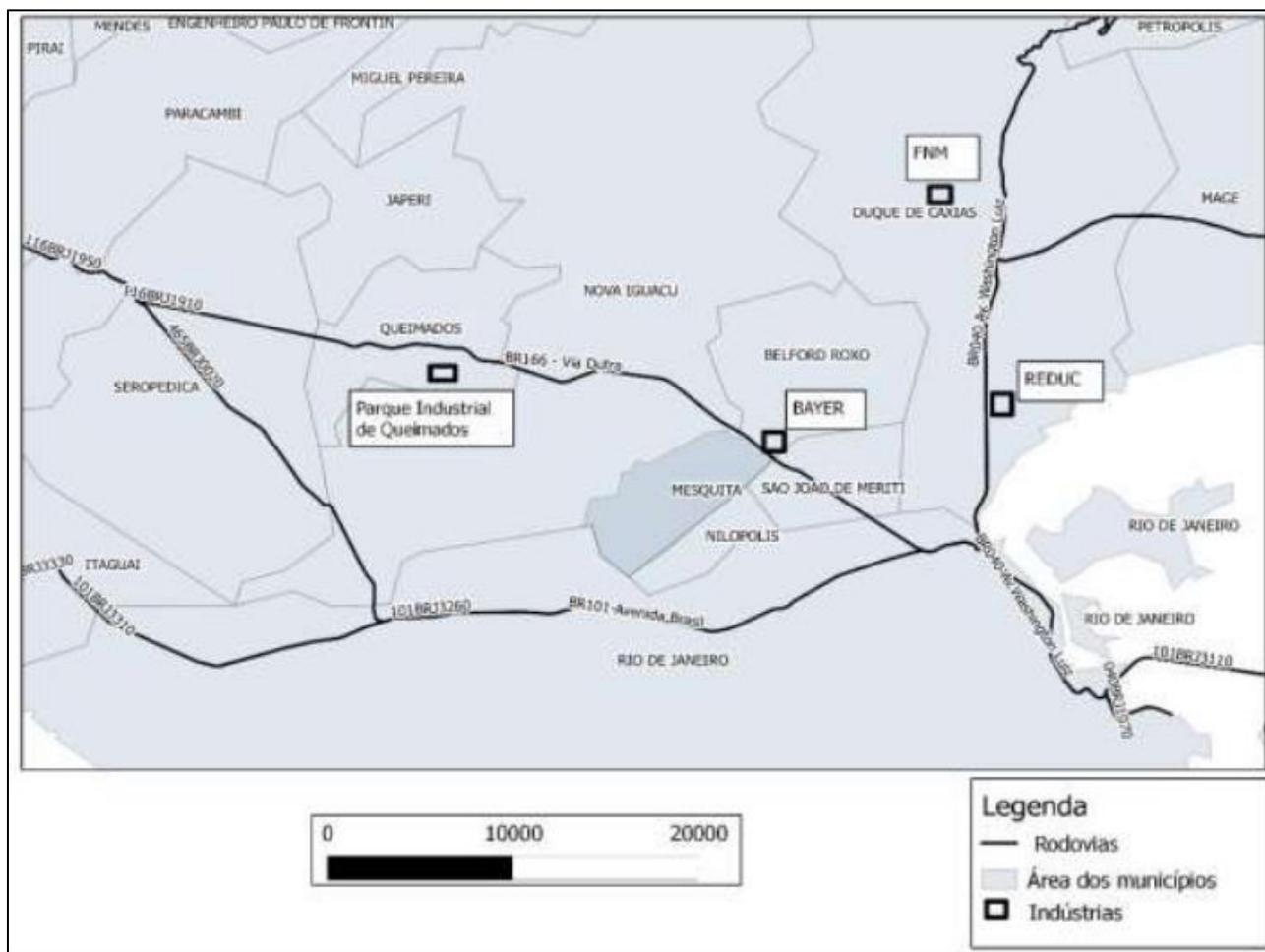


Figura 1. Baixada Fluminense. Localização das Indústrias inauguradas e sua proximidade com as rodovias – Século XX.
 Fonte: Rocha, 2014, p. 125.

Da mesma forma que a expansão e eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil [EFCB] permitiu a expansão dos loteamentos populares e o espraiamento da população fluminense para os municípios da Baixada (ABREU, 2013), a expansão da malha rodoviária foi um fator preponderante para a consolidação do potencial logístico-industrial da área. (DAVIDOVITCH, 2000; 2001). A potencialidade deste território pode ser confirmada ao se constatar que parcelas enormes de terrenos não foram loteadas na época da “febre dos loteamentos residenciais” e mantidas visando à futura construção de galpões industriais. (SIMÕES, 2011; FURLANETTO et al, 1987).

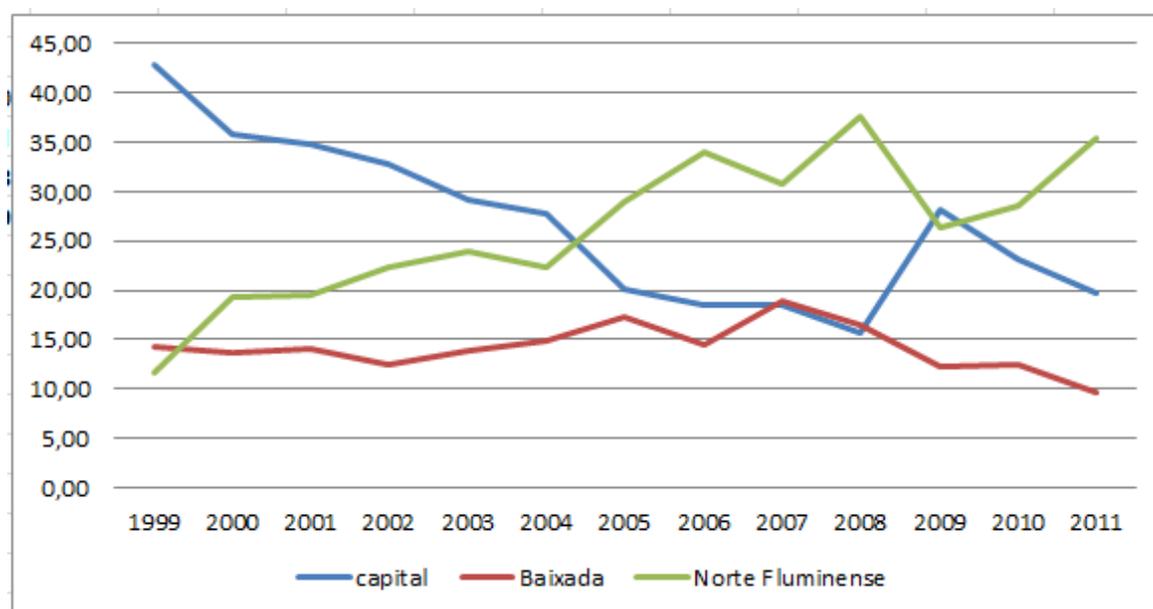
Apesar destes empreendimentos industriais pontuais antecessores, somente a partir dos anos 1990 que ocorre um aumento dos investimentos industriais na Baixada e que esta se consolida de fato como um importante polo fabril fluminense. Os seguintes fatores contribuíram para este processo:

1) Segundo Benko (1996, p.148) a concentração espacial da produção pode-se tornar desvantajosa devido ao desenvolvimento excessivo da aglomeração. Esses efeitos negativos têm duas origens diferentes: sociopolítica e econômica. Os fatores econômicos são: poluição, degradação do meio natural, sobrecarga das redes de comunicação, congestionamento das metrópoles, alta excessiva dos preços imobiliários e aumento dos custos de serviços públicos. Enquanto que os fatores sociopolíticos estão relacionados às relações de trabalho, que tendem a ter uma rigidez acentuada nos grandes centros.

Na mesma linha de argumentação Colby apud Corrêa (1989, p.48 e 49) apresenta os seguintes fatores como elementos de repulsão da área central: (a) Aumento constante do preço da terra, impostos e aluguéis; (b) Congestionamento e alto custo do sistema de transportes e comunicações, (c) Dificuldade de obtenção de espaço para a expansão; (d) Restrições legais implicando a ausência de controle de espaço, limitando, portanto, a ação das firmas, (e) Ausência ou perda de amenidades.

A chegada de investimentos industriais na Baixada tem relação direta com um processo de desconcentração das unidades produtivas. Isto pode ser confirmado no gráfico a seguir (gráfico 2.):

GRÁFICO 2 –Rio de Janeiro. Composição das atividades industriais no PIB do estado (%) – 1999 – 2011.



Fonte: Fundação Ceperj, anuário estatístico 2013. (Org. própria).

*Colocamos o Norte Fluminense no gráfico, pois, ele despontou como a Região com maior crescimento na participação do PIB industrial e se consolidou como o maior “vetor de crescimento da economia fluminense no período” devido à expansão das atividades ligadas ao petróleo (SILVA, 2012).

Nota-se que o surgimento de novos eixos produtivos combina-se com a diminuição da participação da capital na composição das atividades industriais do Estado do Rio de Janeiro. A Baixada Fluminense em 2007/2008 chega a ter uma participação maior na composição do PIB industrial do estado do que o município do Rio de Janeiro. Em 2010/2011 a capital recupera a dianteira e se distancia concentrando 15% das atividades industriais, enquanto a Baixada permanece com 10%. Contudo no período total de análise do gráfico que vai de 1999 a 2011 a perda de importância da cidade do Rio de Janeiro chega a 25%.

O número de estabelecimentos industriais é outra variável que confirma esta tendência de crescimento industrial da região da Baixada Fluminense como podemos observar na tabela a seguir (tabela 2):

TABELA 2. Rio de Janeiro. Número de estabelecimentos industriais – 2003 – 2011.

	2 003	2 011	Crescimento (%)
Estado	21 787	29 268	34,34
Rio de Janeiro	9 209	11 349	23%
Baixada Fluminense	1 496	2 092	40%

Fonte: Fundação Ceperj, Anuário Estatístico 2013. (Org. própria)

O crescimento da Baixada chega a 40% superando a média do Estado e da capital carioca. Todos estes indicadores refletem a atratividade que as áreas periféricas passam a exercer para as atividades industriais. Isto nos leva ao segundo ponto que ajuda a explicar a “explosão de investimentos” na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro nas últimas décadas.

2) Benko (1996, p 150) afirma que “numa segunda etapa (do processo produtivo), a desconcentração geográfica torna-se inevitável. A rotinização de certas produções (como a montagem, a produção em massa dos semicondutores, etc) permite uma reestruturação e a explosão espacial da produção.” Isto significa que a expansão da industrial do terceiro mundo tem relação direta com a fragmentação produtiva permitida a partir de um novo paradigma tecnológico, que permite a separação entre as etapas complexas e anteriores a produção como

a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico e as atividades menos sofisticadas como montagem e produção em grandes escalas.

Fischer (2009) confirma esta constatação ao definir que uma das principais características da reestruturação produtiva é a distinção entre o peri-produtivo à montante e à jusante, ou seja, a oposição entre a indústria dos espaços metropolitanos e aquela das regiões periféricas.

Em suas próprias palavras:

Tendo em conta os custos elevados da localização em meio metropolitano, a empresa se deslocaliza desde que possível se suas atividades banais e padronizadas vão para os espaços onde os custos do trabalho representa uma grande parte do custo global de produção em razão mesmo dos altos níveis de qualificação da mão de obra (FISCHER, 2009, p. 34).

Este processo de diversificação da divisão territorial-espacial do trabalho detectado por (Harvey, 2007) como uma característica fundamental do novo regime de acumulação flexível fica muito evidente quando constatamos que a capital carioca ainda continua sendo um centro financeiro e de gestão, onde, por exemplo, no ano de 2012, 80% das aplicações de crédito de todo o estado foram realizados na cidade do Rio de Janeiro, e também 78% dos depósitos à vista do setor privado, além de possuir 1.171 agências bancárias de um total de 1.966 do Estado do Rio de Janeiro (CEPERJ, 2013). A cidade do Rio se torna o “nó de articulação de uma economia globalizada (...) deixando de ser a sede da produção propriamente dita, para se posicionar como centro de controle e gestão, e polos de serviços avançados” (DAVIDOVITCH, 2000, p. 16 e 17).

Temos, portanto, um duplo processo: de concentração das atividades sofisticadas de gestão e de ponta no centro da metrópole (usufruindo da concentração de aparatos tecnológicos de ponta e mão-de-obra qualificada) e o espraiamento produtivo de atividades fabris na borda metropolitana (aproveitando-se de vantagens fiscais concedidas pelas prefeituras e mão-de-obra barata e não sindicalizada). Podemos observar na tabela a seguir a listagem dos investimentos produtivos no município de Queimados no período de 1996-2006 a confirmação deste processo (tabela 3):

TABELA 3. Queimados. Investimentos industriais - 1996-2006 (Ordem cronológica).

Empresa	Setor	Total de Investimentos	Empregos Gerados
Alcoa Alumínio	Plástico	12500	43
Forjas Brasileiras	Metalúrgico	17200	350
Generalli Refirgerantes	Bebidas	37000	130
Iriquimica	Químico	476	8
kaiser	Bebidas	50.000	150
Ar Frio	Serviços	4.900	40
Fertiplant	Metalúrgico	1.200	13
Knauf	Minerais não metálicos	20.000	100
Engene	Farmacêutico	200	25
Multibloco	Minerais não metálicos	280	10
TWR	Metalúrgico	7.300	77
Quartzolit	Minerais não metálicos	18.000	70
Alcoa Aluminio II	Plástico	8.683	15
Eságua	Minerais não metálicos	1.300	73
TSI do Brasil	Metalúrgico	14.800	200
Inbox	Papel/papelão	800	22
Sanes	Comércio	2.500	60
Saint-Goban Quarzolit	Minerais não metálicos	12.900	108
TOTAL		143.339	971

Fonte: Silva 2012, p.237 a 248. Adaptado. (Org. própria)

Estes investimentos se concentram em setores fabris menos sofisticados que podem usufruir das vantagens locacionais de uma região periférica. Os principais setores que investiram em Queimados neste período são: Minerais não metálicos (5), Metalúrgico (4), Bebidas (2), Plástico (2), Químico, Serviços, Farmacêutico, Papel/Papelão, Comércio (1).

3) Outros fatores contribuem para reforçar a atratividade das áreas não centrais, a partir de Colby apud Corrêa (p.49) podemos definir como principais: (a) Terras não ocupadas, a baixo preço e impostos; (b) Infraestrutura implantada, (c) Facilidade de transporte, (d) Qualidades atrativas do sítio, como topografia e drenagem, (e) Possibilidade de controle do uso das terras, (f) Amenidades.

Todos estes fatores se encontram presentes na Baixada Fluminense, as terras não ocupadas, a baixo preço, por exemplo, são historicamente apresentadas como um fator positivo que permitiria a futura valorização da região, na imagem a seguir, que contém um anúncio dos anos 1930 (figura 2.) observamos uma publicação do Jornal do Brasil apresentando a Baixada como um local de “Terras que valerão ouro”:



Figura 2. Baixada Fluminense: “Terras que valerão ouro” – 1938.
GIESBRECHT, 2015, s/p.

A imagem enfatiza a valorização crescente destas terras que agora são cortadas pela EFCB eletrificada, e ressalta sua proximidade relativa com o Rio (uma hora). Na época, no entanto a principal atividade econômica desenvolvida pela região era o cultivo de laranjas para atender o mercado interno e externo (HENRIQUE e COSTA, 2014).

A topografia do terreno também é completamente favorável à instalação de empreendimentos industriais considerando-se que a região é majoritariamente plana e a canalização dos rios e as obras de saneamento do DNOS permitiram uma ocupação efetiva do território com o fim das enchentes e dos surtos de febre amarela e malária presentes no final do século XIX (LESSA, 2001; ABREU, 2013).

As vantagens locacionais só se efetivaram, contudo, após um período de expansão das ligações rodoviárias que permitiu a ligação com este lugar que é um “distante que é perto” (ROCHA, OLIVEIRA, 2010). As principais obras referentes a melhoria do sistema de

transporte que permitiram o surgimento de novos eixos produtivos na Baixada Fluminense nos anos 1990, segundo (PEREIRA, 2013) (ENNE, 2013) (ROCHA, 2014) foram:

1) Duplicação da Rodovia RJ- 109; 2) Construção do Arco Metropolitano; 3) inauguração da primeira etapa da Linha Vermelha [facilitando a ligação rodoviária “Baixada-Rio”. No mapa a seguir (figura 3) estão representadas todas as rodovias que cortam a região e é possível notar como a disposição rodoviária favorece “locacionalmente” os municípios da Baixada:

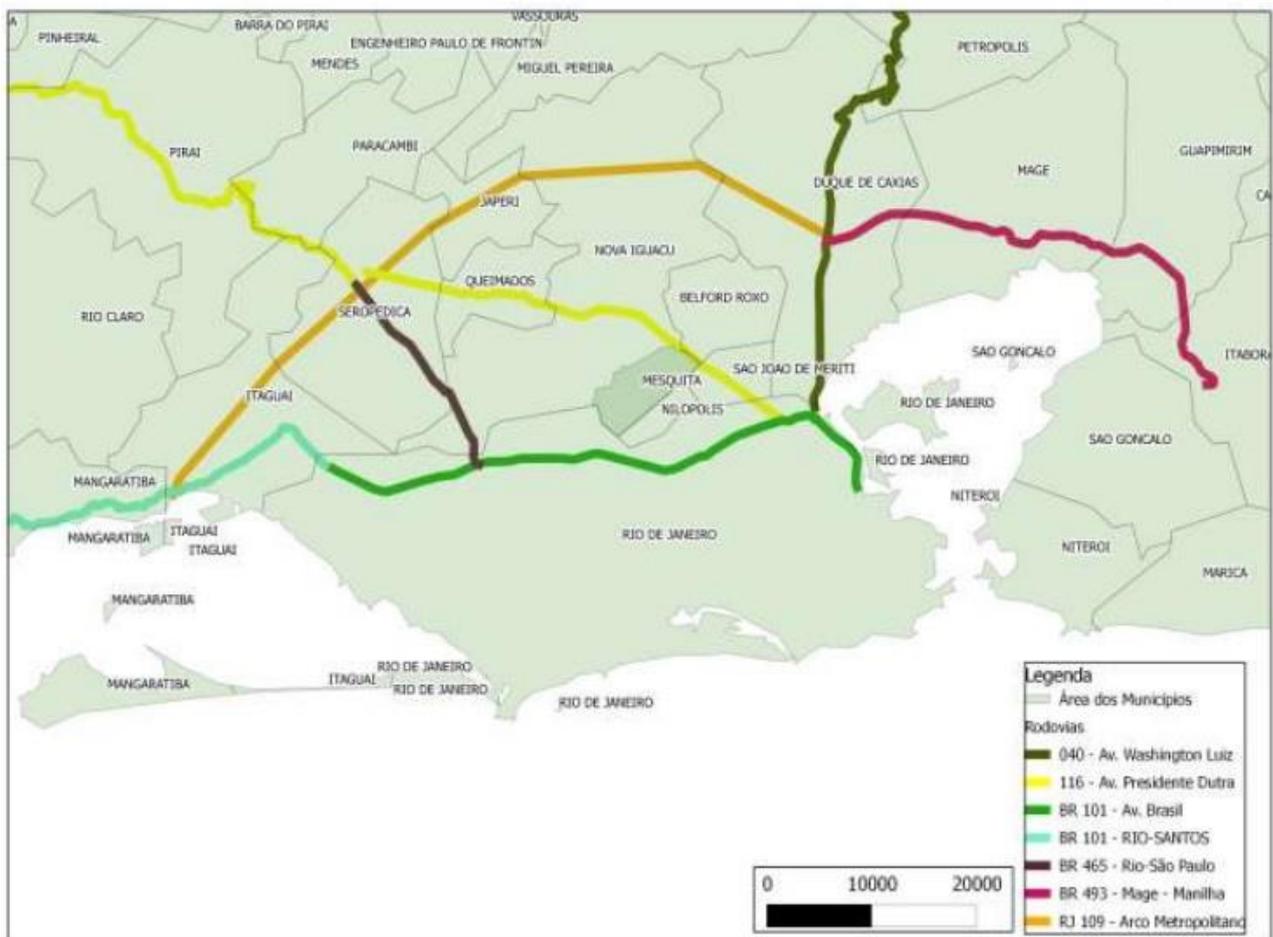


Figura 3. Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Mapa da localização da malha rodoviária – 2014. Fonte: Rocha (2014, p.132)

O município de Seropédica, por exemplo, é cortado pelo Arco Metropolitano, pela Avenida Presidente Dutra e pela BR 465 (antiga Rio São Paulo), outros municípios estão longe o suficiente da aglomeração metropolitana como Japeri e Queimados, mas ao mesmo tempo, próximos a ligações rodoviárias importantes (Queimados é cortado pela Rod. Presidente Dutra, e Japeri pelo Arco Metropolitano). Duque de Caxias também é um ponto de confluência importante entre a BR 493, a Av. Washington Luiz e o Arco Metropolitano.

Silva (2012, p. 126) ao realizar um levantamento dos investimentos produtivos industriais no estado do Rio de Janeiro confirma que o fortalecimento da Baixada Fluminense no cenário nacional decorre de um certo “espraçamento do crescimento industrial em direção a regiões que apresentem menores custos metropolitanos e proximidade com centros consumidores” (ibid), e que nesta região a centralidade dos investimentos têm se mantido em Duque de Caxias e Queimados sendo que a abertura das novas plantas fabris são de setores como o metalúrgico, químico e farmacêutico principalmente. Na Tabela a seguir, nota-se como é significativa a quantidade de investimentos industriais nesta região em um período mais recente (tabela 4).

TABELA 4. Queimados-RJ e Duque de Caxias-RJ. Investimentos industriais - 1996-2006.

Localidade das Empresas:	Nº de empresas	Total de Investimentos:	Empregos Gerados
Duque de Caxias	25	1.580.749	5.089
Queimados	18	210.039	1.494
TOTAL	43	1.790.788	6.583

Fonte: Org. própria. Adaptado de (SILVA, 2012. anexos).

Oliveira (2009, p. 8) também detecta que vem acontecendo “mudanças no ordenamento territorial do Rio de Janeiro” e que “essas mudanças se manifestam, em primeiro lugar, por meio do estabelecimento de novas centralidades urbanas, integrando os espaços antes tidos como periféricos”. A metrópole carioca que foi historicamente conhecida por polarizar toda a economia fluminense e concentrar significativamente a oferta de empregos e serviços, o dito “núcleo hipertrofiado”, por Abreu (2013, p. 17), observa um incipiente processo de desconcentração produtiva em curso, aumentando a importância relativa de núcleos urbanos outrora secundários.

2.3 A EMANCIPAÇÃO DE QUEIMADOS E O SURGIMENTO DO “ELDORADO LOGÍSTICO METROPOLITANO”

Na história da emancipação de Queimados podemos observar alguns elementos primordiais para se compreender o processo de reestruturação territorial-produtiva em curso na Baixada Fluminense. As bases desse discurso da “Nova Baixada” que busca romper com seu passado amadurecem em Queimados durante a mobilização por sua emancipação; a cidade era vista até o momento como um lugar “destinado ao futuro”, mas que se via impedida de se desenvolver pela administração central. Se emancipar da cidade de Nova Iguaçu significava ir de encontro a esse prometido progresso, e passou a ser o principal objetivo da população e da elite local, pretendendo, portanto, “romper as amarras do subdesenvolvimento”.

Simões (2006) em seu trabalho que investiga as emancipações da Baixada Fluminense identifica três fatores que contribuem para o discurso emancipatório: a representatividade, a identidade e a questão econômica. No município de Queimados, percebemos como esses três fatores se articularam sob a base do desenvolvimento industrial, e a identidade *queimadense* acabou por ser representada pelo ‘símbolo máximo do progresso’: “as chaminés da fábrica” presentes em seu brasão, escolhido para transmitir os ideais da cidade recém-nascida (Figura 4.). Esta rotulação tem tamanho significado para a identidade municipal que em sua apresentação, na página principal de comunicação oficial na internet, a prefeitura define a cidade como “*a cidade conhecida pelo crescimento industrial*”¹⁴.

¹⁴ Ver: A cidade. Disponível em: www.queimados.rj.gov.br/cidade_publicacao.asp. Acesso em: 10 de junho de 2014..



Figura 4. Queimados –RJ. Brasão municipal – Fábricas e suas chaminés – 2014.
FONTE: Prefeitura Municipal de Queimados, 2014.

O distrito industrial de Queimados foi instituído em 1979, através de um decreto oficial do governo do estado do Rio de Janeiro (ASDINQ, 2014), na tentativa justamente de oferecer uma opção às indústrias que procuravam alternativa aos grandes centros urbanos. Uma área de aproximadamente 2.326.000 m² no então município de Nova Iguaçu¹⁵, nas margens da Rodovia Presidente Dutra e próxima ao Rio Guandu foi preparada para alocar os galpões industriais, sua condição logística era extremamente favorável, pois permitia o escoamento da produção pelas articulações rodoviárias para outros estados e para o porto de Sepetiba (atual Porto de Itaguaí), além da proximidade com os centros consumidores.

Na foto a seguir (Imagem 5), que remete à época da terraplanagem e preparação do terreno percebemos a grande área oferecida aos estabelecimentos industriais, ficando clara a vantagem de se estabelecer longe dos centros urbanos, que seriam incapazes de oferecer um terreno de tamanho porte e a preços tão reduzidos.

¹⁵ De acordo com o decreto de n.º42.919 de 07/04/11 – O Distrito Industrial teve sua ampliação em mais de 3.000.000m² e toda obra de infra-estrutura será realizada pelo Governo do Estado. Fonte: Informativo ASDINQ

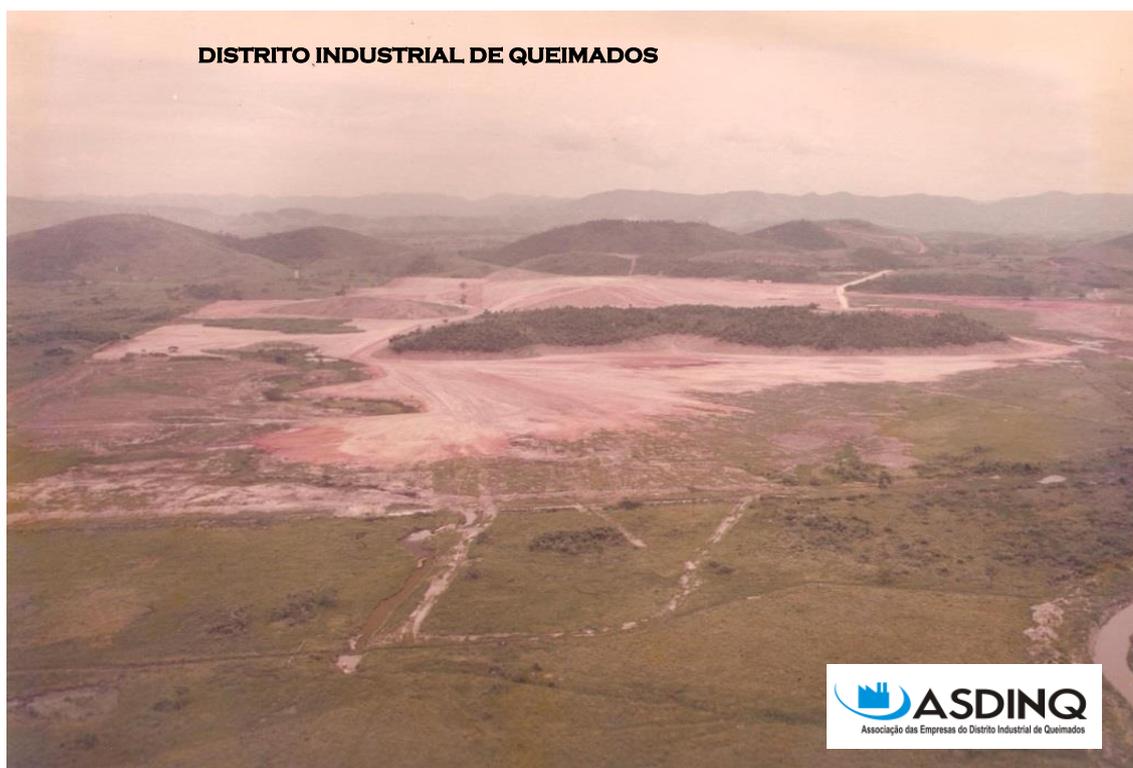


Figura 5. Distrito Industrial de Queimados. Terreno reservado para as indústrias. – 1979.
Fonte: Arquivo cedido pela ASDINQ (Associação das Empresas do Distrito Industrial de Queimados)

Rapidamente o distrito industrial passou a ser motivo de disputas políticas, pois seu potencial de atrair indústrias o tornou um possível catalisador do orçamento municipal de Nova Iguaçu, assim as elites locais e a população se sentiam prejudicadas, pois o distrito não gerava a devida sinergia local, repassando os impostos para a prefeitura que investia somente no distrito central (Nova Iguaçu) deixando Queimados à margem.

Sua instalação e conseqüente aumento da arrecadação de recursos da localidade potencializou o discurso pela emancipação de Queimados, dessa forma o destino da arrecadação conseguida pelo Distrito Industrial passou a ser alvo de intensos debates.

A diferença de infraestrutura entre os dois sítios urbanos (Nova Iguaçu e Queimados) era visível e a insatisfação perante a falta de oferta de serviços básicos como uma rodoviária, hospitais e escolas vão motivar a busca pela emancipação, pois todo o potencial de desenvolvimento do município era visto como ‘freado’ por Nova Iguaçu sendo necessário administrar localmente os recursos gerados no distrito. Cada vez mais a ideia de se emancipar ia tomando a cabeça “das elites locais, dos profissionais liberais e dos moradores” (SIMÕES, 2006, p. 160). Aproveitando o momento da abertura política brasileira, que vivia as discussões da nova constituição foi solicitado um plebiscito para a própria população decidir

se queria continuar pertencendo à Nova Iguaçu ou se emancipar e romper “todas as barreiras que impediam o progresso queimadense”. Ou seja

as contradições sociais e espaciais se acentuaram e o sentimento de abandono e não pertencimento a Nova Iguaçu só fez aumentar durante este período, o que vai levar a novas tentativas na década de 1980 e a efetiva emancipação em 1990 (SIMÕES, 2006, p. 164).

Sendo que a

A motivação básica da tentativa de emancipação era a notória carência de equipamentos e serviços públicos na maior parte do município tanto em termos absolutos quanto relativos, quando comparado a sede de Nova Iguaçu. Esta sensação de abandono e injustiça ficou ainda maior após a inauguração, em 1978, do Distrito Industrial de Nova Iguaçu (atual Queimados) na Rodovia Presidente Dutra na altura de Queimados, que possibilitou a instalação de várias indústrias que passaram a contribuir com uma porcentagem significativa da arrecadação de Nova Iguaçu (Ibid, p.170).

O primeiro plebiscito foi organizado em 1988, mas fracassou e não atingiu o quórum necessário, pois a delimitação proposta incluía Km 32, Japeri, Engenheiro Pedreira, Cabuçu e Marapicu, e estas localidades não se sentiram incluídas na identidade territorial de Queimados e não participaram com afinco do plebiscito (SIMÕES, 2006). Posteriormente após a constatação do fracasso do projeto anterior se reduziu a proposta dos limites territoriais do município, e foi fundada a Associação dos Amigos para o progresso de Queimados (AAPQ) que iniciou um processo de conscientização junto à população da necessidade de participar do plebiscito. Podemos observar o panfleto (figura 7) confeccionado para enfatizar a importância da emancipação para o progresso e desenvolvimento do município.

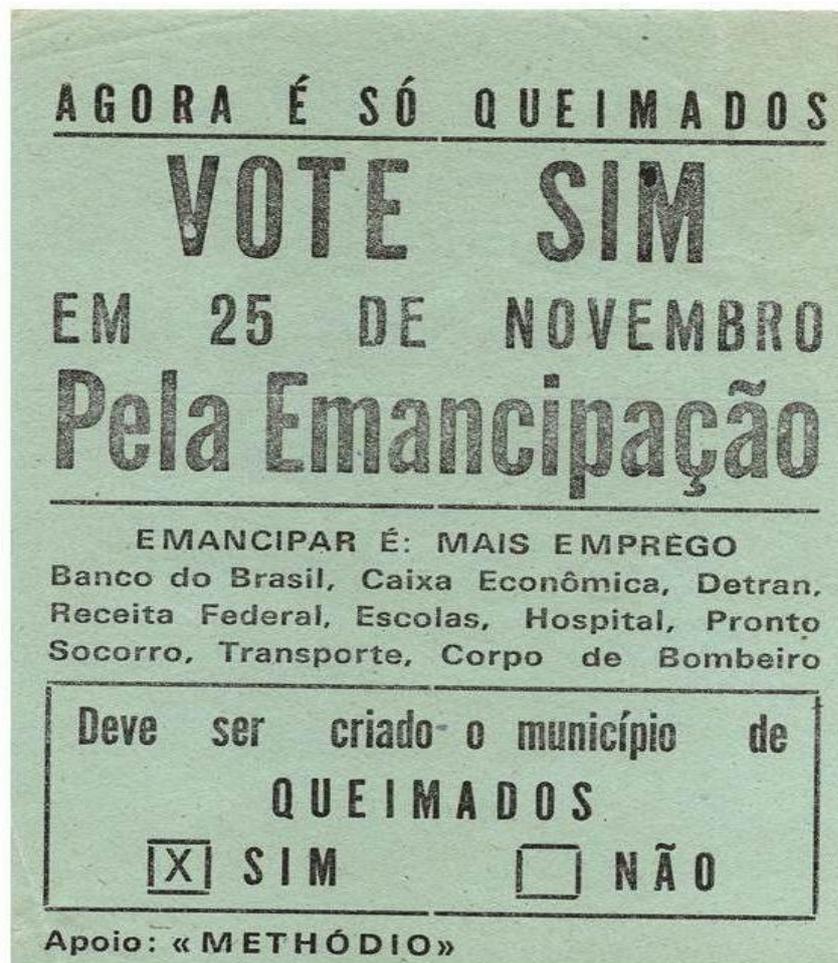


Figura 6. Queimados-RJ. Panfleto emancipatório distribuído à população – 1990.
Fonte: Memória e Patrimônio de Queimados, 2012, s/p.

O discurso presente no panfleto distribuído a população enfatizava a necessidade de instalação de equipamentos urbanos básicos como agências bancárias, Pronto Socorro, Corpo de Bombeiro, escolas, hospitais, agência do Detran e da Receita Federal dentre outros.

A partir das omissões da prefeitura de Nova Iguaçu, as insatisfações quanto a administração central se acumularam – se debatia a necessidade de se emancipar desde os anos 1950/60 (SIMÕES, 2006), mas somente com a abertura política propiciada pela nova constituição é que estes plebiscitos começaram a ser debatidos publicamente e organizados. Na seguinte manchete do jornal “Baixadão” de novembro de 1983, (figura 7.) percebemos o tom da insatisfação das lideranças locais, que afirmavam: “visite Queimados antes que acabe”.

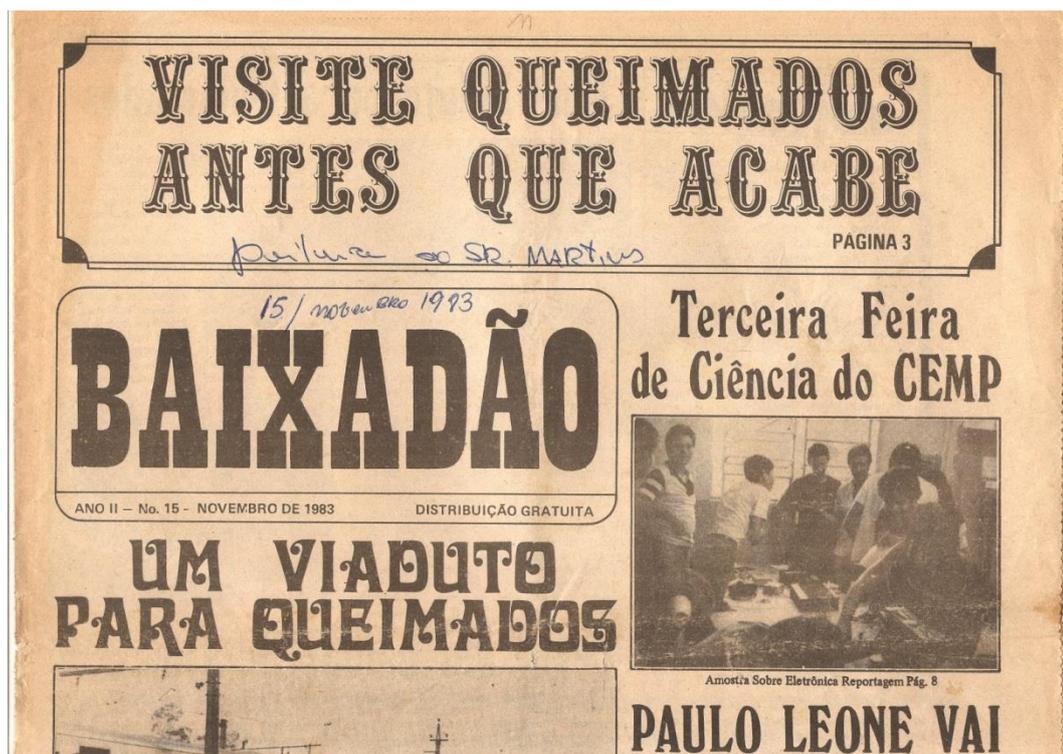


Figura 7. Queimados-RJ. Jornal Baixadão 1983 – “Visite Queimados antes que acabe” – 1983.

Fonte: HENRIQUE, COSTA, 2011, s/p.

O recado é muito claro: o progresso destinado a Queimados não podia ser ‘impedido pela administração do distrito-sede’ muito distante da realidade local. Essa campanha é bem sucedida e o município consegue se emancipar em votação realizada no dia 25 de novembro de 1990, transformada na lei municipal nº 1773, a partir de então a busca pelo desenvolvimento regional e a superação da condição de uma “localidade periférica” vai ser a pauta das administrações locais.

Dessa forma, os protestos emancipacionistas se alimentavam de argumentos que relacionavam Queimados ao desenvolvimento e progresso, na medida em que essa expressiva arrecadação não se revertia em melhorias locais. Segundo outra liderança, o senhor Carlos Vilela, os recursos financeiros eram, primeiramente, aplicados na sede do município, restando muito pouco ou quase nada para os distritos mais afastados, (...) Ao evocar e difundir tal premissa, as lideranças davam o primeiro passo no sentido de construção de uma identidade queimadense: delimitavam sua alteridade frente à Nova Iguaçu (COSTA, 2013, p. 7).

Fica evidente, portanto, ao resgatar o processo histórico de emancipação, como o distrito industrial exerce desde a criação do município, um papel central nas disputas políticas da cidade e na organização territorial do município.

A Baixada Fluminense e mais especificamente a cidade de Queimados tem na sua origem um estigma ideológico de uma região “marcada pelos índices de marginalidade e pobreza”, contudo, a partir de 1990, década do início dos movimentos de emancipação inicia-se um discurso com forte conotação “desenvolvimentista” que enxerga na incipiente industrialização a solução para “romper as amarras do subdesenvolvimento”.

No dia 28 de abril de 2012, o Jornal Extra noticiava:

Você sonha em usar o liquidificador de Ana Maria Braga? Em arrumar os cabelos com a escova modeladora da Angélica? Ou em pilotar uma lancha moderna "de bacana"? Pois o Distrito Industrial de Queimados trabalha, a todo vapor, para isso.

O local já se compara ao shopping center do mundo empresarial. Fabrica (e vende) de lanchas que circulam na Marina da Glória, na Zona Sul do Rio, ou em Angra dos Reis, a batedeiras e torradeiras para emissoras de TV. De cabos de extração de petróleo a tintas, que coloreem os condomínios de luxo da Barra da Tijuca. Tem até porcelanas sanitárias de banheiro, instaladas nos lavabos mais nobres da cidade.

Uma das indústrias badaladas por construtoras, por exemplo, é a Multibloco, que já forneceu blocos de cimento para o Maracanã, o Engenhão e até para um hotel em construção na Via Dutra (JORNAL EXTRA, 2012, grifo nosso, s/p).

Metáforas linguísticas como “eldorado logístico”, “Shopping Center do mundo empresarial” afirmando que “a Baixada agora respira os ares do progresso” são lugares comuns no discurso da representação sobre Queimados nos veículos de comunicação¹⁶, a região predominantemente representada como lugar de ação dos grupos de extermínios e da violência institucionalizada como mediação de conflitos (ALVES, 2001), se torna a “frente de expansão industrial da economia fluminense”.

A interminável busca capitalista por externalizar custos encontra no “Distrito Industrial de Queimados” condições apropriadas para se materializar. Uma série de fatores econômico-geográficos se combinam para oferecer condições ideais para a implantação de empreendimentos industriais:

- a) Infraestrutura disponível no local, construída pela prefeitura e pelo governo do estado, ou seja, com os custos sociabilizados. Esse aparato é composto por: subestação de energia elétrica exclusiva; telefonia digital c/ fibra ótica; internet banda larga; gás canalizado; abastecimento de água; cabine de segurança da polícia militar;

¹⁶ Ver anexos

- b) Proximidade com os seguintes locais: Porto de Itaguaí, Rodovia Presidente Dutra (que liga os dois grandes centros consumidores do país), REDUC, eixos ferroviários, ETA Guandu (Estação de tratamento de água), entre outros;
- c) Previsão de grandes investimentos para os próximos anos que consolidarão o potencial logístico da região: finalização da construção do arco rodoviário metropolitano [com a parte leste-metropolitana recentemente inaugurada], e do polo intermodal ferroviário da MRS (Malha Regional Sudeste da Rede Ferroviária Nacional), que irá ligar a região aos estados do São Paulo e Minas, com investimentos estimados em 1 bilhão e 500 mil reais¹⁷;
- d) A lei de incentivo fiscal 5636/2010, que diminui a taxa do ICMS (Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços) de 15% para 2%, sancionada pelo governo estadual e a lei 748/2005 que isenta as indústrias da maioria dos impostos nos primeiros 10 anos, de origem municipal;
- e) Por fim, compra do terreno facilitada pela CODIN, que intermedia a negociação.

No quadro a seguir estão listados os principais elementos que transformaram a localidade em um “eldorado logístico”:

¹⁷ Obras do primeiro terminal logístico ferroviário do Rio de Janeiro serão iniciadas em Queimados. Disponível em: <http://www.queimados.rj.gov.br/noticias_publicacao.asp?idArea=5&idn=1031> 15/abr/16

QUADRO 1 – Queimados-RJ. Principais externalidades positivas do Distrito Industrial – 2014.

Distâncias	Infraestrutura	Isenções fiscais	Grandes empreendimentos	Compra do terreno
PAVUNA Linha Vermelha – 31 km;	Subs tação de energia elétrica exclusiva;	Lei Municipal – 748/2005	Ampliação do Porto de Sepetiba;	Intermediadas pela CODIN - (Preços subsidiados)
Centro do Rio de Janeiro – 40 km;	Telefonia digital c/ fibra ótica;	(Isenção fiscal por 10 anos, exceto o ISS - Imposto sobre serviços que é reduzido para 2%)	Construção do Arco Rodoviário Metropolitano Fluminense;	ZENQ – (Zona Especial de Negócios) –
Porto Sepetiba / Itaguaí – 45 km;	Internet banda larga; Gás canalizado;		Construção do pólo intermodal ferroviário da MRS (Malha Regional Sudeste da Rede Ferroviária Federal)	Ocupação controlada pelo plano diretor da prefeitura para evitar conflitos de uso
Porto do Rio de Janeiro – 40 km;	Abastecimento de água;	Lei estadual 5636/2010 (Redução do ICMS de 15 % para 2%)		
REDUC – 40 km;	Cabine de segurança da PM;			
Volta Redonda – 76 km;				

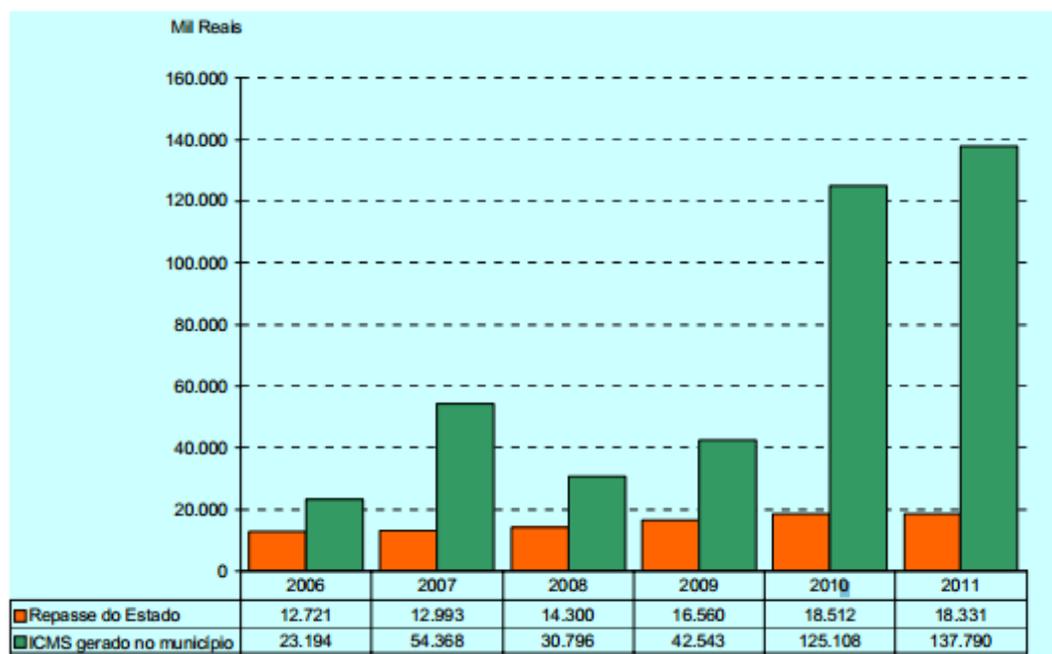
Fonte: Elaborado a partir da entrevista realizada na ASDINQ¹⁸. (Org. própria)

Todas essas “economias externas”, aliadas as articulações políticas entre o governo municipal e o governo estadual, criaram o dito “clima favorável aos negócios” (HARVEY, 2011), e o número de empresas ativas no distrito industrial aumentou seguidamente, segundo a secretaria executiva da ASDINQ, 70% do PIB da cidade de Queimados é produzido no seu interior. Em 2009 foram recolhidos e repassados para a prefeitura em ICMS (Imposto sobre circulação de mercadorias) aproximadamente 16 milhões de reais, sendo que em 2013 este número salta para algo em torno de 41 milhões de reais: um crescimento de 156% em receitas (ASDINQ, 2014). Com isso a arrecadação fiscal total do município dá um salto significativo, sendo inclusive mais preponderante para o orçamento municipal do que os repasses estaduais algo bem incomum para uma cidade do tamanho de Queimados¹⁹, como podemos observar a seguir (gráfico 4):

¹⁸ Esta entrevista foi realizada durante a graduação no segundo ano de iniciação científica no dia 18/03/2014.

¹⁹ Não está presente no gráfico o montante relacionado ao repasse do Estado dos fundos do FUNDEF/FUNDEM (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental/ Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação)

GRÁFICO 3 – Queimados-RJ. Repasse do estado x ICMS gerado no município – 2006 – 2011.

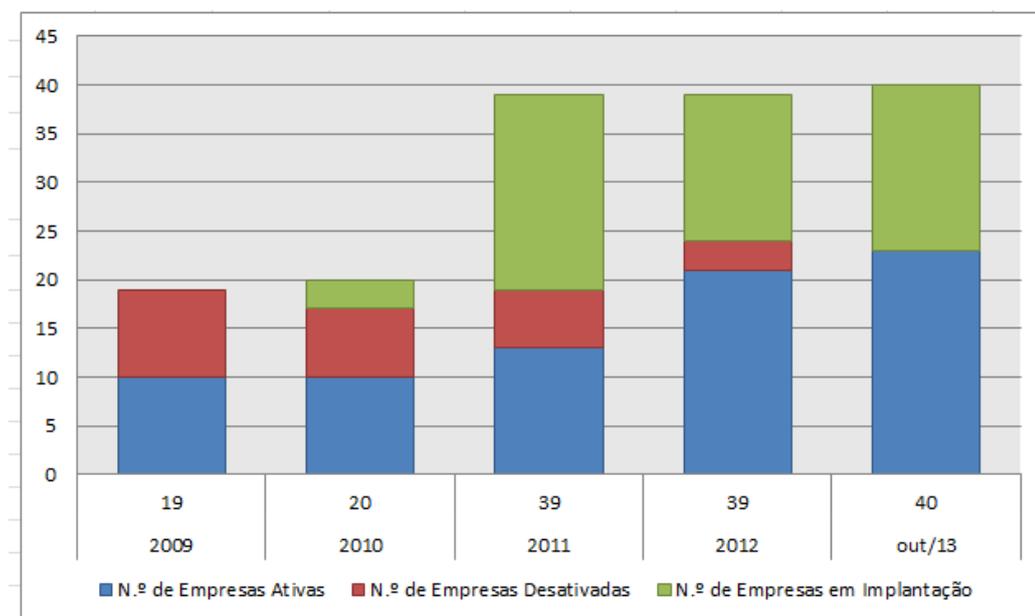


Fonte: TCE-RJ, 2013

O repasse do estado se estabiliza próximo aos 20 milhões de reais no período de 2006 a 2011 (cinco anos), variando uma pequena margem, subindo de 12 milhões para 18 milhões. Contudo, no mesmo período de análise, o ICMS gerado no próprio município que no ano de 2006 estava muito próximo dos repasses (em torno 23 milhões) cresce exponencialmente, chegando a significativos 137 milhões em 2011 – um valor sete vezes maior do que os repasses.

Esse aumento expressivo na arrecadação foi permitido pelo crescimento no número de empresas ativas no Distrito Industrial dos últimos anos, em 2009 existiam 10 empresas ativas e nove inativas sediadas na localidade, após o início das políticas de incentivo fiscal este número cresceu e a quantidade de empresas no DI foi para 12 empresas ativas, 20 em implantação e seis inativas no ano de 2011 – primeiro após a lei 5636/2010 de isenção de impostos estaduais – e no ano de 2013 nenhuma empresa inativa se encontra presente, sendo que é possível encontrar 23 empresas ativas e 17 em processo de instalação. Todas estas informações estão resumidas no gráfico a seguir (gráfico 4):

GRÁFICO 4 – Queimados-RJ. Número de empresas estabelecidas no Distrito Industrial – 2009 – 2013.



Fonte: Arquivo da ASDINQ (cedido durante entrevista realizada em 18/03/14)

Neste período de análise o número de empresas na localidade entre ativas, inativas e em implantação vai de 19 para 40. Um crescimento de 111%. Nota-se que é justamente no período em que o número de empresas localizadas no Distrito Industrial aumenta é que a cidade tem um salto significativo no número de ICMS gerado nos próprio município.

Outro indicador que confirma a “vocação industrial” da área é o número de exportação de mercadorias, os dados disponibilizados pela Fundação CEPERJ indicam o aumento da importância regional de Queimados, que no período de 2009 a 2012 se torna o município com o maior crescimento percentual na Baixada como podemos observar na tabela a seguir (tabela 5).

TABELA 5. Rio de Janeiro. Exportação de mercadorias por município – 2009 – 2012.

Regiões de Governo e municípios	Exportações de mercadorias (1000 US\$ FOB)			
	2009	2010	2011	2012
Estado (RJ)	15 687 425	22 243 452	32 195 810	31 458 030
Rio de Janeiro(capital)	3 201 860	3 339 025	6 564 990	7 241 701
Belford Roxo	56 783	55 217	61 349	51 264
Duque de Caxias	1 367 093	1 419 147	1 442 298	2 210 828
Japeri	-	-	166	176
Mesquita	8 608	2 996	58	117
Nilópolis	343	132	376	76
Nova Iguaçu	31 786	15 699	19 610	27 067
Queimados	6 709	34 907	32 442	37 330
São João de Meriti	50 576	71 820	1 126	787

Fonte: CEPERJ, Anuário Estatístico 2013. (org. própria)

Em termos percentuais o crescimento é de 456%; perfazendo um total de mais de 37 milhões de dólares em exportações de mercadorias produzidas. Os únicos municípios que superaram em número absolutos no ano de 2012 a quantidade de mercadorias exportadas é a cidade de Belford Roxo, sede do complexo químico-farmacêutico da Bayer (51 milhões de dólares aproximadamente), e de Duque de Caxias, sede da REDUC, (2 bilhões e 210 milhões aproximadamente). Neste período (2009 – 2012) Queimados ultrapassa Nova Iguaçu, São João do Meriti e Mesquita.

As atividades industriais passam a compor grande parte do Produto Interno Bruto municipal, se a indústria respondia em 2005, por 19,98% da produção de riquezas, em 2011 este número salta para 31,18% (FUNDAÇÃO CEPERJ, 2012). Ou seja, quase um terço das riquezas produzidas no município agora tem origem no setor industrial.

Todas estas transformações vão impactar profundamente na estrutura urbana de Queimados, a chegada dos investimentos industriais repercutiu em mudanças sócio-espaciais significativas que transformaram a geografia urbana das regiões periféricas, atraindo novos agentes econômicos importantes que conferiram novos usos a este espaço. Analisar estas mudanças mais profundamente é o objetivo do próximo capítulo.

3. A CHEGADA DE NOVOS AGENTES ECONÔMICOS E A REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

No livro “Por uma Economia Política da Cidade”, Milton Santos (2012) afirma que a divisão do trabalho é uma categoria fundamental para se discutir o espaço geográfico, afinal “a história do mundo e de cada nação é [...] a história da sucessão das formas de produção e da distribuição social das tarefas” (SANTOS, 2012, p. 121) Sendo que: as “divisões sucessivas do trabalho ensejam uma determinada disposição dos objetos geográficos” (ibid). Podemos determinar, portanto, que a distribuição dos objetos geográficos no espaço urbano não se dá de maneira aleatória, ela na verdade segue uma lógica pré-determinada. O espaço é, portanto, “um produto social – que emerge da prática social deliberada” (SOJA, 1993, p.102). A organização do espaço deve ser estudada como um produto “cheio de política, ideologia, contradição e luta, comparável a construção da história” (Ibid, p. 292). Na definição de (CASTELLS, 1983, p. 459) “o espaço como produto social, é sempre especificado por uma relação definida entre as diferentes instâncias de uma estrutura social, econômica, política, ideológica e a conjuntura de relações sociais que dela resulta”.

Contudo este produto social é continuamente reorganizado, afinal novas divisões do trabalho vão exigir um novo arranjo espacial. (SANTOS, 2012) e existe uma profunda relação entre a reestruturação e a espacialização, onde “cada momento econômico gera uma expressiva recontextualização da espacialidade da vida social” (SOJA, 1993).

As transformações recentes na estrutura produtiva da metrópole fluminense vem alimentando transformações no espaço urbano periférico, transformando “cidades dormitórios” em “Lugares de trabalho”, entretanto, este processo de desconcentração produtiva foi acompanhado por um espraiamento do setor comercial, e já podemos falar de uma periferia que emerge como “lugar de consumo”. Este processo reforça a centralidade deste município periférico atraindo novos agentes econômicos (que em um momento anterior se concentravam nos centros das grandes metrópoles) e provoca transformações significativas em sua estrutura urbana remodelando a paisagem urbana reestruturando a cidade.

Sposito (2004, p. 311) define ‘estrutura urbana’ como “a forma como se encontram dispostos e se articulam os usos do solo, num dado momento do contínuo processo de estruturação dos espaços da cidade”, ou seja, a “forma como está organizado o espaço de uma

cidade”. Contudo, é preciso levar em conta que este espaço está sempre sofrendo constantes transformações, se desestruturando e se estruturando continuamente em “um processo contínuo, múltiplo e contraditório” por isso a presença do sufixo –‘ação’ - no termo estrutura compoendo a “estruturação do espaço urbano” (ibid).

A expressão reestruturação, contudo, faz referência a um processo mais profundo, “um conjunto de mudanças que orienta os processos de estruturação urbana das cidades”, (ibid), uma “ruptura nas tendências seculares e de uma mudança em direção a uma ordem e configuração significativamente diferentes” (SOJA, 1993, p.193).

O objetivo principal deste capítulo é apresentar essas mudanças na estrutura urbana do município de Queimados oriundas da chegada de novos agentes econômicos.

3.1 O FIM DAS “CIDADES DORMITÓRIOS” E A EMERSÃO DA PERIFERIA COMO “LUGAR DE TRABALHO”

Dizem as más línguas que ele até trabalha
Mora lá longe e chacoalha
Num trem da Central (...)
Chico Buarque – Homenagem ao malandro

Lago (2007, p.9-10) afirma que a noção de cidade-dormitório surgiu como síntese da carência de serviços básicos e pelas enormes distâncias a serem percorridas diariamente entre a moradia e o local de trabalho. Tradicionalmente, a periferia metropolitana é representada como lugar da exclusão, da “não cidadania” a dita “cidade ilegal”: uma grande parcela da metrópole que não desfruta da “modernização nos modos de vida” (MARICATO, s/a, p. 1).

Essa periferia que é uma “representação social estigmatizada [...] o lugar da exclusão, da segregação social [...] da anomia (DOMINGUES, 1994, p.7) é significada pelo seu distanciamento em relação a um centro (uma condição de subalternidade face às áreas centrais), esse distanciamento, contudo, não é somente geográfico, mas também sociológico. É um afastamento real, mas ao mesmo tempo simbólico (ibid). É a região das ausências (PAGANOTTO & BECKER, 2007).

Essas regiões ficaram tradicionalmente conhecidas como o lugar da reprodução social da classe trabalhadora, um “*lugar de não-trabalho*”. Eram os ditos “cinturões vermelhos das regiões metropolitanas” onde a “marginalização geográfica é o suporte territorial de uma marginalização social equivalente” (Ibid, p. 6). A região da Baixada Fluminense tradicionalmente ocupou este papel de local de moradia da classe trabalhadora da metrópole carioca, refletindo durante grande parte do século XX este modelo segregador clássico “centro- periferia”. Afinal

a expansão da periferia não pode ser dissociada do crescimento do Rio de Janeiro, como centro industrial e de serviços, o que configurou uma base territorial para enorme demanda da população de baixa renda oriunda das áreas mais centrais da metrópole e principalmente de migrantes (SANTOS, 1988, p. 22)

Essa representação clássica da periferia metropolitana fluminense ficou imortalizada na literatura de Lima Barreto²⁰ que definiu o subúrbio como “refúgio dos infelizes”, ao descrever um dia na rotina dos migrantes pendulares que se “aventuravam no trem da central” fazendo o percurso casa-trabalho ele relata:

Nessas horas (pela manhã) as estações se enchem e os trens descem cheios. Mais cheios, porém, descem os que vêm do limite do Distrito Federal com o Estado do Rio. Esses são os expressos. Há gente por toda a parte. O interior dos carros está apinhado e os vãos entre eles como que trazem quase metade da lotação de um deles. Muitos viajam com um pé no carro e outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas. (BARRETO, s/a, p. 80 e 81).

E complementa:

Toda essa gente que vai morar para as bandas de Maxambomba²¹ e adjacências, só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem [...] Não há água [...] Não há esgotos, não há médicos, não há farmácias. O viajante que se detém a olhar

²⁰ O livro ‘Clara dos Anjos’ foi escrito por Lima Barreto em 1922, mas publicado postumamente somente em 1948, retrata a história da filha de um carteiro, morador do subúrbio carioca que se envolve com um “malandro” de origem social “mais nobre” acostumado a se aproveitar de jovens incautas, Lima Barreto foi um dos primeiros grandes nomes da literatura brasileira a tratar da paisagem da periferia carioca. Descrever e narrar o cotidiano do subúrbio carioca fez parte de sua essência literária afinal era “*morador do próprio subúrbio, de família humilde e que se dizia vítima do preconceito racial e lamentava não ver reconhecidas sua formação intelectual e capacidade produtiva*” (Silva 2009, p. 9 e 10).

²¹ Vila de Maxambomba: Antigo nome de Nova Iguaçu.

um pouco aqueles campos de intrincados carrascais, onde pasta um gado magro e ossudo fica constangido e triste (ibid).

Um retrato bem elucidativo do papel que coube a Baixada ao ser incorporada a célula urbana carioca no início do século XX (ABREU, 2013), quando a mancha urbana do então distrito federal se expande e ultrapasse seus limites municipais ocupando estas regiões que no momento eram somente cinturões agrícolas, terras não ocupadas e regiões que sofriam com enchentes constantes e surtos de malária (CORRÊA, 1962).

Na primeira década do século XX, o centro do Rio de Janeiro, com sua paisagem marcada pelos cortiços, passou por profundas transformações que tinham o objetivo de “adequar a forma urbana às necessidades reais de circulação, concentração e acumulação do capital” (ABREU, 2013, p. 59), já que o aumento da integração do Brasil com o comércio internacional e o crescimento da economia sustentado pelas exportações de café “exigiam uma nova organização do espaço (aí incluído o espaço urbano de sua capital), condizente com esse novo momento de organização social” (Ibid). Esse processo de transformação da forma urbana carioca seria marcado consequentemente por inúmeras desapropriações e destruições de moradias consideradas inadequadas para a então capital federal, que tentava transmitir uma imagem de modernidade. As implantações de rígidas leis que restringiam e limitavam as futuras construções também encareciam o custo da moradia no centro e agia como um fator de expulsão dos pobres para as periferias (FURLANETTO et al., 1987, p. 33).

Essa expulsão deliberada e compulsória dos pobres do centro da metrópole carioca trouxe a tona um problema fundamental: a “questão da moradia”, já que a partir de então os trabalhadores ficaram impossibilitados de morar nos centros próximos ao mercado de trabalho. Dessa maneira, a questão habitacional foi “solucionada” em duas frentes:

1) as então recém-surgidas “favelas”, um conjunto de moradias precárias que ocupam terrenos insalubres (próximos ao centro e ao mercado de trabalho), mas que justamente devido a isso não interessam ao mercado imobiliário e ficaram “disponíveis para os mais pobres”, que ao ocuparem estes terrenos ficaram sem garantia jurídica de posse da terra e vulneráveis a posteriores despejos e;

2) os loteamentos populares, disponíveis nas longínquas áreas para além da cidade que margeiam a EFCB. Ao contrário do que acontecia no centro do Rio de Janeiro, nos terrenos da Baixada Fluminense não existia nenhum controle ou restrição quando as plantas e as construções, se tornado, portanto, uma alternativa barata à moradia da classe trabalhadora,

além de ter como vantagem a garantia jurídica de posse do terreno. (ABREU, 2013) É a partir deste período que inúmeros terrenos seriam loteados e parcelados na nova frente de expansão urbana metropolitana: Nilópolis, Mesquita, Nova Iguaçu, São João do Meriti, Duque de Caxias, e posteriormente nos longínquos distritos de Japeri e Queimados (estações finais da EFCB).

Podemos observar no mapa a seguir a disposição das estradas de ferro Dom Pedro II (posteriormente renomeada EFCB) e Leopoldina, e suas respectivas estações, nota-se como o número de passageiros transportados aumenta progressivamente a partir da década de 1920.

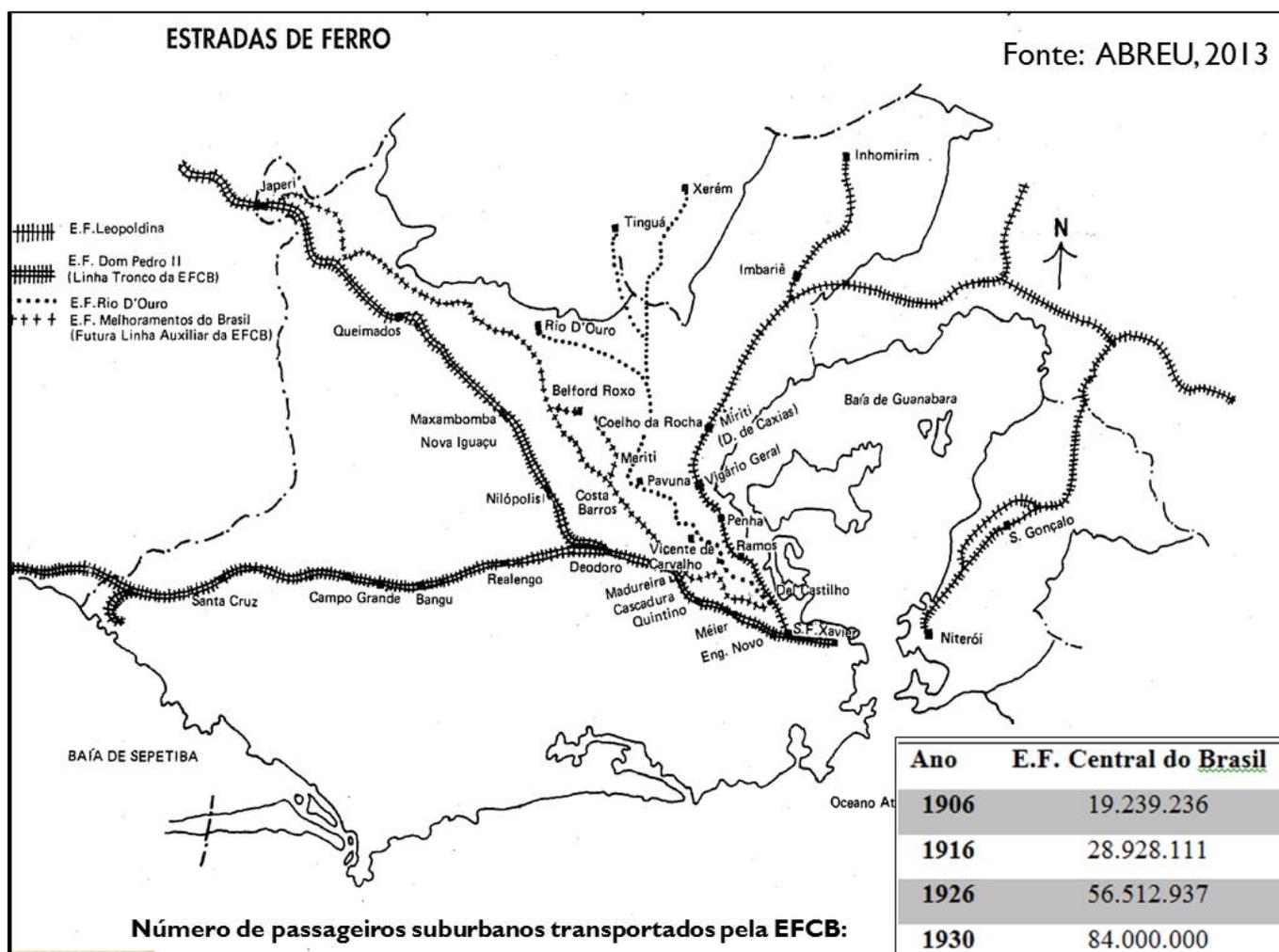


Figura 8. Área metropolitana: Localização das Estradas de Ferro e passageiros transportados – 1906 – 1930.

Fonte: Abreu (2003, p.52) Adaptado pelo autor.

Três outros elementos serão responsáveis por consolidar a expansão da mancha urbana metropolitana para além dos limites oficiais da cidade do Rio de Janeiro: 1) as obras de saneamento realizadas na década de 1930 pelo DNOS (Departamento Nacional de Obras e

Saneamento); 2) a abertura da Avenida Brasil em 1946, facilitando a acessibilidade dos municípios periféricos (ABREU, 2013); e 3) a autoconstrução – que barateava os custos da reprodução da força de trabalho (SIMÕES, 2006; FURLANETTO, et al). Se na cidade de Nova Iguaçu em 1940 a população residente era de 50.368 pessoas, apenas vinte anos depois esse número salta para mais de 356.645 pessoas, (ABREU, 2006, p. 110, 118), ou seja, um aumento de mais de 608%, o número de loteamentos que na década de 1930 se resumia a 3 unidades com 311 lotes, salta para 1.284 loteamentos com 192.408 lotes entre 1940 e 1959 (Ibid, p. 121).

O século XX foi considerado, portanto, para a Baixada Fluminense, o “século da descentralização da indústria e da população pobre” (SIMÕES, 2006, p. 82)²². É quando o papel da Baixada Fluminense na economia do Rio de Janeiro “deixa de ser um mero local de passagem para definitivamente ser integrada na condição de espaço urbano periférico subordinado ao núcleo – induzida pela expansão das ferrovias” (SIMÕES, 2006, p.87).

Na imagem a seguir (Figura 9) podemos observar o quadro registrado do dia da inauguração do trecho final que iria até Belém (atual Japeri), este evento aconteceu no dia 29 de março de 1858 e contou com a presença do Imperador Dom Pedro II e da corte imperial – Este evento é de tamanha importância que o ano de 1858 é registrado no brasão municipal (Memória e Patrimônio de Queimados, 2012).

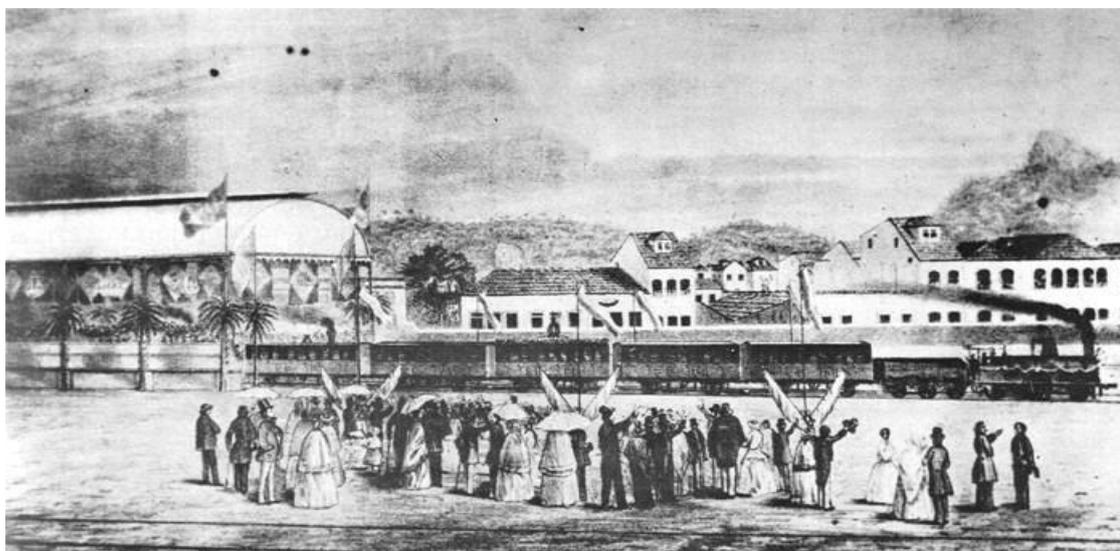


Figura 9. Queimados-RJ. Inauguração do trecho final da EFCB - 1858.
FONTE: Memória e Patrimônio de Queimados, 2011.

²² Acreditamos, ao contrário do autor, que o conceito mais adequado para retratar a expansão das indústrias para a periferia metropolitana é “desconcentração” como explicamos anteriormente.

Esse aumento de importância e transformação de uma “região de passagem” para o local da moradia da classe trabalhadora a partir dos loteamentos populares pode ser confirmada pelos números a seguir (tabela 6.):

TABELA 6. Rio de Janeiro. População dos municípios e distritos periféricos segundo a localização – 1940 – 1960.

Municípios e distritos	1940	1950	1960	Crescimento (%)
Nova Iguaçu	50.368	145.649	356.635	608
-Nova Iguaçu	34.680	90.749	-	
-Belford Roxo	7.434	23.750	-	
-Cava	3.048	12.376	-	
-Queimados	3.974	18.774	-	
Duque de Caxias	28.328	92.459	241.026	751
-Duque de Caxias	24.711	73.527	-	
-Inhomirim	3.617	18.932	-	
Nilópolis	22.341	46.406	95.111	326
São João do Meriti	39.569	76.462	190.516	381

Fonte: Adaptado de ABREU, 2013, p. 110 e 118.

*Não estão disponíveis informações sobre os distritos na década de 1960

Os longínquos distritos de Queimados (70 km de distância do Rio de Janeiro) e Inhomirim (60 km de distância para o Rio de Janeiro) em um período relativamente curto (dez anos) saltam de 3.974 e 3.617 para 18.774 e 18.932 habitantes respectivamente. O município de Duque de Caxias apresenta o maior crescimento populacional em termos percentuais no período representado: 751% em vinte anos.

Essa expansão urbana se deu “no balanço do trem” e os “loteamentos passaram, então, a ser alternativa a população urbana que buscava moradia à baixo custo, mesmo implicando em localização distante do núcleo, ou de seus locais de trabalho”. (SANTOS, 1988, p 22). Na imagem a seguir, é possível observar um destes anúncios de lotes residenciais de perfil popular, ofertados a partir de Cr\$ 8.000,00 ofereciam como principal vantagem a distância de 60 minutos do Rio de Janeiro a partir dos deslocamentos do trem elétrico (figura 10):

ÚLTIMA OPORTUNIDADE!

A UMA HORA DO RIO EM TREM ELÉTRICO

LOTES RESIDENCIAIS
a partir de
Cr\$ 8.000,00

A estação de Queimados fica exatamente a 60 minutos do Rio, em trem elétrico. Os terrenos deste loteamento, tão bons quanto os melhores oferecidos ao público pela Cia. de Expansão Territorial, estão situados juntos àquela estação. Trata-se de futuro bairro, sendo certa a grande valorização dos lotes, pela sua proximidade da Avenida das Bandeiras, que liga a Avenida Brasil à rodovia Rio-São Paulo. Além do preço sumamente módico, a Cia. de Expansão Territorial oferece enormes facilidades de pagamento. Examine sem demora esta oportunidade de adquirir o terreno para a sua casa.

Para melhores esclarecimentos:
CIA. DE EXPANSÃO TERRITORIAL
Rua Visconde de Inhaúma, 134-3.º andar - Fone: * 23-2180 - Rio

Figura 10. Queimados-RJ. Lotes residenciais sendo oferecidos – Década de 1940.
Fonte: GIESBRECHT, 2014.

Contudo, as mudanças em curso oriundas do processo de reestruturação produtiva contemporânea (já apresentadas anteriormente no primeiro capítulo) indicam uma alteração nesta estrutura sócio-espacial “centro-periferia”. Temos observado recentemente a periferia emergir agora como “lugar de trabalho”, rompendo com as suas tradicionais definições. Segundo Domingues (1994, p. 12) as novas relações economia-sociedade-território criam constantemente um “novo sistema urbano territorial complexo”, onde a visão dualista da dinâmica centro-periferia não dá mais conta da “heterogeneidade que assume o subúrbio”.

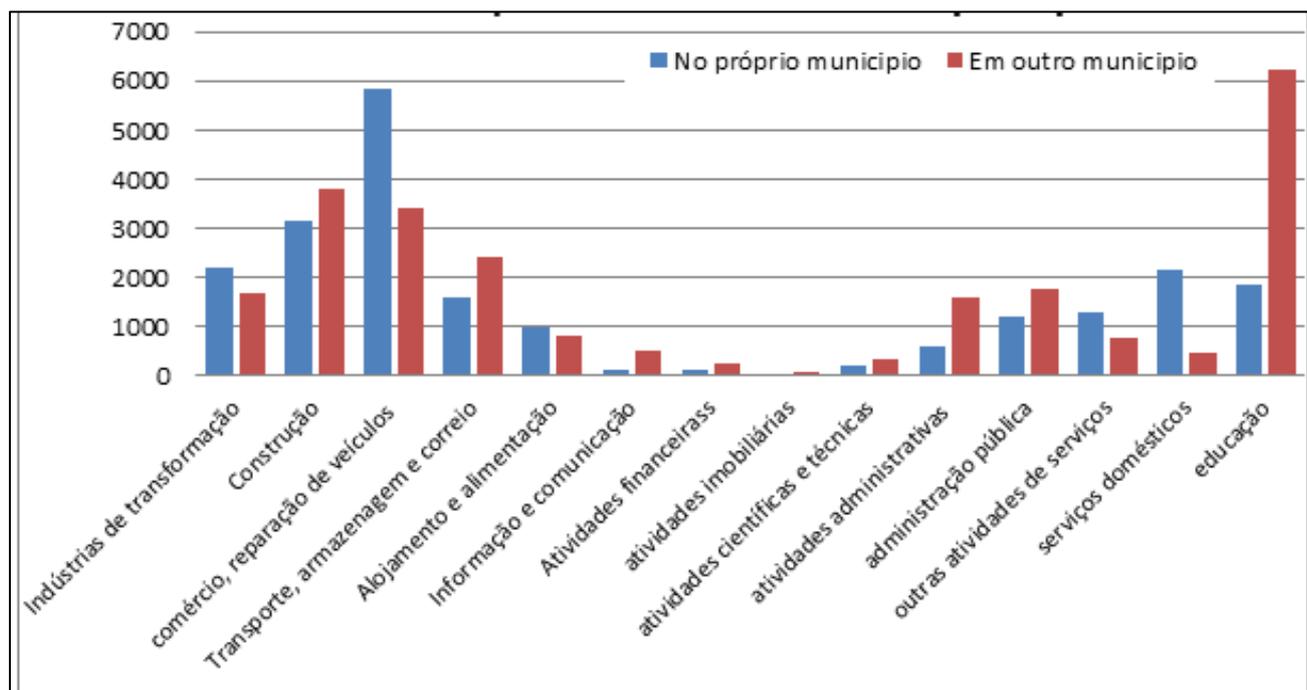
Estas transformações se consolidam na Região Metropolitana a partir dos anos 1980/90, quando a redistribuição espacial das atividades produtivas provoca uma elevação da

renda média na periferia metropolitana e esta região emerge como um “lugar do trabalho” ressignificando a noção clássica de periferia (PAGANOTTO e BECKER, 2007).

Se a periferia anteriormente poderia ser caracterizada por possuir: 1) um perfil residencial; 2) déficits de espaços públicos; 3) ausência de planos; 4) sub-infraestruturação; 5) má qualidade ambiental; 6) déficit de serviços e equipamentos; 7) espaço construído não consolidado (Domingues, p. 13), podemos observar hoje alguns fatores de ruptura onde a nova lógica espacial dos sistemas de produção na periferia metropolitana reforçam novas centralidades e criam novos núcleos. Consideramos que a mudança mais significativa nesta ruptura é o fim do perfil exclusivamente residencial da periferia. Afinal é quando a periferia se torna um “local estratégico das novas políticas urbanas” (ibid). É a partir deste momento que a periferia reforça sua centralidade e começa a atrair novos agentes econômicos que atuam “reconfigurando espacialmente a metrópole” (PAGANOTTO, 2004, p. 80).

Em Queimados, desde sua emancipação (1991), uma das principais preocupações das administrações municipais foi superar o estigma de ‘cidade dormitório (HENRIQUE e COSTA 2014). Criar oportunidades de trabalho e gerar uma sinergia local era a principal demanda da população local na luta pela emancipação. No último censo demográfico do IBGE realizado em 2010, - vinte anos após a emancipação - os dados sobre migração pendular revelaram que 53% da população queimadense trabalhava em outro município. Aparentemente este número poderia demonstrar certa estagnação já que mais da metade da população economicamente ativa necessitava sair diariamente em busca de ocupação, contudo, quando detalhamos os dados de deslocamento separando-os por ocupação percebemos algumas tendências interessantes, vide o gráfico a seguir (gráfico 5):

GRÁFICO 5. Queimados (RJ): Número de pessoas que trabalham no próprio município ou em outro município – 2010.



Fonte: IBGE, 2010. (Organização própria)

Ao observarmos o gráfico que classifica a relação de pessoas que trabalha: “no próprio município / em outro município”, percebemos que no setor da indústria da transformação; comércio, reparação de veículos; alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; e serviços domésticos o número de empregados em Queimados-RJ é maior do que as pessoas que se deslocam para trabalhar em municípios vizinhos.

Nas outras atividades mencionadas no gráfico, o número de migrantes pendulares que buscam trabalho em outro município é maior, contudo, em praticamente todas as ocupações a diferença entre quem trabalha dentro e fora do município é pequena, o único setor em que realmente existe uma grande diferença entre as duas variáveis é na educação (este indicador é que provavelmente inflaciona o número de “pessoas que trabalham em outro município”), que se explica pelo déficit histórico de presença de unidades escolares no município.²³ A partir destes números, podemos concluir que o perfil exclusivamente

²³ No ano de 2005 existiam 1631 professores registrando trabalhando na rede pública de ensino (fundamental e médio), em 2012 este número se reduziu para 1555, (IBGE cidades, 2014). O IDHM de educação (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) da cidade era de 0,589 no ano de 2010, abaixo da média nacional que era 0,637.

residencial atribuído tradicionalmente a periferia metropolitana não corresponde mais a realidade.

Não é possível continuar chamando estas localidades de cidades-dormitório, logicamente que Nova Iguaçu²⁴ e a capital carioca ainda exercem substancial influência na cidade, contudo, a capacidade destes investimentos industriais em gerar ofertas de trabalho fez diminuir o fluxo cotidiano ‘Baixada-Rio-Baixada’. Se esta tendência se mantiver e se o número de ofertas de trabalho se ampliar, poderemos observar nos próximos anos uma inversão histórica com o número de ocupados no interior do município tornando-se majoritário. Seria o esgotamento definitivo da categoria “cidade dormitório”.

O número de empregos formais no período de 2007 a 2012 saltou de 10.148 para 26.209, um aumento de 158%, o maior crescimento percentual de toda região metropolitana. (CEPERJ, 2013) Essas mudanças foram identificadas por Lago (2007), ao afirmar a periferia como “lugar de trabalho”, e que estes processos intensificam a heterogeneidade sócio-ocupacional dos moradores criando uma classe ocupacional de padrão médio e médio-superior, sendo que a “capacidade dos municípios periféricos de reter mão-de-obra aumentou significativamente” (ibid, p. 28).

O crescimento em larga escala de áreas industriais, comerciais e de serviços que geraram empregos e conseqüentemente, áreas residenciais diferenciadas produzem uma “heterogeneização da periferia”, rompendo com mais uma característica do perfil dualista da estrutura centro-periferia que é a homogeneização por baixo. Se este processo é mais visível e consolidado no centro de Nova Iguaçu que assiste a chegada de condomínios residenciais de alto padrão e um processo de verticalização e elitização de seu centro (SIMÕES, 2011[b], PAGANOTO, 2014, ROCHA, 2015, LIMA, 2016), em Queimados podemos detectar este processo em seu início.

Em uma comparação entre os censos demográficos de 2000 e 2010 (Tabela 7), é possível perceber essa tendência a uma transformação no perfil sócio-ocupacional.

²⁴ Depois da cidade do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu é o município que mais recebe migrações pendulares na Baixada, sua área de influência é bem significativa: “Nova Iguaçu, por sua vez, é o principal destino dos migrantes pendulares residentes em Queimados, Mesquita, Japeri, Nilópolis e Paracambi. O município de Nova Iguaçu tem considerável influência ainda sobre Belford Roxo, São João de Meriti e Seropédica, além de ser o terceiro principal destino dos deslocamentos pendulares originados no núcleo de metrópole” (PAGANOTO, 2014, p.67)

TABELA 7. Queimados (RJ). Domicílios particulares por faixas de renda* - 2000 – 2010.

Domicílios particulares permanentes					
Ano	Total	Classes de salário mínimo (%)			
		Até 1	De 1 a 2	De 2 a 3	Mais de 3
2000	33 352	53,9	27,6	8,8	9,7
		Até 1	De 1 a 2	De 2 a 5	mais de 5
2010	42230	22	26	39	13

Fonte: Censo demográfico do IBGE (2000 e 2010) – Org. própria.

*A diferenças de classes (2 a 3) (mais de 3) em um ano e (2 a 5) (mais de 5) em outro ano se devem a diferenças relacionadas a amostra de dados disponibilizadas pelo IBGE

A partir da comparação dos dados dos censos demográficos de 2000 e 2010 referentes aos domicílios particulares por faixa de renda é possível notar uma diminuição na quantidade de domicílios com uma faixa de renda média até um salário mínimo. No ano de 2000 este percentual correspondia a 54%, sendo que em 2010 este percentual diminui para 22%. A faixa de renda que corresponde a um a dois salários se estabiliza nos 26%. Contudo, em 2010 um percentual significativo de domicílios locais passa a se situar na faixa de 2 a 5 salários mínimos. Se no ano de 2000 o maior grupo quantitativo correspondia a faixa de menos que um salário, em 2010 a maior parte das residenciais se situa nesta faixa. A classe com maior poder aquisitivo também aumenta um pouco, 9,7% dos domicílios pertenciam a faixa “mais de 3 salários”, sendo que em 2010, existem 13% de domicílios com renda maior que cinco salários mínimos. Este processo de elevação da renda média reposiciona o município de Queimados na Região Metropolitana, criando uma camada de poder aquisitivo mais elevado que torna esta região atrativa para novos agentes econômicos.

Como poderemos observar no mapa a seguir que apresenta as faixas de rendimento médio mensal em nosso recorte espacial investigado ao comparamos a renda média da cidade com os demais municípios da Baixada percebemos de forma mais evidente este aumento de importância da localidade (figura 11.):

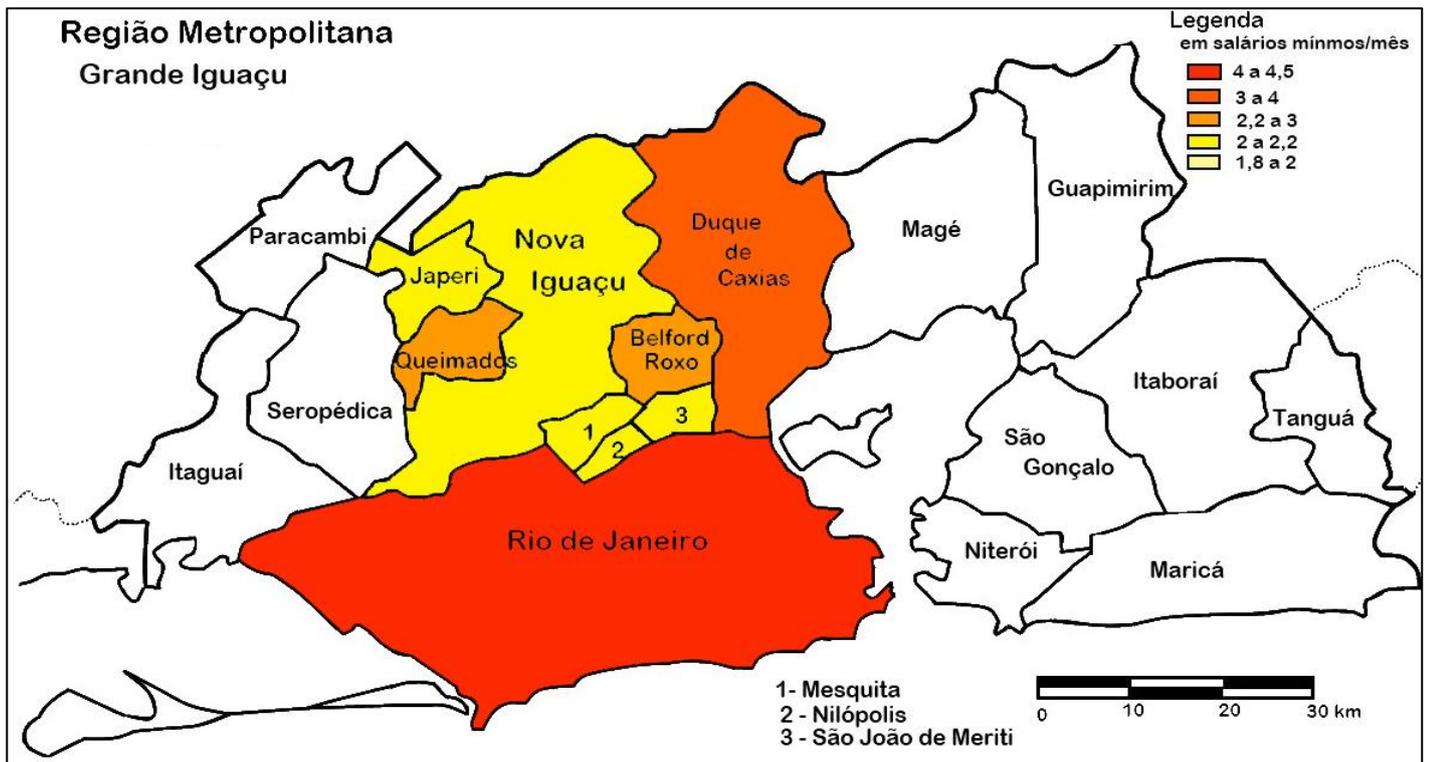
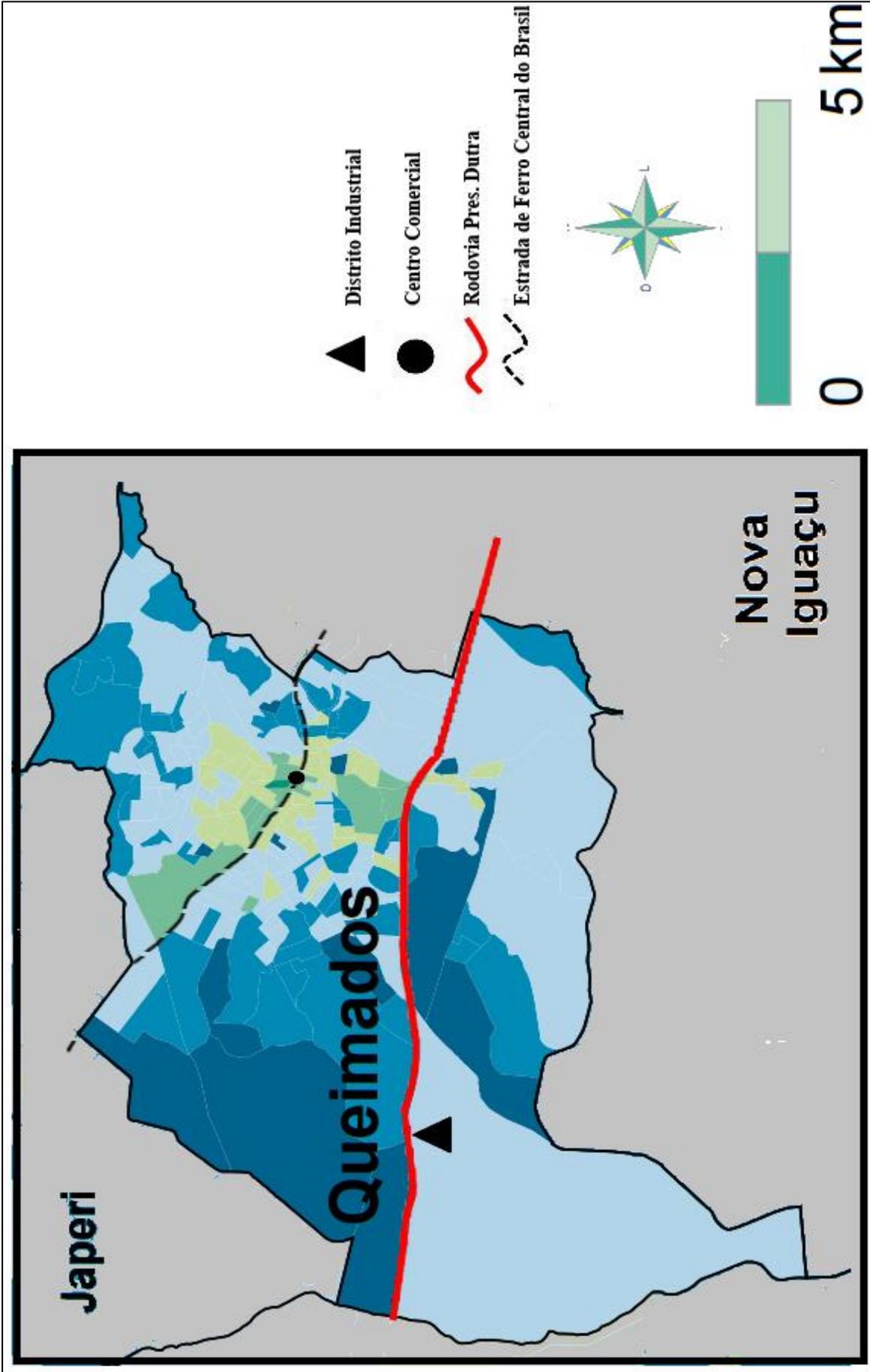


Figura 11. Baixada Fluminense. Mapa das faixas de renda média - 2009.
Fonte: SIMÕES, 2011, anexos (adaptado).

Queimados no ano de análise - 2009 - se inseria juntamente com Belford Roxo na terceira categoria que possui rendimentos médios entre 2,2 a 3. Na Baixada Fluminense ficava atrás somente de Duque de Caxias (inserida na segunda categoria – 3 a 4). O Rio de Janeiro, logicamente se situava na categoria mais elevada entre 4 a 4,5 salários mínimos mês, e todos os outros municípios - Nova Iguaçu, Japeri, Nilópolis, Mesquita e São João do Meriti - se situavam em uma categoria inferior: de 2 a 2,2.

A chegada das indústrias e a ampliação do mercado de trabalho local representaram, portanto, a criação de uma camada com maior poder aquisitivo e maior poder de consumo, a cidade se tornou mais atrativa para investimentos imobiliários, comerciais e houve uma qualificação na oferta de serviços.

A concentração desta “classe de maior poder aquisitivo” se dá preferencialmente próximo ao centro urbano, essa proximidade garante aos seus moradores o acesso privilegiado à infraestrutura que o núcleo passa a possuir, como podemos observar no mapa a seguir organizado a partir dos setores censitários do IBGE presente no Atlas das condições de vida na região metropolitana (figura 12.):



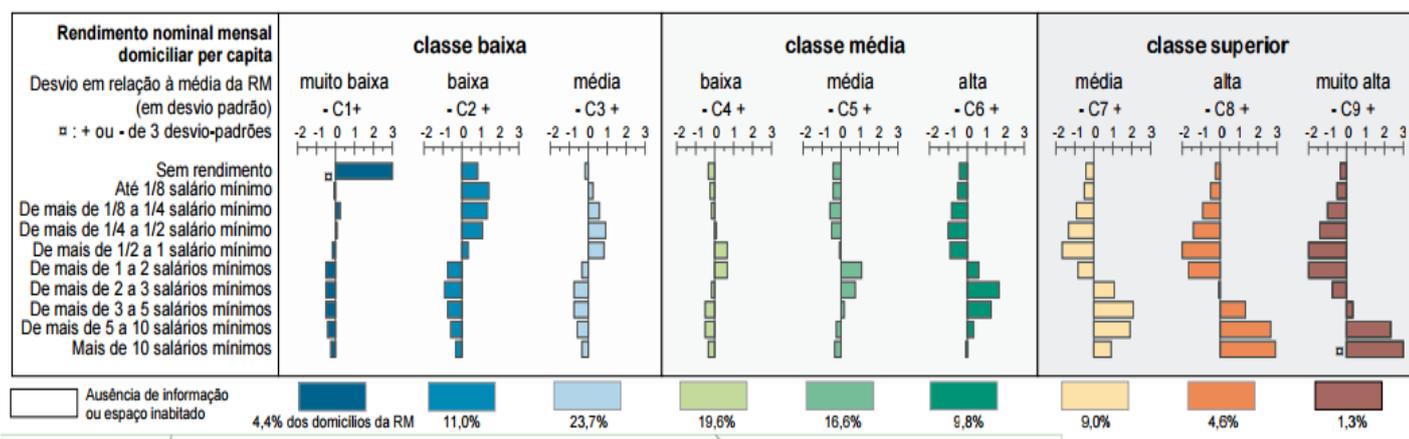


Figura 12. Queimados, RJ. Rendimento mensal domiciliar per capita por setores censitários – 2010.

Fonte: Jacob, Hees, Waniez, 2014 (adaptado).

Bem próximo ao núcleo (no entorno do centro comercial e da estação ferroviária) é possível perceber a presença de uma classe média alta (C6) e em seu entorno (ao longo do lugar onde tradicionalmente se deram os primeiros loteamentos) algumas faixas de rendimento C5 e C4 (média e baixa) se consolidam. Estas faixas de rendimento como mostram a legenda do mapa possuem um maior percentual de rendimentos que giram em torno de mais 2 a 5 salários mínimos. Nota-se também que a maior parte do município (principalmente nas regiões mais afastadas) se enquadra na classe C3 (classe baixa – média) evidenciando que este fenômeno de surgimento de uma nova classe média é restringindo espacialmente.

É buscando esse novo público consumidor que novos empreendimentos imobiliários chegam a cidade, rompendo com o padrão histórico de ocupação baseado em loteamentos populares, uma oferta de residência de alto/médio padrão surge e reconfigura a paisagem da periferia.

Em uma entrevista que realizamos com a secretaria de urbanismo de Queimados nos foi relatado que algumas áreas de centro de Queimados estavam tão encarecidas que chegavam a ter preços semelhantes ao centro de Nova Iguaçu. Em um levantamento realizado²⁵ para conferir esta informação não encontramos essa equivalência numérica (ainda que as áreas mais valorizadas se aproximem dos valores de Nova Iguaçu), mas foi possível encontrar ofertas de residências de padrão médio a elevado em uma das áreas mais valorizadas da cidade, próximo ao centro, com o preço do metro quadrado a aproximadamente

²⁵ Site de busca Zap Imóveis – disponível em www.zapimoveis.com.br, busca realizada no dia 01. jul. 2016.

a 3.139 mil reais. Para efeito de comparação o centro de Nova Iguaçu está com o metro quadrado custando em média 5.687 reais.

Nas imagens a seguir²⁶ () podemos observar uma propaganda destes novos empreendimentos anunciando as “últimas unidades” e também a fachada residencial deste novo “padrão de residências” que surge para suprir uma demanda dessas “novas classes de renda” (figura 13):



Figura 13: Queimados-RJ. Novos empreendimentos imobiliários – 2015.

Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Estes novos empreendimentos imobiliários surgem para suprir uma demanda mais qualificada por moradia, a periferia dos loteamentos populares e da autoconstrução assiste a chegada de imóveis residenciais com quartos de empregadas, suítes e três ou quatro quartos, compondo um padrão bem diferente do de grande parte da cidade e definindo novos usos para o espaço urbano periférico. É “o aparecimento de novas [...] centralidades na periferia”, (SPOSITO, 2004, p. 305) uma das características mais fundamentais deste processo em curso de reestruturação urbana.

²⁶ Fotos tiradas em um trabalho de campo realizado no dia 28 de novembro de 2015

3.2 O PROCESSO DE DESCONCENTRAÇÃO COMERCIAL E AS NOVAS CENTRALIDADES NA “ANTIGA PERIFERIA”: A CHEGADA DAS FRANQUIAS

“A periferia é um novo local estratégico das novas
políticas urbanas”

Alvaro Domingues – (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o
mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? ²⁷

Castells (1983, p. 280 a 284) detecta algumas tendências intrínsecas ao avanço do processo de urbanização na sociedade capitalista: a) desconcentração e descentralização da função comercial; b) especialização do antigo centro nas atividades de gestão e administração. Estas duas tendências se materializam “à medida que a cidade se estende, que a mobilidade dos cidadãos aumenta e que se desenvolvem outras formas de compra além do contato direto”. Com isso ocorre nas áreas centras a liberação de outras atividades relativas ao quadro urbano que permitem sua consolidação como um “centro de negócios”.

Esta tendência à desconcentração das atividades comerciais tem relação com as dificuldades de expansão no antigo centro e a maior liberdade e flexibilidade de deslocamento permitida pelo desenvolvimento dos meios de transporte, além é claro, do aumento da área urbanizada provocada pela expansão das atividades industriais.

Silva (2001 p. 108 e 111) determina que a cidade é o “espaço da produção, circulação e consumo” e que se em um primeiro momento “a necessidade de concentração leva a uma centralização e conseqüente constituição de uma cidade” em um momento posterior o capitalismo tende a uma descentralização, sempre “redistribuindo os fluxos”. Ou seja, a constante necessidade de reestruturação do sistema capitalista para se reajustar e se readaptar cria diferentes espacializações criando novas centralidades em lugares pretéritos. O constante aumento da produtividade e da eficiência da produção industrial reforça essa exigência por uma constante procura por novos mercados consumidores. Segundo (ORTIGOZA, 1996, p. 46) este processo de desconcentração/descentralização pode ocorrer em dois níveis (escalas diferentes):

a) Internamente no espaço urbano; o surgimento de novas centralidades nas mais afastadas do núcleo tradicional devido a promoção imobiliária de novos equipamentos

²⁷ Domingues, A – Revista de Faculdade de Letras – Geografia. I série, Vol. XX/XI, Porto, (1994/95) p. 15.

urbanos como os *shopping centers*, os centros empresariais, os hipermercados dentre outros, fortalecem a ascensão das “cidades externas” criando uma paisagem urbana de “policentralidades” (SOJA, 1993) e;

b) No espaço estadual e nacional: quando ocorre a expansão de atividades para outros municípios, estados e regiões mais longínquas. Estes espaços passam a se tornar mais atrativos para as atividades produtivas e oferecer mais vantagens do que os tradicionais núcleos. Um exemplo é o caso da indústria automobilística que a partir dos anos 1970/80 começou a se expandir para o Nordeste (SANTOS, SILVEIRA, 2002).

O processo de desconcentração industrial e comercial faz parte, portanto, de uma nova divisão social do trabalho, que diversifica e moderniza a economia como um todo acelerando a transformação do espaço urbano redefinindo funções e especializações. Concentrando o gerenciamento e dispersando geograficamente a produção (BENKO, 1996)

Ortigoza (ibid, p. 15) afirma que estudar o padrão territorial de localização do comércio urbano e suas estratégias nos permitem traduzir a racionalidade da economia global e que as mudanças no sistema produtivo provocaram transformações marcantes no espaço e na sociedade. A reorganização do espaço industrial engendrou profundas transformações no mercado consumidor interno brasileiro.

As décadas de 1970 e 1980 marcaram um período de intensa industrialização e posterior urbanização dos países periféricos, é também a época de chegada das grandes empresas multinacionais à procura por mercados consumidores na América Latina. Em um primeiro momento priorizaram as grandes cidades das regiões metropolitanas que concentravam o maior nível médio de renda e as condições infraestruturais adequadas. Neste período “novas formas comerciais foram sendo criadas para atingir um número crescente de população presente nas cidades” (ibid, p. 18).

A necessidade de reduzir os custos da circulação e de aperfeiçoar a relação “produção-consumo” engendrou uma preocupação com a localização dos pontos de venda. A busca por uma eficiente distribuição e comercialização dos produtos que minimizasse as perdas e aumentasse a “produtividade” logística, impôs o ritmo da fábrica à cidade. Isto contribui para um acirramento da competitividade do setor comercial que repercutiu em uma busca por uma modernização do gerenciamento, pois “o capitalismo exigiu aos poucos:

minimização dos gastos com circulação, ampliação da produção, aceleração da rotatividade do capital” (ibid, p.41)

Durante este mesmo período a popularização de algumas inovações tecnológicas como a televisão (expandindo as marcas e a ideologia do consumo) e o automóvel (aumentando o raio de locomoção no espaço urbano) permitiu a instituição de novos padrões e hábitos de consumo do brasileiro. A partir disto, o comércio urbano se tornou um importante agente capaz de reestruturar o espaço urbano, afinal, a cidade tendeu a absorver essas tendências de estímulo ao consumo, e “ao se dinamizar o terciário, dinamiza-se também a cidade” (GOMES, 2016, p. 228).

A partir deste momento histórico, observamos o “surgimento de espaços modernos voltados para as novas tendências de consumo” (ibid, p. 225) e novas formas comerciais importadas, sobretudo, dos Estados Unidos começam a aparecer nas cidades brasileiras como as *lojas de departamento, as galerias, os hipermercados, os shopping centers e as franquias*. Todas estas formas remodelam a paisagem urbana de alguma maneira, produzindo um novo jeito de consumir e introduzindo uma nova racionalidade ao setor comercial, além é claro, de produzir novas áreas com diferentes expressões de centralidades, redefinindo a estrutura urbana.

As lojas de departamento instituíram uma nova visualização comunicativa e sinalizadora; e um novo sistema de fazer compras, por serem lojas âncoras reforçaram a concentração de lojas na área central do comércio. As galerias foram as percussoras dos *shopping centers* e promovem a “expansão do centro ao próprio centro”. Os hipermercados são os símbolos de um processo de desnacionalização do comércio, onde as lojas adotam “modelos de distribuição totalmente importados” e junto ao shopping centers são símbolos da sociedade do automóvel gerando descontinuidades no espaço urbano ao se localizarem na margem de rodovias em lugares mais afastados (ORTIGOZA, 1996, p. 32 a 33). Todas estas novas formas comerciais contribuem de alguma maneira para o processo de desconcentração comercial e difusão de “lugares de consumo” pelo espaço urbano.

O sistema de franquias ocupa um papel determinante nas mudanças recentes no padrão de organização espacial do comércio varejista brasileiro. Este sistema consiste em um novo sistema hierarquizado e padronizado de distribuição, controle e venda. Totalmente dependente das novas tecnologias (telecomunicações e informática) resulta de um novo

padrão de competitividade do setor comercial no período da globalização. O Sistema de Franquias facilitou a expansão territorial do comércio ao qualificar o gerenciamento e uniformizar a gestão e permitir aos comerciantes se utilizarem da força da imagem das grandes marcas mundiais (PORTO-SALES, 2014).

No fluxograma a seguir (figura 14), elaborado a partir da dissertação de Ortigoza, (1996), resumimos sinteticamente os processos que permitiram a ampliação e o espraiamento do comércio varejista pelo território brasileiro:

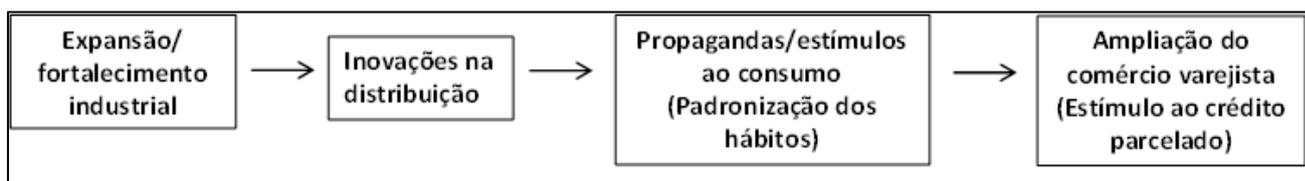


Figura 14. Fluxograma sintetizando o processo de expansão do setor comercial varejista. Organizado a partir de Ortigoza (1996). (Elaboração própria).

O processo de expansão e fortalecimento industrial além de criar condições para um aumento significativo da capacidade produtiva cria um potencial mercado consumidor para estes novos bens/ produtos (empregando trabalhadores). Contudo, a alta competitividade e exigência oriunda da globalização estabelece que a distribuição e o comércio se modernizem no mesmo ritmo das grandes indústrias. Posteriormente, a expansão de meios de comunicação de massa permite as grandes marcas perpetuarem seus produtos como verdadeiros “símbolos de uma nova vida mais confortável e prazerosa”. Neste período de grandes multinacionais, a padronização dos hábitos e costumes se torna um processo determinante para a ampliação do comércio varejista. É a “força da marca” que garante a rápida expansão do sistema de franquias nas pequenas cidades (KLAFKE, 2015). Afinal, “a marca emite mensagens que atraem” (ORTIGOZA, 1996, p. 51).

Considerando que “os lugares escolhidos para a troca de produtos sempre implicaram em situações estratégicas do ponto de vista espacial (geográfico)” (PINTAUDI apud ORTIGOZA, 1996, p. 50) podemos determinar que o fato de a Baixada começar a receber agentes econômicos significativos como as grandes redes e lojas de departamento, as franquias e os *shopping centers*²⁸ corresponde a uma “relativização da dualidade centro-periferia metropolitana” (LAGO, 2002) e que agora emergem novas áreas com diferentes

²⁸ Silva (2016, p.14) constata que “em 1980, havia apenas quatro *shopping centers* em funcionamento na região metropolitana, todos na cidade do Rio de Janeiro, enquanto em 2014 havia 50 *shopping centers* em 9 municípios diferentes.”

expressões de centralidades na periferia em um processo de ampliação das fronteiras do núcleo da metrópole.

Segundo Porto-Salles (2014, p. 91) as grandes redes de lojas e as franquias tem um requisito básico para definir onde vão abrir novos empreendimentos: “a busca por centralidade”, elas procuram por um lugar que tem o potencial de se tornar um “centro de consumo”, onde existe uma infraestrutura adequada e uma força de trabalho especializada e relativamente estabilizada. Uma verdadeira procura por “cidades potenciais”.

Ou seja:

A consideração da centralidade urbana como critério para instalação da empresa – a franquia – é fundamental na maximização do lucro, por isso a busca do *target* e do ponto comercial são ações prioritárias e racionalmente instituídas na lógica operacional dessas empresas, o que, por sua vez, possibilita a identificação de um consumidor específico (Ibid).

A chegada de novos agentes econômicos na periferia é, portanto, um excelente indicador desta nova centralidade que a Baixada Fluminense adquire. As condições que anteriormente prevaleciam no centro da metrópole para atrair estes investimentos agora se reproduzem na periferia. Um bom exemplo é o número de automóveis circulando (tabela 8), conforme afirmamos anteriormente, cria uma maior flexibilidade para o consumo, ampliando o raio de compra do consumidor.

TABELA 8. Queimados-RJ. Frota de veículos do município - 2007 a 2014.²⁹

	2007	2010	2014	crescimento
Automóveis	8.994	12.054	18.572	106%
Motocicletas	3.135	4.354	6.636	112%

Fonte: IBGE cidades, (2014) (Org. própria)

No período de sete anos ocorreu um crescimento de 106% no número de automóveis, e um aumento de 112% na quantidade de motocicletas. Estas transformações tem relação direta com a periferia que emerge como um lugar de trabalho, e que agora com um perfil

²⁹ Durante o mesmo período no município do Rio de Janeiro o crescimento percentual no número de automóveis foi de 36%, e o crescimento no número de motocicleta foi de 111%.

sócio ocupacional mais heterogêneo se torna mais atrativa para atores econômicos que buscam “cidades potenciais”.

O aumento no número de empregos formais também representa uma “estabilidade do consumo”, atributo muito procurado pelas franquias ao definirem sua localização. Podemos observar na Tabela a seguir (tabela 9.), como Queimados tem um crescimento muito significativo neste indicador, expressando um aumento de importância da cidade:

TABELA 9. Baixada Fluminense. Número de empregos formais – 2007 – 2012.

Regiões de Governo e municípios	Empregos formais						Crescimento (%)
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	
Estado	3.665.846	3.712.383	3.851.259	4.080.082	4.349.052	4.461.706	22%
Região Metropolitana	2.837.798	2.869.136	2.984.437	3.151.210	3.345.357	3.447.709	21%
Rio de Janeiro	2.174.568	2.161.698	2.231.333	2.348.611	2.497.662	2.572.044	18%
Belford Roxo	24.747	28.354	28.347	30.772	31.212	32.597	32%
Duque de Caxias	136.768	147.908	159.488	173.958	180.873	172.989	26%
Japeri	4.211	3.634	4.881	5.434	5.459	6.014	43%
Mesquita	11.157	12.761	12.945	13.855	15.895	15.689	41%
Nilópolis	17.230	16.692	18.916	18.348	19.218	19.483	13%
Nova Iguaçu	84.169	83.736	86.721	93.779	98.111	100.771	20%
Queimados	10.148	9.858	12.337	14.144	17.020	26.209	158%
São João do Meriti	45.331	47.348	51.002	55.690	57.741	58.166	28%

Fonte: Fundação Ceperj, 2013 (Org. própria)

Em termos percentuais o crescimento é de 158%, o maior da Baixada Fluminense, e em termos absolutos, surgiram 16.061 novos empregos formais, com isso, um mercado consumidor considerável foi criado. A cidade atingiu “a quantidade mínima necessária de critérios, como infraestrutura, para se manifestar como centro de consumo lucrativo a empresas que têm a marca como principal ativo” (PORTO-SALES, 2014, p. 88). Em termos absolutos o número de empregos formais de Queimados supera cidades como Nilópolis (19.483), Mesquita (15.689), Japeri (6.014) e se aproxima de Belford Roxo (32.597).

Este processo de desconcentração comercial que transforma municípios com perfis essencialmente residenciais em “lugares de consumo” é uma realidade na metrópole fluminense, a comprovação deste “espraiamento do consumo” pode ser observada no mapa a seguir (figura 15) que mostra o número de estabelecimentos comerciais dos municípios da Região Metropolitana:

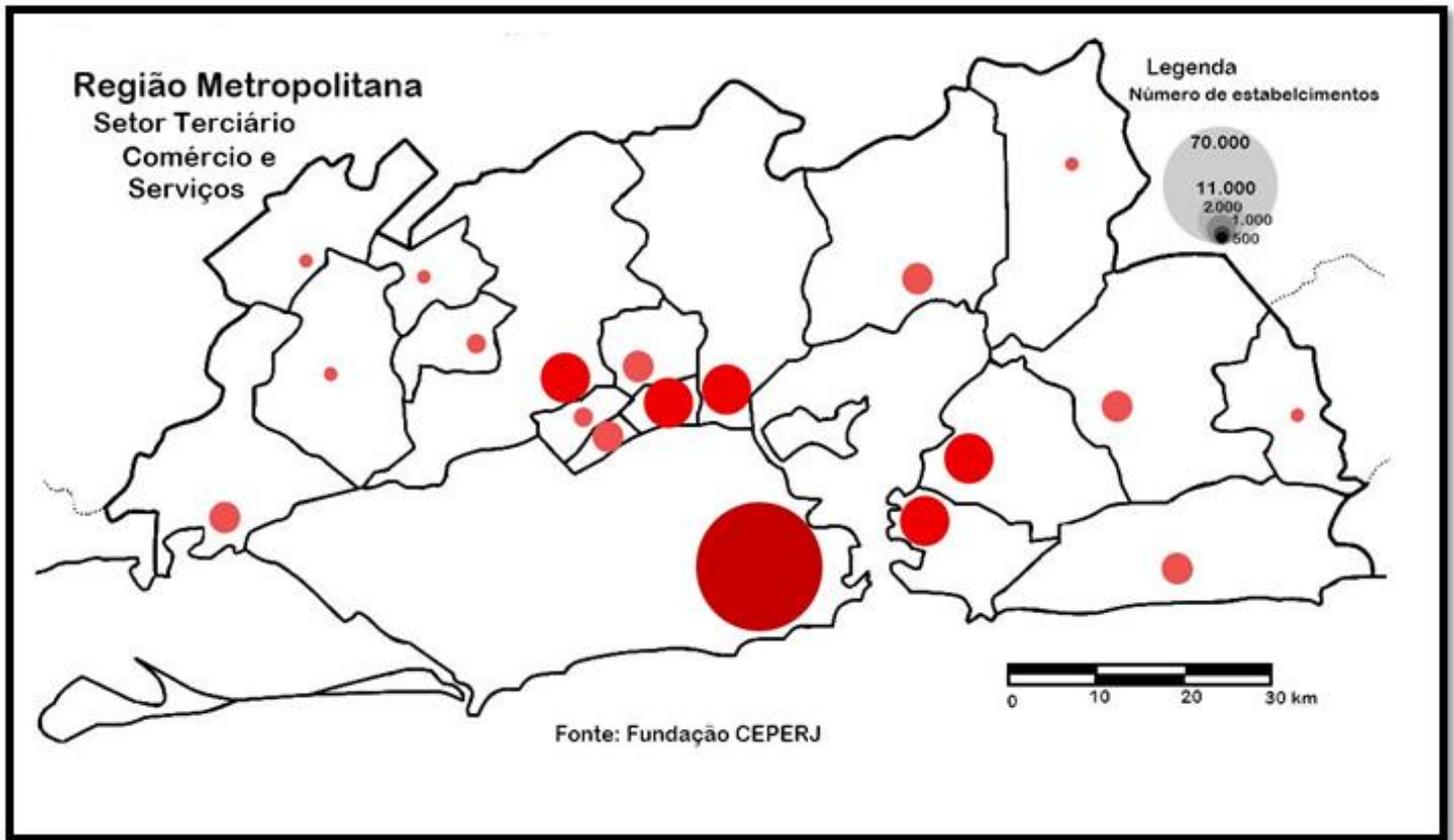


Figura 15. Baixada Fluminense. Setor Terciário, Comércio e Serviços – 2011.

Fonte: Simões, 2011, anexos.

A partir dessas informações é possível realizar uma classificação levando em consideração o número de estabelecimentos comerciais presentes em cada cidade: Encontramos na região da Baixada uma composição de quatro grupos distintos de municípios:

1) O primeiro grupo é composto por Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João do Meriti: são núcleos urbanos historicamente consolidados e regiões mais populosas e dinâmicas economicamente, possuem uma maior proximidade ao núcleo metropolitano e despontam como as principais centralidades periféricas, chegando ao número de aproximadamente 11.000 estabelecimentos.

2) O segundo grupo, é preenchido pelas cidades de Belford Roxo e Nilópolis localizadas “espremidas” entre Nova Iguaçu e Duque de Caxias aparecem um nível abaixo na representação gráfica com 2.000 estabelecimentos comerciais – são municípios muito limitados territorialmente, contudo Belford Roxo é sede do complexo químico-farmacêutico da Bayer inaugurado em 1958, e Nilópolis é um dos primeiros distritos “iguaçuanos” a se emancipar em 1947.

3) **O terceiro grupo**, é o penúltimo nível hierárquico, composto por Mesquita e Queimados, contudo, é preciso constatar que ao contrário de Mesquita que está próxima ao núcleo metropolitano e chega a fazer limites com o município do Rio de Janeiro, sendo circundada por localidades de maior centralidade, Queimados é cercada pelo municípios recém emancipados da borda oeste metropolitana, se estabelecendo como o único lugar nas proximidades que atinge o número de 1.000 estabelecimentos comerciais (Seropédica, Japeri).

4) **O quarto grupo**, por fim, é representado exclusivamente por um único município: Japeri, recém emancipado, não conseguiu transformar o seu “Condomínio logístico” em um vetor de transformação econômica, ascender hierarquicamente e atrair novos estabelecimentos comerciais, se estagnando no número de 500 estabelecimentos.

Confirmando a noção de um “núcleo hipertrofiado” proposta por Abreu (2013), a cidade do Rio de Janeiro concentra mais de 70.000 empreendimentos comerciais. Sua concentração de atividades do terciário é evidente, contudo é possível notar o surgimento de novas centralidades para além de um núcleo já saturado da metrópole.

Dentre estes novos estabelecimentos comerciais que passam a enxergar a periferia como também uma região atrativa para investimentos, estão as franquias – esta forma comercial importada dos Estados Unidos que ocupa um papel determinante no processo de desconcentração comercial contemporâneo. Ao utilizar o poder de uma grande marca consolidada e permitindo uma maior uniformização e padronização do gerenciamento, a estratégia territorial do comércio se transformou permitindo a emersão de uma periferia que se consolida cada vez mais como um “espaço de consumo”.

As franquias buscam “centros com alta demanda, centralidade e circulação.” (KLAFKE, 2015, p.965), consideramos, portanto, que analisar a chegada destes agentes econômicos em Queimados nos permite compreender a profundidade das transformações em curso no espaço urbano periférico metropolitano. Nos últimos anos

As franquias têm expandido sua ação por todo o território nacional. Segundo estudos da Associação Brasileira de Franchising (ABF), as franquias ampliaram sua ação no Brasil tanto em número de franqueadoras, quanto em unidades franqueadas. Houve, conforme a ABF, o crescimento no número de franqueadoras em 2014 de 8,8% em relação a 2013, contando com 2.942 redes, já com relação as unidades franqueadas, houve um aumento de 9,8%, com o total de 125.641 unidades. Destaca-se ainda, conforme o estudo, que 70,8% das redes do Brasil estão no Sudeste (Klafke, 2015, p. 966).

A “explosão” das franquias nos últimos anos resulta da necessidade constante do capitalismo de acelerar o tempo de giro de capital, e criar novas demandas e novos nichos de mercado para atender sua crescente produtividade. Ao possuir um sistema verticalizado de gerenciamento e de marketing, explorando o potencial e o fascínio que as grandes marcas exercem na população³⁰ as franquias facilitam a organização do varejo (já que o franqueado compra uma estrutura organizacional “pronta”) em distintas cidades.

A preocupação principal do sistema de franquias é com a padronização/funcionalidade, a história de sua consolidação pode ser resumida em uma constante busca pela modernização das relações comerciais. O ano de 1850 marca historicamente o surgimento da primeira franquia de forma comercial, a empresa SINGER (Sewing Machine Company) autorizou e concedeu o uso da sua marca a alguns comerciantes para venderem seus produtos mediante um acordo. Outros registros históricos importantes são a entrada da General Motors, a Coca-Cola e o McDonalds no sistema de franquias nos anos de 1858, 1899 e 1954 respectivamente (ORTIGOZA, 1996).

Durante o período do crescimento econômico pós-guerra este sistema de “*Franchising*” teve uma rápida expansão, houve um profundo estímulo tanto por parte do governo, quanto de instituições financiadoras ao “*small business*”. É importante frisar que este tipo de negócio teve ao longo do tempo algumas variações em suas definições, se atualizando e se modernizando de acordo com o avanço dos processos de globalização. Atualmente podemos definir o sistema de franquias da seguinte maneira:

Uma nova maneira de atuar no comércio varejista, através de um sistema de parceria, que envolve dois atores principais: o franqueador (o que cede sua marca) e o franqueado (o que se propõe a comercializá-la). Esta relação está sujeita a diversas regras e a rigidez no cumprimento delas é que determina o sucesso do empreendimento (ORTIGOZA, *ibid*, p. 54).

A rápida expansão desta forma comercial pelo mundo é ancorada pelo poder da marca, no estabelecimento de padrões de consumo universalizados e no alto nível de competitividade que a globalização impeliu nos modelos de organização gerencial e distribuição de produtos. No Brasil o fato de que a “dependência tecnológica, durante anos,

³⁰ Em uma conversa informal com uma moradora de um município da Baixada, nos foi relatado o grande impacto simbólico que existe no cotidiano dos moradores quando uma grande marca associada aos grandes centros do núcleo metropolitano se estabelece no local. O consenso de que “o progresso chegou, agora podemos comprar coisas de marca também como o pessoal do Rio de Janeiro”.

cultivou um empresariado brasileiro com pouca capacidade gerencial” (ibid, p. 16) também serviu para permitir a rápida expansão deste sistema comercial.

As condições de surgimento do sistema de *franchising* no Brasil, como já dito anteriormente, passam pelo enorme potencial do mercado consumidor - dimensões territoriais continentais e população ampla e da baixa qualificação do mercado varejista. Um marco histórico importante é a criação da ABF (Associação Brasileira de Franchising) em 1987, que facilitou a regulamentação dessa modalidade comercial (Porto-Salles, 2014).

O sistema de franchising apresenta as seguintes vantagens ao franqueador [aquele que detém os direitos comerciais sobre a marca] (Porto-Salles, 2014; Ortigoza, 1996).

- a) rápida expansão de sua rede (sem depender de próprios recursos);
- b) possibilidade de atender mercados mais distantes;
- c) administradores dos pontos de venda realmente interessados no sucesso do empreendimento;
- d) fortalecimento da marca.

A criação de novas unidades comerciais ser financiada pelos franqueados é um fator primordial para a estrutura do *franchising*, pois permite uma expansão da operação, um fortalecimento da marca, além de ampliar o raio de atuação sem correr risco de perda de investimentos. Os autores supracitados (ibid) consideram como vantagens ao franqueado [aquele que paga para utilizar os direitos comerciais de determinada marca]:

- a) Libertação da parte burocrática;
- b) Utilização de uma marca de reconhecimento junto ao público consumidor
- c) Publicidade mais abrangente a menor custo
- d) Transferência de saberes e técnicas administrativas e desenvolvimento frequente de novos produtos

A utilização de uma marca de renome mundial pode ser definida com a principal vantagem dos franqueados, afinal, eles estão iniciando um negócio novo, contudo com a força de uma imagem bem consolidada. A transferência de saberes administrativos representa uma

libertação da parte gerencial e burocrática e permite aos franqueados se concentrar em outras atividades no comando do negócio.

A estratégia territorial destes agentes econômicos revela uma verdadeira busca por lugares produtivos, um processo de “seletividade geográfica” na escolha de lugares se estabelece. Normalmente a fim de garantir o potencial de faturamento as empresas elaboram um estudo que define um IPC (índice de potencial de consumo) que leva em conta: a) a circulação de público consumidor e a existência de centros comerciais especializados; b) uma infraestrutura básica existente; c) cidades que possuem uma atratividade regional (PORTO-SALES, 2014).

Em Queimados encontramos todos estes fatores geográficos que a tornam uma cidade “atrativa para os negócios”, o município passou a cumprir os requisitos para possuir “o *target*” necessário que as empresas procuram e passou a observar nos últimos anos a chegada das principais redes de franquias em operação no Brasil. Na tabela a seguir estão listadas as franquias presentes na cidade, identificadas a partir de um trabalho de campo realizado no centro urbano, estão classificados quanto ao tipo de empreendimento, o investimento inicial estimado, a posição no ranking brasileiro com mais lojas abertas e a quantidade de lojas presentes no Brasil no ano de 2014.

QUADRO 2 – Queimados- RJ. Franquias estabelecidas recentemente* - 2016.

<i>Franquias**</i>	<i>Tipologia (ramo de atividade)</i>	<i>Investimento Inicial Estimado (Reais)</i>	<i>Posição no ranking de franquias com mais lojas no Brasil</i>	<i>Número de lojas no Brasil em 2014</i>
Bob's	Fast-food	955 mil	10°	1.100 unidades
Boticário (2 lojas)	Perfumes e cosméticos	250 mil	1°	3.710 unidades
Cacau show	Chocolates	150 mil	4°	1.786 unidades
Chicnelos	Calçados	-	-	-
CNA	Curso de Idiomas	92 mil	-	-
Di Santini	Calçados	-	-	-
Fábrica de Bolos	Alimentação	-	-	-
Farmelhor	Drogaria	-	-	-
Ortobom (2 lojas)	Moveis para o quarto	90 mil	3°	1.926 unidades
Óticas carol	Comércio de óculos e lentes	260 mil	18°	721 unidades

Sol e Neve	Alimentos	-	-	-
South&Cia	Vestuário	-	-	-
Subway	Fast-food	329 mil	5°	1.745 unidades
Wizard	Curso de Idiomas	106 mil	2°	Não informado

Fonte: Trabalho de campo (2016); e <

<http://economia.uol.com.br/empreendedorismo/album/2015/03/19/conheca-as-20-franquias-com-mais-lojas-no-brasil.htm>>

*Não foi possível precisar com exatidão o ano de chegada destas franquias na cidade, contudo a partir de uma pesquisa realizada com imagens antigas do ‘Google street view’ notamos que uma parcela considerável se estabeleceu pós-2011 após a requalificação do centro comercial (assunto que iremos abordar no próximo capítulo).

** As franquias que não estão em negrito, não figuram no ranking de 20 maiores franquias e, portanto, não possuem dados disponibilizados publicamente (algumas tem abrangência regional, e outras nacional), contudo consideramos importante relatar sua presença no espaço urbano.

Nota-se que entre as vinte maiores franquias estabelecidas no Brasil, sete tem unidades em funcionamento na cidade -todas concentradas muito proximamente no centro comercial. As cinco primeiras colocadas no *ranking* de franquias com mais unidades pelo Brasil têm estabelecimentos presentes no centro da cidade (fotos, figuras 16, 17, 18 e 19): 1° lugar: Boticário (perfumes e cosméticos) que possui duas lojas – investimento inicial previsto para funcionamento de R\$ 250 mil; 2° lugar: Wizard (curso de idiomas) – investimento inicial de R\$ 106 mil; 3° lugar: Ortobom (móveis para o quarto) também possui duas lojas; - investimento inicial de R\$ 90 mil; 4° lugar: CacauShow (chocolates) – investimento inicial de R\$ 150 mil; e 5° lugar Subway (fast e food) – investimento inicial de R\$ 329 mil.

As outras marcas presentes no “Top-20” de franquias do Brasil estabelecidas no centro de Queimados foram Bob’s (Fast-food) com investimento inicial estimado em R\$ 955 mil [10° lugar] e Óticas Carol (comércio de óculos e lentes) com investimento inicial de R\$ 260 mil [18° lugar]. Os valores de investimento inicial são apresentados pelo estudo realizado pela *franchising* que serviu como referência para o *ranking* das 20 maiores franquias do Brasil, eles variam devido a diferentes custos de padrões arquitetônicos, utilização de softwares de gerenciamento, e compra de produtos e equipamentos padronizados.

. Encontramos também outras franquias de menor importância e com uma abrangência de localização menor como CNA, Chicnelos, Fábrica de Bolos, Di Santini, South & Cia, Sol e Neve e Farmelhor, que devido a isto não se encontram no estudo e não

disponibilizam, portanto informações referentes a custo de implantação, unidades pelo Brasil e etc.

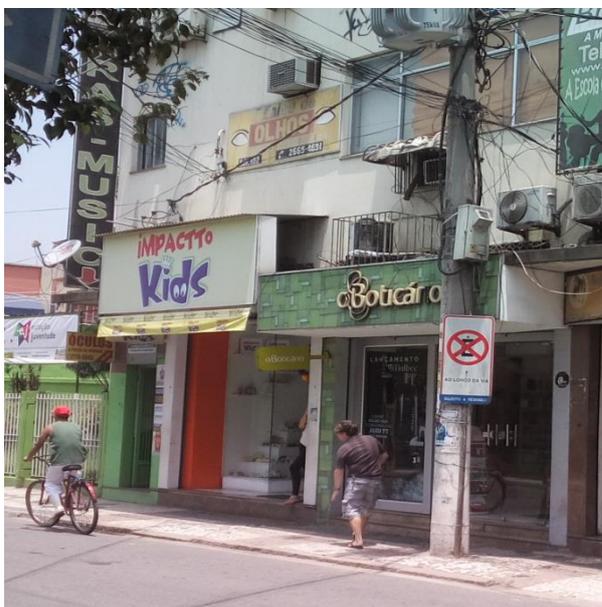


Figura 16. Fachada da Boticário

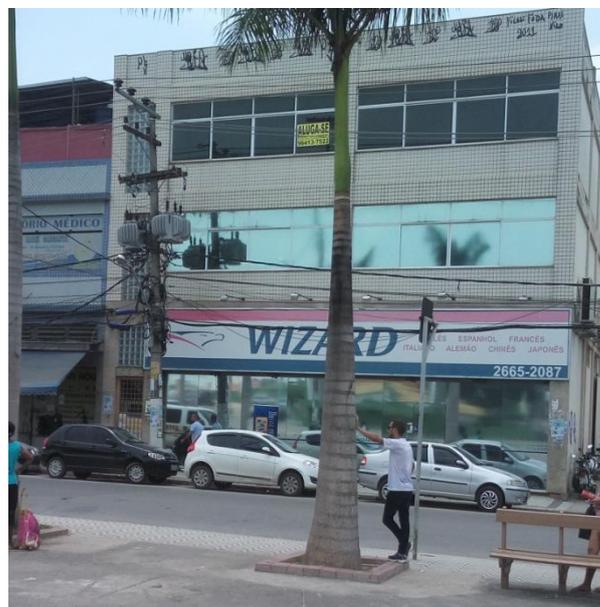


Figura 17. Fachada da Wizard



Figura 18. Fachada do Subway



Figura 19. Fachada da Cacau Show

“marcas emitem sinais que atraem” (ORTIGOZA, 1996, p. 51).

Fonte: Trabalho de Campo (2016).

Grandes redes de lojas varejistas situadas entre as 100 maiores empresas do segmento do varejo³¹ como as Lojas Americanas (4º lugar) Drogarias Pacheco (11º lugar), Marisa (19º lugar), Lojas Cem (26º lugar), Casa e Video (54º lugar) e Leader (59º lugar), com faturamentos anuais que variam de 957 milhões a 10, 2 bilhões de reais, também se encontram presentes no mesmo centro comercial, compondo uma paisagem de “estímulo ao consumo” (figuras 20 e 21).



Figura 20. Loja de Departamentos Leader Magazine
Faturamento em 2011: R\$ 957 milhões – 54ª posição no ranking de maiores varejistas do Brasil.

Fonte: Trabalho de campo (2016)

³¹ Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/infomoney/2012/12/05/as-100-varejistas-brasileiras-que-mais-faturaram.jhtm>> - Faturamento no ano de 2011:

Lojas Americanas ----- R\$10,2 bilhões
Drogarias São Paulo e Pacheco --- R\$ 4,45 bilhões
Marisa ---- R\$ 2,45 bilhões
Lojas Cem --- R\$ 2,02 bilhões
Casa e Vídeo – R\$ 1,06 bilhões
Leader Magazine – R\$ 957 milhões



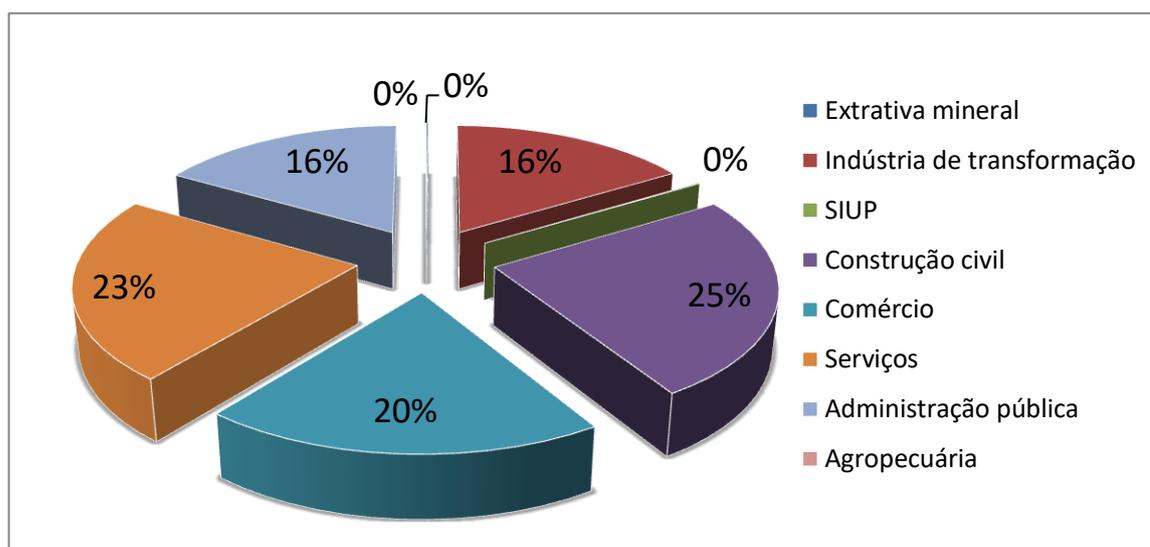
Figura 21. Lojas CEM e Marisa - localizadas no centro comercial – “Grandes redes estão concentradas no centro comercial em um espaço muito próximo”

Faturamento em 2011 e posição no ranking de maiores varejistas: R\$ 2,02 bilhões (26º lugar) e R\$ 2,45 bilhões (19º lugar) respectivamente.

Fonte: Trabalho de Campo (2016)

Segundo o IBGE cidades (2014), o número empreendimentos comerciais inscritos no cadastro central de empresas cresceu 29% no período de seis anos (2007 a 2013), aumentando de 1.193 para 1.541. E o número de pessoal ocupado total cresceu 124%, passando de 11.263 para 25.239. Ao analisar a estrutura ocupacional de cidades médias, Porto Salles (2014) determinou que a estabilidade do emprego também é um importante indicador analisado pelas franquias para determinar lugares com bom potencial consumidor. Lugares com uma quantidade significativa de funcionalismo público e uma variedade ocupacional que demonstre uma “vitalidade econômica”, são fundamentais. Ao analisarmos o número de pessoas ocupadas por setores de atividade econômica encontramos a seguinte estrutura sócio ocupacional em Queimados-RJ (gráfico 7):

GRÁFICO 6. Queimados – RJ. Número de pessoas ocupadas, com carteira assinada, por setores de atividade econômica – 2013.



Fonte: Anuário Estatístico, Fundação Ceperj, 2013. Org. própria. – SIUP (Serviços Industriais de Utilidade Pública)

Os trabalhadores dos setores da construção civil, comércio e serviços compõem a maior parte da fração das atividades econômicas, com 25%, 20% e 23%, respectivamente. Tradicionalmente estas ocupações apresentam indicadores maiores de rotatividade e uma menor estabilidade no emprego. Contudo, a chegada de investimentos produtivos criou um percentual de 16% de mão-de-obra ligada a indústria da transformação, que junto aos trabalhadores da administração pública (16%), compõem quase um terço do pessoal ocupado no município. Esta situação evidencia uma região que atingiu uma relativa “estabilização do potencial de consumo” (PORTO-SALES, 2014).

As transformações na esfera produtiva, que consolidaram a periferia metropolitana como o “lugar de trabalho” criaram condições para a chegada de novos agentes econômicos como as grandes redes varejistas e as franquias, produzindo também uma transformação da esfera urbana. A Baixada agora emerge também como um “Lugar de consumo”. As transformações urbanas recentes reforçaram a centralidade do centro comercial e criaram um espaço onde as novas camadas sociais emergentes podem frequentar e consumir.

3.3 A REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO COMERCIAL: A FORMA URBANA QUE SE ADEQUA AS NECESSIDADES DO CONSUMO

O que precisamos é ampliar a arborização, adequando-a nas ruas, praças, às margens dos rios. É uma forma de *colorir a cidade*. Acredito nessa relação harmônica entre a massa verde e a massa construída.

Jorge Mario Jauregui – arquiteto e urbanista do Atelier Metropolitano
em visita a Queimados³²

A presença de consultores internacionais e arquitetos de renome influenciando nas decisões dos gestores municipais é um fato marcante da realidade contemporânea. A década de 1990 é um período de proliferação de projetos de reforma urbana (muitos de origem catalã) que são comumente apresentados como a solução dos problemas das cidades da América Latina e do terceiro mundo (SILVA, 2012). A ideia de que se deve administrar uma cidade da mesma maneira que se conduz uma empresa se tornou um verdadeiro consenso. É a consagração da “cidade do pensamento único” (VAINER, 2000).

Cada vez mais a função dos governantes é garantir um “clima favorável aos negócios” (HARVEY, 2011), e os governos locais são obrigados a oferecer irrestritas garantias para se tornarem sede de investimentos internacionais importantes. É a dita “produtividade espacial” onde “assim como se fala de produtividade de uma máquina, de uma plantação, de uma empresa, podemos, também, falar de produtividade espacial ou produtividade geográfica” (SANTOS, 2006, p.166).

Este cenário é impulsionado por um ambiente de intensa competitividade, onde a implantação de um novo paradigma tecnológico a partir dos avanços dos meios de transportes e de comunicações facilitou a intrínseca capacidade do capital à mobilidade, transformando as relações entre território e investimentos, e “decuplicando a capacidade do capital de investir e reinvestir, ou seja, sua propensão à mobilidade” (CHESNAIS, 1996, p. 28).

³² Arquiteto e urbanista visita Queimados para desenvolver projeto de requalificação do centro do município – PREFEITURA DE QUEIMADOS (2014): disponível em: disponível em <<http://www.queimados.rj.gov.br/print.asp?id=1075>>, acesso em 10 mar. 2016.

O arquiteto citado na epígrafe que visitou o centro da cidade e que compõe o grupo que planeja e pensa o projeto de requalificação do centro da cidade é o mesmo responsável pela criação do teleférico do complexo do Alemão e da rampa de Manguinhos, é vinculado ao Ateliê Metropolitano.

Conseqüentemente, neste cenário, as cidades se envolvem em uma verdadeira disputa e os lugares tornam-se obrigados a oferecer todos os tipos de vantagens possíveis para se receber novas empresas e investimentos.

Dessa forma, neste ambiente de “hipermobilidade adquirida pelo capital” (COMPANS, 2005) e intensa “guerra entre os lugares” (SANTOS, 2006):

os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamentos, infraestrutura, acessibilidade) e organizacional (leis locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral) (SANTOS, 2006, p. 166).

A atratividade que o local é capaz de exercer para o capital internacional se torna uma questão fundamental na gestão municipal, adquirindo importância, portanto, nesta lógica as cidades que possuem uma maior capacidade de se autopromover exercendo o dito “*city marketing*”.

A principal função dos governos locais passa a ser promover a sua cidade como uma área que “acolhe” bem os investidores e cria condições favoráveis ao recebimento de investimentos privados. Observamos neste cenário uma progressiva “substituição do Estado Social pelo Estado Empresário Cultural” (ARANTES, 2000, p. 148), e, nota-se que “nos dias de hoje, quando se fala de cidade (pensando estar “fazendo cidade”...), fala-se cada vez menos em racionalidade, funcionalidade, zoneamento, plano diretor etc, e cada vez mais em requalificação.” (Ibid, p. 15).

Ou seja:

Se durante longo período o debate acerca da questão urbana remetia, entre outros, a temas como crescimento desordenado, reprodução da força de trabalho, equipamentos de consumo coletivo, movimentos sociais urbanos, racionalização do uso do solo, a nova questão urbana teria, agora, como nexo central a problemática da competitividade urbana (VAINER, 2000, p. 76).

Este ambiente leva as cidades à incessante competição por: (1) investimento de capital, tecnologia e competência gerencial, (2) atração de novas indústrias e negócios, (3) preço e na qualidade dos serviços, e (4) atração de força de trabalho adequadamente

qualificada (*World Economic Development Congress & The World Bank*, apud VAINER, 2000, p. 77).

Se no decorrer do século XX a visão modernista, sustentada pelos princípios da Carta de Atenas, de se planejar e produzir as cidades apresentava uma “preocupação, expressa repetidas vezes nas leis, com a racionalização dos padrões espaciais e dos sistemas de circulação para promover a igualdade (ao menos de oportunidade), o bem estar e o crescimento econômico” (HARVEY, 2007, p. 71) a nova geração de urbanistas irá criticar essa preocupação excessiva com a racionalidade e o planejamento, enfatizando a beleza do espontâneo, a ornamentação e a criação de códigos e símbolos de diferenciação social. Criando uma “*arquitetura do espetáculo*, com sua *sensação de brilho superficial* e de prazer participativo transitório, de exibição, de efemeridade e *jouissance*” (HARVEY, 2007, p. 91). É a substituição dos planos diretores, pelos “planejamentos estratégicos” e a difusão de projetos de renovação e revitalização urbana visando acabar com a “degradação” dos antigos centros urbanos, os transformando em lugares “embelezados”.

Um marco histórico fundamental para se compreender a forte influência do ideal de empreendedorismo urbano e difusão da ideia de competitividade urbana é a experiência de Baltimore nos Estados Unidos, que se transforma em um modelo bem sucedido de superação da crise e inspirou inúmeras outras cidades a seguir o mesmo caminho. Arantes, (2000, p.48) menciona Paris, Barcelona, Bilbao, Lisboa e Berlim como exemplos de cidades que na derrocada do keynesianismo e do planejamento estatal seguiram esta “*cultural turn*”.

No início da década de 1970, a cidade de Baltimore sentia o efeito doloroso da crise fordista; a Bethlehem Steel siderúrgica fundada em 1857, símbolo do desenvolvimento industrial norte-americano, sediada na cidade que empregava cerca de 30 mil funcionários na época, passou por um período de profunda reestruturação e chegou aos anos 1990 com somente cinco mil empregados em atividade. A “era do aço” ficou definitivamente no passado com o pedido de falência em 2001 e o fim das atividades da empresa em 2003.

O aumento no número de desempregados, a diminuição da renda média familiar, as tensões raciais e a violência compuseram um cenário de uma profunda crise urbana que acometia a cidade. Com isso:

Na esteira dos distúrbios que irromperam depois do assassinato de Martin Luther King em 1968, um pequeno grupo de políticos, profissionais e líderes de negócios influentes se reuniram para ver se havia alguma maneira de

reunir a cidade. (...) Os distúrbios ameaçavam a vitalidade do centro e a viabilidade dos investimentos já feitos. (...) Devido a necessidade de combater o medo e o não-uso das áreas do centro da cidade a “Baltimore City Fair” surgiu como forma de promover o desenvolvimento urbano (HARVEY, 2007, p. 89, 90).

A partir de então, este evento que foi criado para “celebrar a vizinhança e a diversidade” foi se tornando mais comercialmente rentável e passou a atrair multidões cada vez maiores e turistas de lugares mais distantes, e “bastou um passo para a comercialização institucionalizada de um espetáculo mais ou menos permanente na construção do Harbor Place” (Ibid, p.90). Este empreendimento, localizado a beira-mar com uma suntuosa arquitetura pós-moderna se consolidou como o símbolo da “Nova Baltimore” (Figura 22) e apesar do impacto sobre a pobreza, falta de habitação, desemprego dentre outras mazelas sociais ter sido insignificante, ele foi capaz de “promover a imagem da cidade” e atrair investimentos privados recuperando uma suposta credibilidade da região, e logicamente criou um enorme e suntuoso espaço de consumo que passou a atrair um público de alto poder aquisitivo e investimentos privados.



Figura 22. Harbor Place – Símbolo dos projetos de renovação urbana e promoção do urbanismo de espetáculo – 2016.

Fonte: Disponível em: <<http://www.harborplace.com/>>

Segundo Arantes, (2000, p. 25) um marco teórico fundamental para a consolidação deste conceito de cidade como “*growth machine*” é o trabalho de Molotch, publicado em 1976 no *American Journal of sociology*, apresentando a ideia de “que as cidades devem ser geridas não ‘like business’, mas antes ‘for business’” (ibid). Neste interesse de transformar a cidade em uma mercadoria para ser produzida e consumida há um forte discurso retórico da necessidade de uma “coalizão pró-crescimento” de se criar um sentimento de “patriotismo cívico” e de senso de comunidade.

Aos poucos o “empreendedor” foi substituindo o “planejador” e as cidades se tornaram verdadeiras “máquinas de produzir riqueza” (Ibid, p. 20). A ascensão dos neoconservadores ao poder durante este mesmo período contribuiu para o corte de gastos sociais e abriu espaço para a iniciativa privada atuar em áreas que até então eram tradicionalmente vinculadas ao estado, como o próprio planejamento urbano.

Na América Latina a ideia de que os governantes devem ser gestores que atuam em um ambiente altamente competitivo, buscando investimento para seus municípios ganhou muita força e repercussão a partir da propagação da ideia de um suposto “novo protagonismo dos governos locais” assumido no período da Globalização (COMPANS, 2005).

Esta transformação na escala das discussões das responsabilidades sobre a gestão urbana ganhou impulsos a partir da década de 1990, com a proposição dos autores Manuel Castells e Jordi Borja, no artigo “As cidades como atores políticos”, publicado no Brasil em 1996 em que afirmam que “as cidades adquirem, cada dia mais, um forte protagonismo tanto na vida política como na vida econômica, social, cultural e nos meios de comunicação” (CASTELLS e BORJA, 1996, p. 152).

As grandes vantagens dos governos locais para promover o desenvolvimento urbano seriam a(s) sua(s): a) maior flexibilidade e adaptabilidade institucional e; b) maior capacidade de legitimação política em função da proximidade.

Isto significaria que a cidade seria um agente econômico privilegiado e que deve ser administrada com a mesma eficiência de uma empresa, Dessa forma “a cidade-empresa atua no mercado de cidades e deve ser competitiva, ágil e flexível (...). Na empresa reina o pragmatismo, o realismo, o sentido prático; e a produtivização é a única lei” (VAINER, 2000 p. 89, 90).

A “cidade empresa” atua conjuntamente com a “cidade-mercadoria”, e a “cidade como pátria” (Ibid), justamente para ser vendida e para ter suas ações legitimadas. Como mercadoria a cidade tende a adotar um estilo de caracterização que evidencia seus ambientes comerciais, turísticos, geográficos, culturais e históricos. Afinal:

O governo local deve promover a cidade para o exterior, desenvolvendo uma imagem forte e positiva apoiada numa oferta de infra-estruturas e de serviços (comunicações, serviços econômicos, oferta cultural, segurança etc.) que exerçam a atração de investidores, visitantes e usuários solventes à cidade e que facilitem suas "exportações" (de bens e serviços, de seus profissionais etc.). Esta oferta não tem por que ser financiada, executada ou gerida em sua totalidade pelo governo local. O papel de promotor é, precisamente, o de criar as condições que facilitem sua realização por agentes públicos ou privados (via planejamento, campanhas políticas, compensações econômicas etc.) (CASTELLS e BORJA, 1996, p. 190).

A ideia de “patriotismo cívico” ocupa o papel de sustentador ideológico do discurso, e refere-se à figura do prefeito gestor, que se torna popular por resgatar uma cidade em decadência e que tem uma imagem vinculada ao sucesso dos grandes empresários.

Esses três papéis que a cidade assume: “mercadoria, empresa e pátria”, estão inseridos no paradigma contemporâneo de planejamento urbano e modelos prontos de requalificação e renovação urbana são vendidos como a solução dos problemas das cidades do terceiro mundo. Nos anos 1990 as empresas de consultoria – influenciadas pelos ideais de “novo protagonismo dos governos locais” de Castells e Borja - venderam “planejamentos estratégicos” para inúmeras cidades da América Latina – Rio de Janeiro e Medellín são comumente mais citadas como “exemplos de sucesso” (COMPANS, 2005).

Toda a discussão envolvendo o novo papel das cidades no capitalismo contemporâneo, leva em conta as metrópoles consideradas globais, ou seja, localidades capazes de oferecer uma enorme oferta de bens, serviços e infraestruturas para atrair capitais internacionais, e que possuam a capacidade de contratar arquitetos de renome internacional com a finalidade de se promoverem no cenário da competitividade.

Entretanto, se em um primeiro momento somente as grandes metrópoles se inseriam nesta competição por investimentos internacionais, e enxergavam nas requalificações urbanísticas, que priorizam o embelezamento, como solução para os problemas urbanos. Observamos agora a existência de um “empreendedorismo urbano periférico” (SILVA, 2012),

que através de um discurso levemente adaptado incorpora esta cidade dos “arquitetos de grife” à realidade local da Baixada Fluminense.

Esse modelo vendido as grandes cidades da América Latina, ganhou espaço na mídia como uma verdadeira receita de bolo para os problemas urbanos das regiões periféricas.

As expressões “plano” e “planejamento” inevitavelmente nos levam a expressões como “crescimento desordenado” ou “crescimento caótico”, ou ainda “crescimento anárquico” que são lugar comum no linguajar de nossas elites e da classe média, que delas usam e abusam. [...] A realidade que se procura esconder com essa questão do crescimento “desordenado” é a pobreza urbana, dos baixos investimentos em equipamentos sociais e infraestrutura urbana e de sua má distribuição, tanto espacial como nas prioridades (VILLAÇA, 2000, p. 2).

Dessa forma, expressões como “planejamento, gestão estratégica, empreendedorismo urbano”, dentre outras com um sentido um tanto vago foram tomadas como a nova fórmula administrativa de sucesso. A Baixada Fluminense que sempre foi uma área marcada pelas representações hegemônicas de violência e pobreza (ALVES, 2001) passa por um momento uma ruptura, onde se configura uma tentativa de se enfatizar o caráter de “local privilegiado logisticamente” e “projetado para o futuro”. Conseqüentemente, a gestão municipal também passa a incorporar o discurso da “competitividade urbana”, a figura de um prefeito promotor da cidade e capaz de conseguir parcerias com a iniciativa privada atraindo investimentos se consolida³³. É a ideia de um prefeito “mais afeito aos negócios do que a política” (PIQUET, 2007, p.27).

A partir do consenso de que através da promoção e venda da cidade como mercadoria seria possível encontrar a solução para os problemas urbanos da América Latina, a cidade de Queimados, incorporou estes elementos retóricos na administração municipal. No entanto,

É importante entender que mesmo não estando dentro desse ranking, algumas das cidades “não-globais” têm sido influenciadas pela lógica do empreendedorismo e da competição que caracterizam as cidades globais.

³³ Prefeito Max Lemos preside mesa temática em Seminário no Palácio Guanabara – Disponível em < <http://www.queimados.rj.gov.br/print.asp?id=227>> - acesso em 10 nov. 2015. Neste encontro estiveram presentes empresários, representantes da FIRJAN e do Banco Mundial. A análise do discurso do prefeito nesta mesa temática nos evidencia claramente “o novo papel do poder público” neste paradigma de gestão urbana empreendedora: atrair recursos e facilitar a ação da iniciativa privada!

Estas últimas são tidas como modelos, a serem imitados, especialmente os casos de um sucesso “repentino” (SILVA, 2012, p. 295).

Como é impossível competir em nível de igualdade com as “cidades globais”, cabe a essas localidades periféricas somente imitar as “tendências de se produzir cidades”, para se sobressaírem na competição regional:

Como nem todas as cidades podem ter grandes projetos com consultorias ou mesmo associações de grandes obras com nomes de arquitetos de grife, mas acreditam no “mito da cidade-global” –, acabam tentando imitar as tendências de se produzir a cidade. Não se trata apenas de projetar-se no cenário internacional, apesar desse ser o sonho, mas trata-se de ao planejamento estratégico, mesmo que seja para melhorar as condições locais de competição intrarregional. Os maiores competidores estão, no caso das cidades de médio e pequeno porte, por perto (SILVA, 2012, p. 297).

Essa imitação das tendências de se produzir cidade é chamada pelo autor supracitado de “empreendedorismo urbano periférico ou planejamento estratégico sem plano” (ibid, p.294). Essa importação de um modelo de outra realidade, obviamente é alvo de muitas críticas, desde o fato de não considerar a realidade local, ou mesmo por produzir uma cidade fragmentada, onde se produz uma roupagem no centro a fim de se projetar um lugar “voltado para o futuro” e que carece de investimentos nos bairros mais periféricos.

Nesse tipo de cidade “o importante mesmo é vender a beleza das áreas que rendem lucros e manter as áreas territoriais desprivilegiadas na maior passividade possível, de preferência escondidas” (ARAÚJO, 2011, p. 5). Sendo que

já não se constrói a cidade a partir da lógica da funcionalidade típica do período modernista, mas a partir do viés da cidade contemporânea que atribui mais importância às formas estéticas e aos valores simbólicos do que propriamente às formas que exercem (SILVA, 2012, p. 299).

Tradicionalmente os principais núcleos urbanos dos municípios da Baixada se expandiram a partir de uma estação da EFCB. É o caso de Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e Japeri, por exemplo. Normalmente este é o lugar de maior concentração de serviços, comércio e circulação de pessoas. Contudo esta paisagem “tipicamente periférica” é marcada pela presença de “comerciantes informais”, alguns ambulantes, moradores de rua, e um ambiente “esteticamente degradável”, já que muitas estações ferroviárias datam do início do século e passaram por poucas reformas.

Este ambiente teve que ser “reconfigurado e rearranjado” para atender as necessidades da reprodução capitalista e criar uma paisagem mais favorável ao consumo. Um dos critérios fundamentais que as franquias e as grandes marcas levam em conta em suas estratégias territoriais de localização é a presença de um espaço “aprazível que estimule o consumo”. A transformação de Queimados de uma cidade dormitório para um “lugar de trabalho” e a posterior consolidação de um espaço de consumo só foi possível graças ao projeto de requalificação do centro da cidade idealizado pela gestão municipal. A partir de um financiamento do Banco Mundial seu projeto consiste em uma “grande reestruturação do centro da cidade (...) e além de intervenções urbanísticas, o plano ainda pretende centralizar o acesso aos meios de transportes como ciclovias, rodoviárias e pontos de meios de locomoção alternativos” (PREFEITURA DE QUEIMADOS, 2014, s/p).

A primeira parte desta grande intervenção³⁴ já foi concluída e consistiu na criação de um grande centro comercial (com dois andares e uma estrutura semelhante a um shopping-center), um centro empresarial para abrigar lojas e escritórios, além da arborização, alargamento, renovação do calçamento e ainda a retirada dos camelôs que circundavam a estação. O ideal da reforma como mostra a epígrafe que inicia esta unidade é a valorização do “embelezamento” como uma estratégia primordial para o desenvolvimento urbano. O discurso oficial enfatiza que o projeto de requalificação é “inspirado nas reformas das cidades de primeiro mundo” e que a “visita de arquitetos de renome internacional é um indicador do crescimento do município”:

A preocupação com a “imagem da cidade” e a finalidade de atrair investimentos internacionais é o objetivo explícito desta renovação urbana como podemos ver nas imagens a seguir: (figuras 23 a 28). O surgimento destes novos “espaços de consumo” elitizados já suprimiu parcialmente o espaço destinado aos camelôs e “comerciantes informais”, sendo que a prefeitura já informou³⁵ que na segunda etapa da reforma os restantes que ainda estão presentes no centro da cidade serão realojados em outras localidades mais distantes.

³⁴ A segunda parte da requalificação será desenvolvida a partir do TOD (Transit Oriented Development), citado como um modelo bem sucedido e adotado nos países desenvolvidos, consiste basicamente em concentração de aparatos infraestruturais mais importantes em um raio previamente para melhorar a eficiência e integração dos meios de transporte. “O custo que seria em torno de 500 mil reais chegou aos 650 mil reais e será custeado pelo Banco Mundial” Disponível em <www.queimados.rj.gov.br/print.asp?id=1445>

³⁵ *Comerciantes informais de Queimados podem ganhar novos pontos de trabalho*. [Rio de Janeiro, 2013] Disponível em: <http://www.queimados.rj.gov.br/noticias_publicacao.asp?idArea=5&idn=496> acesso em fev. 2014. - “O Prefeito de Queimados, Max Lemos, recebeu a direção da Supervia para iniciar os estudos de remodelação da Estação Ferroviária do Município, visando colocar o comércio informal da cidade nos espaços da empresa responsável pelos trens urbanos do Estado do Rio de Janeiro.(...) De acordo com o diretor da



Figura 23. Obras do Centro Comercial em andamento (2011) - Projeto de renovação de uma antiga construção contígua a estação ferroviária – foi transformada em um moderno centro comercial
Fonte: Google Street view. Acesso em 10 out. 2016



Figura 24. Centro Comercial de Queimados: Obras já concluídas
Fonte: Trabalho de Campo (2015)



Figura 25: Centro Comercial de Queimados e Calçada arborizado – Projeto de “Renovação Urbana” cria uma estética favorável ao consumo
Fonte: Trabalho de Campo (2015).



Figura 26. Outro lado da estação ferroviária – Ainda com a presença do comércio informal. Prefeitura já informou que na segunda etapa da requalificação serão removidos.
Fonte: Trabalho de Campo (2015)



Figura 27. Centro Empresarial: Obras em andamento (03/2014)*



Figura 28. Centro Empresarial: Obras concluídas (11/2015)*

Fonte: Trabalhos de campo (2014)(2015)

*Centro Empresarial construído para abrigar salas de escritórios, estabelecimentos comerciais dentre outros, a responsável pela construção é a Nicol Nilopolitana Construções (Nova Iguaçu)

O centro comercial (figuras 22, 23 e 24) inaugurado com uma suntuosa festa em que estavam presentes o prefeito e alguns empresários locais possui 8.000 m² pertence aos grupos PortoFerro e Artsul (Nova Iguaçu), em seu interior estão presentes: elevadores, escada rolante, uma praça de alimentação, sistema de segurança 24 horas, além de uma unidade de ensino superior da Estácio de Sá no último andar. A previsão é de que mais de 50 mil pessoas circulem no local diariamente e que se torne mais uma opção de compras na região. As seguintes marcas já estão presentes em seu interior: Lojas Americanas, Cia da Empada, HBS, Pizza Pezzi, Quebra Vento, Estilo, Show das Marcas e Oi (PREFEITURA DE QUEIMADOS, 2012).

Harvey (1996) foi enfático ao afirmar que

O novo empresariamento urbano se caracteriza, então, principalmente pela parceria público-privada tendo como objetivo político e econômico, imediato muito mais o investimento e o desenvolvimento econômico através de empreendimentos imobiliários pontuais e especulativos do que a melhoria em um âmbito específico (HARVEY, 1996, p. 53).

Sendo que:

Os investimentos tomam cada vez mais a forma de uma negociação entre o capital financeiro internacional e os poderes locais, os quais fazem o melhor

possível para maximizar a atratividade local para o desenvolvimento capitalista. (ibid, p. 50).

Estas transformações em ritmo acelerado (figuras 27 e 28) produzem significativas alterações na estrutura urbana. Estes novos espaços são a materialização da “periferia que virou centro” e evidenciam as transformações ocorridas na periferia metropolitana recentemente. Este projeto de renovação urbana atraiu para a cidade novos espaços de consumo mais elitizados (figuras 29 e 30) que visam atrair o perfil sócio ocupacional de classe média - níveis de renda C1, C2 e C3 - agora residentes e trabalhadores do próprio município.

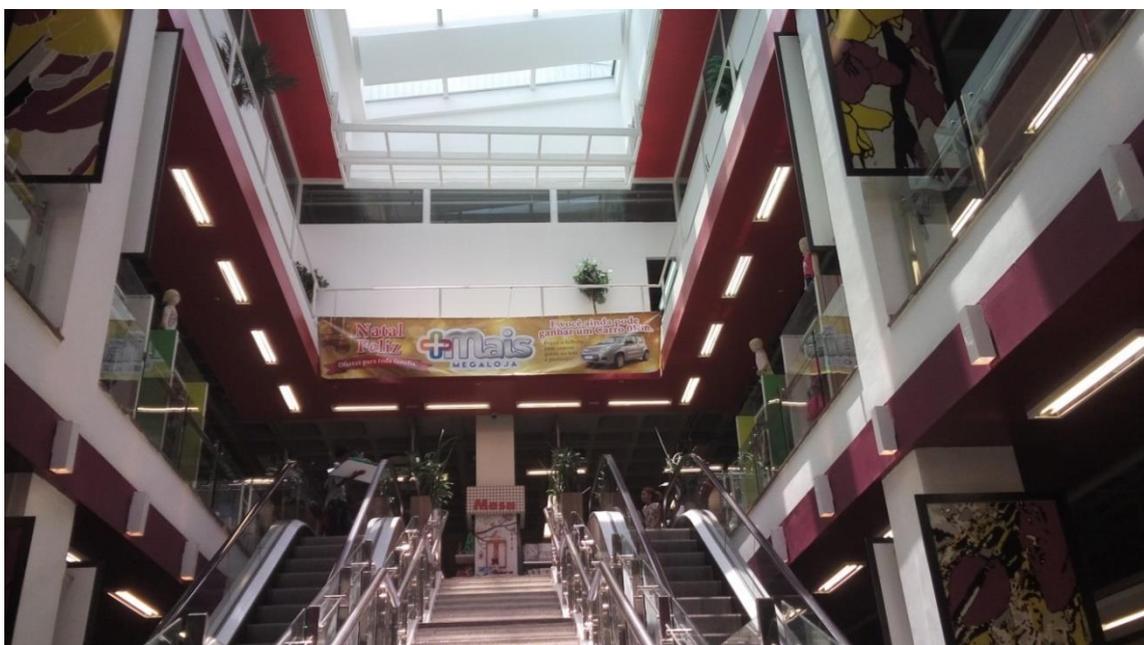


Figura 29. Mais Megastore: Loja de departamentos - com dois andares ocupa um espaço de destaque próximo ao Centro Comercial.

Fonte: Trabalho de Campo (2015).



Figura 30: Restaurante Varandão –

Com uma decoração temática que retrata vários cartões postais ao redor do mundo atrai um perfil de consumidor C1/C2/C3. Também se localiza próximo ao Centro “Requalificado”.

Fonte: Trabalho de campo (2015).

O surgimento destes novos “espaços de consumo” é consequência das novas estratégias municipais adotadas, inspiradas neste novo paradigma de “gestão empreendedora”. Segundo Harvey (1996, p. 55) neste novo paradigma urbano o objetivo dos governos é transformar a cidade em um “lugar inovador, excitante, criativo e seguro para viver, visitar, jogar e consumir”.

Impelidas a entrar nesta competição por investimentos “as cidades acabam por adotar estilos de caracterização que evidenciam seus ambientes comerciais, turísticos, geográficos, culturais e históricos. O desenvolvimento de pontos que demonstrem qualidade de vida melhor, ambiente com características de conforto e requinte” (ARAÚJO, 2011, p. 5).

3.4 ALGUMAS NOTAS CRÍTICAS SOBRE OS LIMITES DO “NOVO PROTAGONISMO DOS GOVERNOS LOCAIS”

“O cenário do ‘cada um por si’ já está em ação, e será provavelmente o cenário dominante dos próximos vinte anos. Nesse cenário, vê-se ‘cada companhia, cidade, região, país e grupo social atrelar-se à defesa e promoção de suas próprias vantagens comparativas e posição já adquirida’. A competitividade e a produtividade são erigidas em dogma absoluto [...]”

François Chesnais – A mundialização do capital³⁶

A base ideológica que sustenta o discurso do “empreendedorismo urbano” é a ideia de que vivenciamos uma época de profunda crise dos Estados Nacionais³⁷ e sua consequente perda de autonomia cria uma necessidade de governos locais assumirem novas responsabilidades diante dos novos paradigmas de inserção competitiva na globalização. A atratividade que o local é capaz de exercer para o capital privado, se torna uma questão fundamental e prioridade das gestões municipais, se destacando nesta lógica as cidades que possuem uma maior capacidade de se promover.

Isto desencadeará um ambiente de intensa “guerra fiscal”, a dita “propensão à mobilidade do capital produtivo” (CHESNAIS, 1996, p.28), chegará a níveis exorbitantes onde “as mudanças de localização de atividades industriais são às vezes precedidas de uma acirrada competição entre Estados e municípios pela instalação de novas fábricas.” (SANTOS, SILVEIRA, 2002, p. 112).

As implicações desta lógica em que “o grande capital passa a ter uma enorme ubiquidade, podendo esta em qualquer região para produzir para qualquer outra, e cada uma delas torna-se uma opção a mais entre muitas” (PIQUET, 2007, p. 24) são um abandono da perspectiva de um desenvolvimento nacional, esperando que a descentralização, e os governos locais e municipais, “*produzam o milagre de resolver os problemas de emprego e renda*”

³⁶ A mundialização do capital, 1996, p. 319. Ed. Xamã

³⁷ Encaramos a ideia de “crise dos estados nacionais” como um discurso ideológico, pois, concordamos com David Harvey (2011), que nega que a ascensão do neoliberalismo representa uma perda de autonomia do Estado, mas significa na verdade uma reorientação dos seus gastos e prioridades. Ainda que na teoria o estado neoliberal represente uma “ausência de obrigações”, na prática “o poder do Estado tem sido usado com frequência para resgatar empresas ou evitar fracassos financeiros” sendo que “têm sido espantosos os fluxos de tributos em favor dos principais centros financeiros mundiais” [...]. (Ibid, p.82 e 128).

(PIQUET, 2007 p. 27), perdendo-se a perspectiva de um desenvolvimento regional mais abrangente, sendo pensado em uma escala maior. Logo:

O nacional dá lugar ao local, e a gestão substitui o planejamento. Enquanto antes o debate se centrava em torno de questões sobre as desigualdades inter-regionais, sobre as carências dos equipamentos urbanos de uso coletivo e sobre a racionalização do uso do solo, agora a questão regional-urbana remete ao campo da competitividade. Entra em moda o planejamento estratégico – inspirado e baseado no planejamento estratégico empresarial (Ibid, p. 27).

Os riscos de uma competição desenfreada por investimentos foram previstos Oliveira (2003), em sua tese “Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense”:

Outro aspecto problemático quando a administração municipal participa mais ativamente na gestão do crescimento regional, na maioria das vezes é a pequena cooperação entre as administrações. Ao contrario há um acirramento da competição entre municípios, uma competição muitas vezes comprometedoras da sua capacidade de arrecadação e de sustentação de gastos sociais uma vez que, a administração, erroneamente caminha na direção de participar deste processo realizando renúncias fiscais (OLIVEIRA, 2003, p. 166).

Seguidamente ele enfatiza a importância de uma visão mais ampliada do desenvolvimento econômico das prefeituras municipais, e da necessidade de práticas de cooperação das políticas de planejamento, pois

a ação isolada de administrações municipais tem limitações estruturais. E isso começa a ser percebido por todos. A competição [...] cede lugar, em alguns casos a novas formas de relação política que [...] podem se expressar como ‘cooperação competitiva’, ou ‘associação induzida’” (OLIVEIRA, 2003, p. 166).

Contudo, os avanços nessa “cooperação intra-regional” ainda são muito tímidos, esbarrando nas rivalidades entre os grupos políticos fluminenses, e também na obrigação cada vez maior dos municípios de se submeterem aos pressupostos definidos pelos “potenciais investidores”. Afinal nessa concepção de “empreendedorismo urbano”, a cidade que não se tornar “atrativa aos negócios”, acaba ficando à margem do “processo modernizador.” Queimados, por exemplo, apesar de possuir uma área reservada para o Distrito Industrial

desde 1979, somente entrou na “rota dos investimentos” a partir das isenções fiscais oferecidas pelo Governo do Estado (Lei estadual 5636/2010 - Redução do ICMS de 15 % para 2%), e pela prefeitura (Lei Municipal – 748/2005 - Isenção fiscal por 10 anos, exceto o ISS - Imposto sobre serviços que é reduzido para 2%)

A CODIN (Companhia de desenvolvimento industrial do Rio de Janeiro) é uma sociedade de economia mista, vinculada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços – suas atividades estão relacionadas ao apoio a implantação de indústrias no Estado. Sua função principal, no entanto, é intermediar a negociação entre empresas e municípios para a compra de novos terrenos visando a futura construções de galpões industriais e estabelecimento de novas empresas.

Em seu informativo periódico costuma relatar os novos investimentos anunciados para o Estado do Rio Janeiro e como foram conduzidas as negociações entre os agentes econômicos e as lideranças políticas. Na edição número 28 publicada em janeiro de 2014, ela anuncia a chegada da empresa ‘Jaguar Land Rover’ que optou por se estabelecer no Estado do Rio de Janeiro:

Foi assinado no dia 05 de dezembro pelo Governador Sergio Cabral e o Diretor Global de Estratégia e Desenvolvimento da Jaguar Land Rover, em cerimônia no Palácio Guanabara, o memorando para a vinda da montadora inglesa para o estado do Rio de Janeiro [...] A nova planta industrial será instalada no município de Itatiaia, localizado na região do Médio Paraíba do estado. [...] A CODIN foi peça fundamental nesse processo. ***Apresentou para a JLR dez opções de terrenos nos municípios de Barra do Pirai, Barra Mansa, Itatiaia, Magé, Nova Iguaçu, Queimados, Porto Real, Resende, São Gonçalo e Seropédica*** e acompanhou a empresa durante todo o processo de seleção até a escolha da JLR pelo terreno localizado no município de Itatiaia. ***O município de Itatiaia ofereceu boas condições de topografia e infraestrutura, como vias de acesso, fornecimento de gás e energia, além uma localização privilegiada às margens de um rodoferroviário e da principal rodovia do país, a Presidente Dutra*** (CODIN, s/p, 2014, ***grifo nosso***).

A empresa diante da opção de dez municípios (entre eles Queimados) se estabelece em Itatiaia, localizada no Médio Vale do Paraíba, segundo o informativo, a cidade oferecia boas condições de topografia, infraestrutura, fornecimento de gás e energia, além de localização privilegiada. Não poderia ficar mais evidente a manifestação da intensa competição que envolve a instalação de um empreendimento industrial atualmente, e como os municípios não tem opção a não ser submeterem-se o máximo possível a esta lógica. Esse

cenário de intensa competição que Santos (2006) define como uma verdadeira “guerra dos lugares” tem principal consequência: a perda da noção de um planejamento mais abrangente, onde o “nacional dá lugar ao local” (PIQUET, 2007, p. 27).

Até mesmo os administradores públicos se deram conta do impacto para o desenvolvimento regional da competição entre as cidades: Tande Vieira, na época secretário estadual de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, por exemplo, afirma em entrevista recente que

a região tem que ser pensada e planejada de forma global, deixando de lado as picuinhas locais [...] Acho que o mais inteligente seria um esforço para criar alternativas eficientes de mobilidade urbana e ver as potencialidades de cada local que podem ser complementares aos outros (JORNAL AQUI, 2014, p. 14).

O cenário de competição entre os prefeitos por investimentos, e pela instalação de empreendimentos em seus territórios chegou a um nível tão extremo que é percebido e criticado até mesmo pelo próprio corpo político.

Compans (2005) adota uma postura bem crítica ao abordar este “novo protagonismo dos governos locais”, segundo a autora esta autonomia é, na verdade, oriunda de um processo de descentralização conservadora neoliberal, onde as transferências de responsabilidades na verdade são cortes nos repasses orçamentários “disfarçados”, esta suposta nova autonomia é muito limitada. As contradições dos conflitos envolvendo a ação do estado não são resolvidos, mas apenas deslocados. Este cenário de hipermobilidade do capital, adoção de políticas de austeridade fiscal e competitividade intra-urbana tendem a se agravar neste cenário.

Araújo (2011) ao analisar as estratégias do empreendedorismo urbano determina que “a preocupação com a circulação do capital e principalmente com o recebimento de verbas financeiras sempre acabam por desqualificar certas partes do território da cidade e até mesmo privilegiar certos lugares e classes sócio-econômicas em detrimento de classes mais populares e seus locais de sobrevivência”.

É possível perceber que estes projetos de renovação urbana, apresentados pelas gestões municipais como a emersão de uma “Nova Baixada que respira os ares do futuro” tem um caráter relativamente excludente, pois concentrarem nas áreas mais valorizadas da cidade

que espacialmente tem uma dimensão bem reduzida. Nos mapas a seguir – que retratam o índice de desenvolvimento municipal nos anos de 2000 e 2010, é possível notar esta orientação seletiva das melhorias sociais (Figuras 31 e 32):

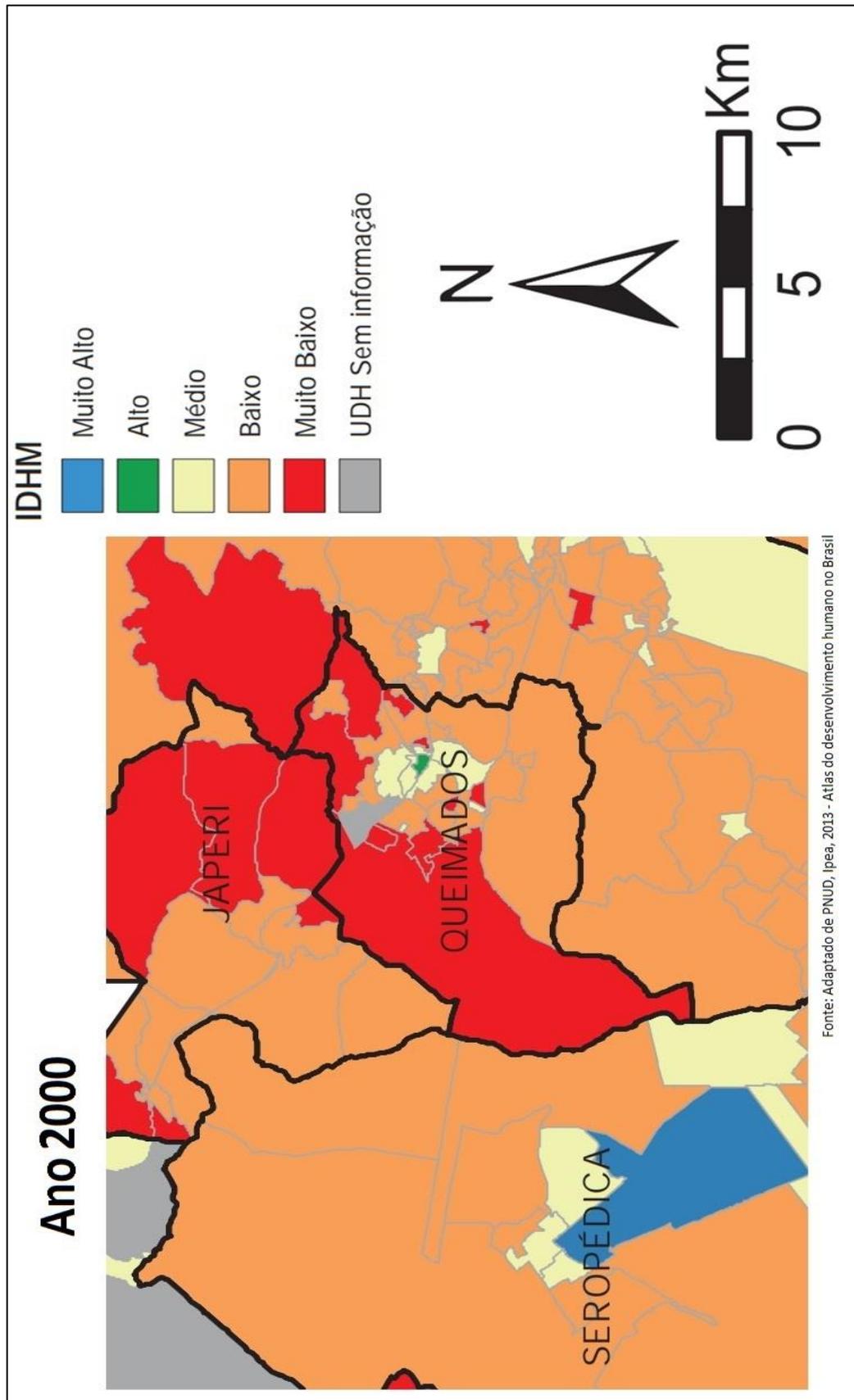


Figura 31. Queimados-RJ. Mapa IDHM (Índice de desenvolvimento humano municipal) – 2000.
 Fonte: PNUD; IPEA, 2014, p.84. (adaptado)

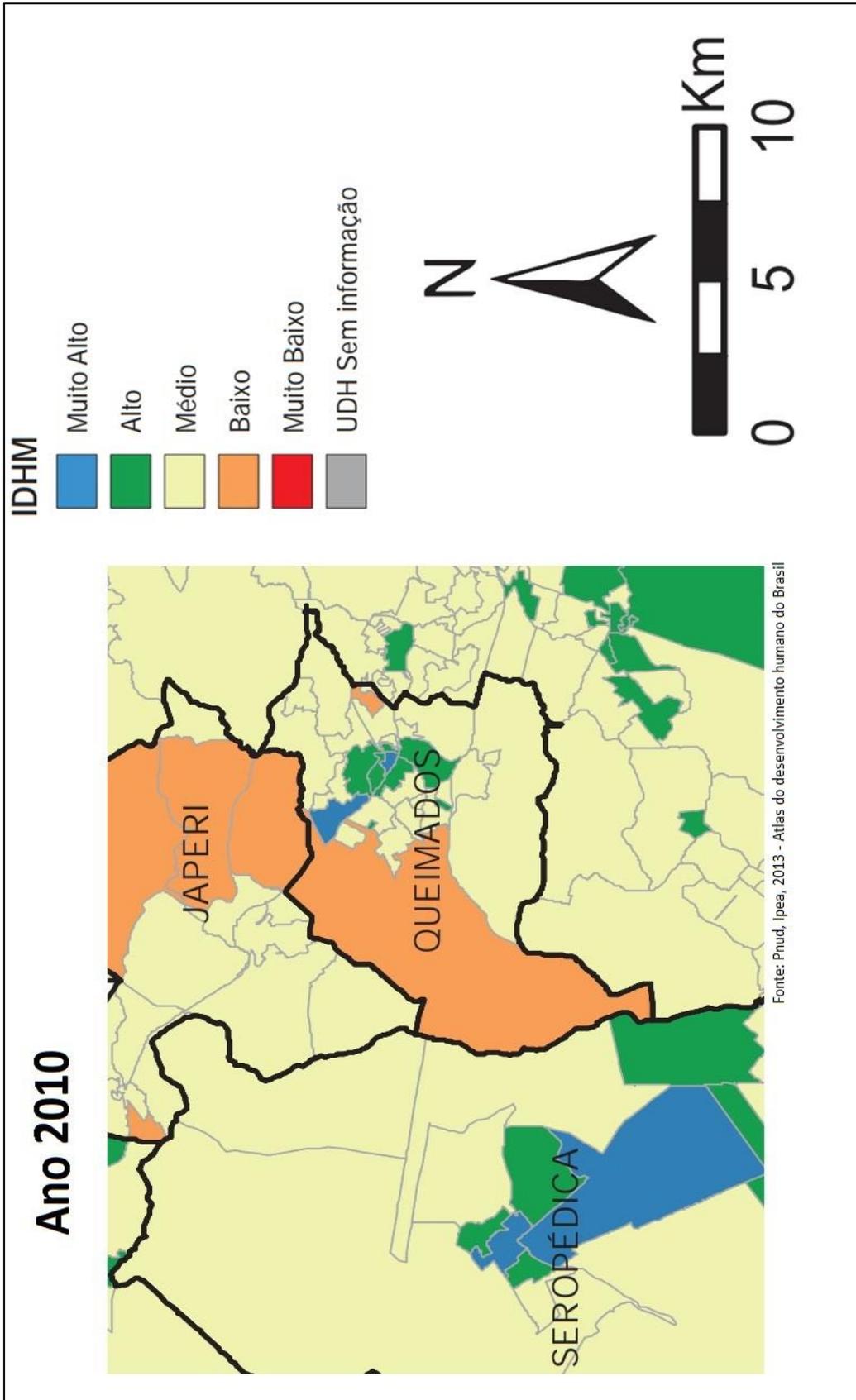


Figura 32. Queimados-RJ. Mapa IDHM(Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) – 2010.
 Fonte: PNUD; IPEA, 2014, p.85 (adaptado)

O Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana foi organizado e publicado por uma parceria entre o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), leva em conta a média entre os indicadores de longevidade, educação e renda. No contexto geral, as melhorias de indicadores foram significativas, afinal, no ano de 2000 uma grande parte dos setores censitários se encontrava no nível ‘muito baixo’, e a maioria do município era classificada como ‘baixo’, o centro da cidade se caracterizava como ‘médio’, e apenas uma região muito pequena atingia o nível ‘alto’. Depois de 10 anos, com as informações do novo censo demográfico do IBGE o panorama geral era de que a maioria do município atingia o indicador ‘médio’, com algumas áreas caracterizadas como ‘alto’ e dois setores com o indicador ‘muito alto’. Entretanto, esta melhora de indicadores é limitada espacialmente, se restringindo ao centro urbano e suas redondezas mais próximas.

Ou seja, o surgimento de novos vetores de investimentos, a chegada de novos agentes econômicos e a transformação da paisagem urbana altera significativamente a estrutura urbana da periferia, contudo, estas mudanças restringidas geograficamente ao centro urbano especializam diferenças sociais:

A necessidade de expansão geográfica do capital, materializada na incorporação e valorização do uso do solo, produz novas “geografias econômicas”. A região metropolitana do Rio de Janeiro, em sua singularidade, vai expressar hodiernamente a complexidade da reestruturação. Embora sua periferia urbana apresente novos vetores de investimentos, o indicador social não acompanha o “fluxo de desenvolvimento”. Embora surjam novas formas espaciais, há a persistências de espacialidade de segregação por diferentes localidades. O território vai guardar as marcas da reestruturação: a Baixada Fluminense é esse território. (ROCHA, 2015, p. 13 e 14).

Este enfoque excessivo ao novo papel dos governos locais esconde uma armadilha denominada por Vainer (2007) de “neolocalismo”. Vivenciamos um momento em que instâncias superiores como o Governo Federal e Estadual parecem ter se omitido da mediação e liderança de conduzir o desenvolvimento, praticamente se limitam hoje a impor aos municípios “disciplina fiscal”, a partir disto, “esta situação propicia a eclosão de uma guerra de todos contra todos da qual saem vencedoras, como se sabe, as empresas privadas, que promovem verdadeiros leilões a ver quem oferece mais vantagens” (ibid, p. 6).

A difusão generalizada de agências multilaterais e consultores internacionais difundindo a retórica da competitividade, da necessidade de se adotar “estratégias territoriais

empreendedoristas” fomentam uma fragmentação territorial colaborando para os “neolocalismos” e perdendo de vista a noção de um planejamento territorial em escala nacional.

O mesmo autor afirma que “a ideia de que o cotidiano seja feito de relações primárias é completamente anacrônica, produzindo uma imagem absolutamente ideológica da esfera local” (VAINER, 2002, p.24). Sendo assim, se faz necessário buscar alternativas as “estratégias competitivas” priorizando: a) a redução das desigualdades e melhoria das condições (materiais e imateriais) de vida da classe trabalhadora, b) avanço e radicalização de dinâmicas sociais, políticas, culturais que permitem a organização e a luta populares, c) enfraquecimento dos grupos e coalizões dominantes (Ibid, p.29).

Todos estes objetivos compõe uma agenda progressista visando romper com o paradigma da “cidade do pensamento único” e são desafios que precisam ser encarados a partir de uma “lógica transescalar”, afinal os processos econômicos, políticos e sociais que produzem e reproduzem as cidades atuam em níveis escalares diversos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lessa, (2001), em seu livro “O Rio de todos os Brasis” afirma que “a cidade é um permanente vir-a-ser” [...]. É por excelência o espaço da criação, da destruição e da conservação: são três processos que nela se movem simultânea e interativamente.” Ter como objeto de estudo, portanto, algo tão dinâmico e que apesar da aparente estática está sempre em movimento é um profundo desafio. Neste trabalho buscamos romper com as “ilusões da opacidade” a que se refere Edward Soja (1993) na qual durante muito tempo as ciências humanas se prenderam, reduzindo a espacialidade a uma coletânea de coisas, no qual a análise do espaço geográfico se resume a descrever objetos e formas físicas.

Nosso objetivo nesta pesquisa foi desvendar os “hieróglifos sociais” (SOJA, 1993) escondidos nos processos de urbanização, compreendendo o espaço como um “produto que emerge da prática social deliberada” (ibid, p. 102), através de nosso estudo regional notamos como a espacialidade é uma força que modela a vida social (ibid).

A cidade deve ser entendida como um espaço articulado e fragmentado, ao mesmo tempo reflexo e condicionante social, o lugar onde as classes sociais vivem e se reproduzem

(CORRÊA, 1989, p.11), uma “expressão concreta de cada conjunto histórico no qual uma sociedade se especifica” (CASTELLS, 1983, p. 146).

O processo de industrialização da periferia metropolitana engendrou profundas transformações na região da Baixada Fluminense, apesar de alguns investimentos pontuais no decorrer do século XX, é na virada da década de 1980 para 1990 que a região se consolida como o “vetor de crescimento econômico do Estado”, o lugar conhecido como “distante que é perto” (ROCHA e OLIVEIRA 2010) tem sua representação na mídia modificada, onde um discurso que valoriza suas vantagens locais ganha força.

A chegada destes empreendimentos industriais tem relação direta com um processo de reestruturação produtiva em curso, onde os desafios impostos aos capitalistas pela crise de 1970 aliado ao fortalecimento da classe trabalhadora nos países centrais fez com que as empresas buscassem externalizar custos (HARVEY, 2007). Uma medida eficiente é a “deslocalização das fábricas” (WALLERSTEIN), afinal no terceiro mundo inúmeras regiões estão dispostas a oferecer todas as vantagens possíveis às empresas, além de disporem de uma mão-de-obra de custo menos elevado. Contudo, este processo não seria possível sem o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação. A diminuição dos custos de se locomover pelo espaço criou uma “compressão do espaço-tempo” (HARVEY, 2007), e agora a “propensão do capital a mobilidade” atinge níveis exorbitantes (CHESNAIS, 1996).

A transformação da periferia em “lugar de trabalho” deriva diretamente, portanto, desta desconcentração espacial das indústrias, entretanto, esta modificação não representa uma ruptura na relação ‘centro-periferia’, o que acontece é que estes lugares assumem novos papéis, e se resignificam. Com a fragmentação dos processos produtivos o centro da metrópole se transforma no centro gerencial, no lugar de controle das atividades financeiras, é o lugar que se torna o “nó” da rede de comunicações e transações comerciais no mundo globalizado. A “informação é a base principal do domínio metropolitano” (SANTOS, 2012). Se as grandes cidades industriais como Manchester, Chicago e Osaka tomadas pelas chaminés eram o símbolos do desenvolvimento econômico dos séculos XIX e XX, nos dias atuais elas dão lugar às “cidades globais”, Nova York, Londres e Tóquio, cidades sedes de indústrias de assessoria jurídica e serviços de contabilidade, consultorias de gerenciamento e serviços financeiros (SASSEN, 1991).

A periferia metropolitana deixa de ser o lugar exclusivamente de moradia e reprodução da classe trabalhadora e incorpora novas funções. Primeiro emerge como um lugar de trabalho, retendo uma parcela significativa da força de trabalho e sepultando a categoria “cidade-dormitório” utilizada por muito tempo para definir as cidades da Baixada. Posteriormente, a chegada de indústrias (mesmo que a maioria delas não exija uma mão-de-obra extremamente qualificada), representa uma elevação da renda média local e uma ampliação do “mercado consumidor” potencial. A periferia passa a se tornar atrativa para novos agentes econômicos e reforça sua centralidade.

Grandes redes varejistas, lojas de departamento, grandes franquias que comumente se estabeleciam exclusivamente em locais de grande público consumidor, infraestrutura adequada e centros comerciais atrativos começam a se deslocar em direção a regiões periféricas. Observamos também uma dispersão do setor comercial e a periferia se consolida como “lugar de consumo”. As franquias ocupam um importante agente neste processo, pois, sua expansão é baseada no binômio “força da marca/padronização-modernização do gerenciamento”. A chegada destes agentes econômicos na periferia eleva o nível de competitividade do setor comercial.

Estas transformações induzem mudanças significativas no espaço urbano periférico. A “região das ausências” (PAGANOTO, 2014), e a “cidade ilegal” (MARICATO, s/a) se transformam e passam a receber a visita de arquitetos de renome internacional que assinam projetos de renovação urbana a fim de “modernizar a paisagem” - um desavisado ao olhar determinadas fotografias (ver imagens 23 a 30) sem consultar a legenda seria incapaz de adivinhar que se trata da Baixada Fluminense - lugar onde os jornais nos anos 1980 afirmavam que a lei do gatilho é tão natural quanto a lei da gravidade - (ENNE, 2013).

Essas melhorias urbanísticas enfatizam a importância de se criar “estética agradável para o consumo”, asfaltando e alargando vias, arborizando calçadas e criando condições para a chegada de grandes empreendimentos comerciais. Entretanto costumam ter um raio de abrangência muito limitado, se concentrando no centro comercial, assim as áreas mais afastadas dificilmente desfrutam destas melhorias. Ainda que na década de 1990 nove shoppings centers tenham sido construídos e inaugurados (LAGO, 2002) a região continua sendo uma das localidades com o pior índice de saneamento básico do Brasil³⁸. A falta de esgoto tratado, por exemplo, fez Nova Iguaçu ficar na 95ª colocação em um ranking nacional,

³⁸ <http://odia.ig.com.br/odiabaixada/2015-05-22/cidades-da-baixada-entre-as-piores-em-saneamento-basico.html>

ficando apenas cinco posições a frente do último colocado: Porto Velho, capital de Rondônia. A cidade dos Apart-hotéis de luxo é a mesma em que os dejetos são descartados em valões a céu aberto.

Esta é a cidade-empresa onde o “importante mesmo é vender a beleza das áreas que rendem lucros e manter as áreas territoriais desprivilegiadas na maior passividade possível, de preferência escondidas” (ARAÚJO, 2011, p.5). Neste novo paradigma de “gestão empreendedora” e “competitividade urbana” a função dos prefeitos é promover seu município e concorrer no mercado de cidades. Superar estes dogmas se faz necessário, estabelecer limites para a “guerra dos lugares” e pensar em um planejamento que leve em conta uma cooperação e uma complementaridade de funções é um objetivo urgente.

Como nosso objetivo era compreender as mudanças no espaço urbano decorrentes deste processo de reestruturação territorial-produtiva fluminense, realizamos uma opção metodológica: trabalhar com um município em específico. Escolhemos Queimados, pois a consideramos a “cidade-símbolo” desta “Nova Baixada”, logicamente que o recorte municipal nos traz algumas limitações de abrangência, contudo a possibilidade de um olhar mais aproximado do objeto foi primordial para nossa escolha. Afinal concordamos com Ortigoza (1996, p.171), quando afirma que “é pelo ‘lugar’ que o ‘mundial’ é empiricamente percebido”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora IPP, 2013.
- ALVES, José Claudio Souza. *Dos barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, RJ: AOOH, CLIO, 2003.
- ANTUNES, Ricardo. *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbana. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Emilia; *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ASDINQ. *Associação das empresas do Distrito Industrial de Queimados*. Disponível em: <http://asdinq.org.br/>. Acesso em: 10 de fev. de 2016.
- ARAÚJO, Flávia. Empresariamento Urbano: concepção, estratégias e críticas. In: *Anais do I circuito de debates acadêmicos*. Ipea. [Rio de Janeiro, 2011]. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area7/area7-artigo7.pdf>> Acesso em fev. 2015.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, 2ª ed. Editora Escala, s/a.
- BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do sec. XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTELLS, Manuel. O debate sobre a teoria do espaço (cap. 3) In: *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p.145 a 294.
- CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. As Cidades como Atores Políticos. In: *Novos Estudos, CEBRAP*, n.45, São Paulo, 1996, disponível em: <<http://www.acsmce.com.br/wp-content/uploads/2012/10/AS-CIDADES-COMO-ATORES-POL%C3%8DTICOS.pdf>> acesso em 10 fev 2015.
- CEPERJ. *Anuario Estatístico Fluminense 2013*. Disponível em: <www.fundacaoceperj.br> Acesso em ago. 2015.
- CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- CODIN. *Primeira fábrica da Jaguar Land Rover nas Américas será no estado do Rio de Janeiro*. Informativo. Ano 4. Nº 28. Jan. 2014.
- COMPANS, Rose. *Empreendedorismo Urbano: Entre o discurso e a prática*. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- CORREA Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1989.
- _____. Uma experiência de colonização na Baixada Fluminense. In: *Boletim Carioca de Geografia*. Ano XV – 1962.

- COSTA, Claudia Patrícia de Oliveira. A EMANCIPAÇÃO DE QUEIMADOS – RJ NAS NARRATIVAS ORAIS: Um enquadramento das memórias e escrita da história. Apresentado em: I seminário de história e cultura: Historiografia e Teoria da História. Disponível em *Anais...* Universidade Federal de Uberlândia (2013).
- DAL ROSSO, Sadi – *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008. HOBBSAWM, Eric. - Os anos dourados In: *Era dos Extremos*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 253 – 282.
- DAVIDOVICH, Fany. Estado do Rio de Janeiro: Singularidade de um contexto territorial. *Revista Território, LAGET-UFRJ, Ano V, nº9, pp 11-24. jul/dez, 2000.*
- DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (Sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? In: *Revista de Faculdade de Letras – Geografia*. I série, Vol. XX/XI, Porto, (1994/95) p. 15.
- ENNE, Ana Lúcia Silva. A “redescoberta” da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. *Pragmatizes – Revista Latino Americana de estudos em Cultura*, ano 3, nº 4, p. 6-27, março 2013
- JORNAL EXTRA. *Distrito Industrial de Queimados vende de eletrodomésticos a vasos sanitários*. [Rio de Janeiro, 2014]. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/distrito-industrial-de-queimados-vende-de-eletrodomesticos-vasos-sanitarios-4734680.html>, acesso em 30 nov. 2015
- FISCHER, André. *Indústria, ordenamento do território e transportes*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- FURLANETTO et al. Promoção imobiliária e espaço residencial da classe média na periferia metropolitana do Rio de Janeiro. In: *Revista Brasileira de Geografia*, nº 49 v. 2, 1987.
- GEIGER, Pedro Pinchas; SANTOS, Lyra Santos. Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XVI. Nº3 – Julho-setembro. 1954.
- GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Estações Ferroviárias do Brasil*. [Rio de Janeiro, 2015]. Disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/engpedreira.htm> Acesso em dez. 2016.
- GOMES, Rita de Cassia. O papel do terciário no contexto da reestruturação produtiva. In: *Revista Formação*, n.23, volume, 2016, p. 219-247.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. 13ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- _____. *Neoliberalismo: Histórias e Implicações*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

- _____. *Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio*. In: Revista Espaço e Debates nº39, 1996.
- HENRIQUE, Nilson, COSTA, Claudia Patrícia. *Queimados: Imagens de uma cidade em construção*. 1ª Ed. Queimados: Asamih, 2014.
- HENRIQUE, Nilson; COSTA, Claudia. *Queimados: breve histórico de uma cidade*. [Rio de Janeiro, 2011]. Disponível em: <<http://memoriaqueimados.blogspot.com.br/2011/03/queimados-breve-historico-de-uma-cidade.html>>. acesso em: 20 ago. 2013.
- IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 10 fev. 2014.
- _____. *IBGE cidades*. (2014). Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades.html. Acesso em: 10 de fev. de 2014.
- JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ Philippe. *Atlas das condições de vida na Região metropolitana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora PUC-rio, 2014.
- JORNAL AQUI. *Bons Vizinhos*. Ano 16. Nº 889 – Volta Redonda, Abr. 2014.
- KLAFKE, Karlise. As ações das franquias na produção do espaço urbano de pequenas cidades. In: *Anais do XI Encontro Nacional da ANPEGE*. Presidente Prudente/SP, 2015. p. 965-975 – cd-room.
- LAGO, Luciana Corrêa. A "periferia" metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. In: *Cadernos IPPUR/UFRJ - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Ano XXI, nº 2, p. 9 – 28, ago-dez 2007.
- _____. A nova lógica segregadora na metrópole brasileira: novas teses sobre antigos processos In: *Cadernos IPPUR* Ano XVI, nº 1, p. 155 – 175, jan – jul 2002.
- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- LIMA, Otávio Linhares. Nova Iguaçu diante de um novo perfil de investimento imobiliário – um relato de campo sobre os apart-hotéis e prédios comerciais. In: *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, Volume 6, Número 11, Julho-Dezembro de 2016. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo/article/view/2662/pdf>> Acesso em jan. 2017.
- MARICATO, Ermínia. *Conhecer para resolver a cidade ilegal*. Disponível em: http://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_conhecercidadeilegal.pdf >, s/a. Acesso em dez. 2015.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Perfil econômico dos municípios*. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acesso em fev. 2015.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. *Desconcentração industrial e espaço urbano/metropolitano: análise territorial da expansão metropolitana e da formação de novos eixos econômicos produtivo no rio de janeiro*. 2009. Apresentado em: XIII encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3288>> acesso em fev. 2015

_____. *Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. 2003. 231f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Alberto; RODRIGUES, Adrianno, O. Industrialização na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Novos paradigmas para velhos problemas. In: *Semestre Econômico*. Volume 12 nº 24. pp. 127-143, Medellín, Colômbia, outubro de 2009. Disponível em: <<http://revistas.udem.edu.co/ojs/index.php/economico/article/view/287/270>> Acesso fev. 2016

OLIVEIRA, Leandro Dias. Uma nova geografia da Baixada Fluminense. In: *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, Volume 4, Nº 7, , Rio de Janeiro, julho-dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo/article/view/1665>> Acesso em dez. 2016.

_____. A emersão da região logístico-industrial do Extremo Oeste Metropolitano fluminense: reflexões sobre o processo contemporâneo de reestruturação territorial-produtiva. In: *Espaço e Economia*. Ano 4, Nº 7, 2016. Disponível em: <<https://espacoeconomia.revues.org/1814>> Acesso em ago. 2016.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. *As franquias e as novas estratégias do comércio urbano no Brasil*. 199f. Dissertação (Mestrado em Geografia). IGCE/UNESP, Rio Claro, 1996.

PAGANOTO, Faber Araújo. *Mobilidade espacial da população e mercado imobiliário na periferia metropolitana: a expansão dos condomínios fechados em nova Iguaçu/RJ*. 184f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências – CCMN, Rio de Janeiro, 2014.

PAGANOTO, Faber; BECKER, Olga Maria. A emergência de novas centralidades na periferia da região metropolitana do rio de janeiro e a reorganização dos deslocamentos espaciais da população. In: *Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*. Águas de Lindóia/SP, 2012. Disponível em: <

[http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[116\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[116]ABEP2012.pdf).
Acesso em ago. 2015.

PEREIRA, Regina Celi. Estado, território e reestruturação produtiva na metrópole fluminense. In: *Espaço e Economia*. Volume: 3, Ano 2, Número 3. Rio de Janeiro, dezembro de 2013. Disponível em: < <http://espacoeconomia.revues.org/390>> acesso em set. 2015.

PIQUET, Rosélia. *Indústria e Território no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

PORTO-SALES, Andréa Leandra. *A Situação Espacial de Franquias na América do Sul: morfologia e centralidade urbanas em cidades médias da Argentina, Brasil e Chile*. 281f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2014.

PNUD e IPEA. Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras. 1ª ed. Brasília: PNUD, Ipea, FJP. 2014.

PREFEITURA DE QUEIMADOS. *Arquiteto e urbanista visita Queimados para desenvolver projeto de requalificação do centro do município* [Rio de Janeiro, 2014] Disponível em: < <http://www.queimados.rj.gov.br/print.asp?id=1075>> Acesso em ago. 2015.

PREFEITURA DE QUEIMADOS. *Empresas descobrem o Distrito Industrial de Queimados* [Rio de Janeiro, 2010]. Disponível em: <http://queimadosrj.blogspot.com.br/2010/03/empresas-descobrem-o-distrito.html>.
Acesso em 17 de fevereiro de 2013.

_____. *Comerciantes informais de Queimados podem ganhar novos pontos de trabalho*. [Rio de Janeiro, 2013] Disponível em: <http://www.queimados.rj.gov.br/noticias_publicacao.asp?idArea=5&idn=496> acesso em fev. 2014.

ROCHA, André Santos. A representação “ideal” de um território: exemplificando a Baixada Fluminense. In: *Revista Pilares da História*. Ano 10, n.11, p.20-30, maio de 2011.

_____. “As representações ideais de um território”: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da baixada fluminense pós 1990/2003. 242f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências – CCMN, Rio de Janeiro, 2014

_____. Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: Apontamentos sobre o “novo” mercado imobiliário da região. In: *Espaço e Economia*. Ano 6, Nº 3, 2015. Disponível em: < <https://espacoeconomia.revues.org/1677>> Acesso em out. 2015.

- ROCHA, André Santos; OLIVEIRA, Leandro Dias. As novas dinâmicas produtivas em curso na Baixada Fluminense: breves apontamentos sobre uma nova geografia da Indústria. In: *Revista Pilares da História*. Ano 11, edição especial, p.7-13, maio de 2010.
- _____. Desenvolvimento, reestruturação produtiva e economia espacial: o processo de reordenamento Territorial no oeste metropolitano fluminense. Apresentado em: XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Urbana. Disponível em: Anais... UERJ, Rio de Janeiro, 2013.
- SANTOS, Josinaldo. *O parcelamento do uso do solo através da produção de loteamentos na periferia metropolitana do Rio de Janeiro: o caso de Queimados*. 44f. (1988) Monografia (Especialização em Planejamento Urbano e Uso do Solo) – IPPUR – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. - 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos).
- _____. *Por uma Economia Política da Cidade: o caso de São Paulo*. – 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. – (Coleção Milton Santos)
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Luísa. - Uma reorganização produtiva do território. In: *Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 105 – 140.
- SASSEN, Sakia. A cidade global. In: LAVINA, Lena et al, org.; *Reestruturação do espaço urbano e regional*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- SILVA, Robson Dias. *Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2012.
- SILVA, Adriana Carvalho. A leitura urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos. In: *Espaço e cultura*. UERJ, Rio de Janeiro, N. 25, P. 7-16, JAN./JUN. DE 2009.
- SILVA, William Ribeiro da. Centro e Centralidade: uma discussão conceitual. In: *Revista Formação* - Volume 1. Nº 8, 2001. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/1209/1205>> acesso em out. 2016.
- SILVA, Eugenio R. O planejamento estratégico sem plano: uma análise do empreendedorismo urbano no Brasil. In: *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n.º 2 (Dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. p. 279 a 306. Disponível em: <http://observatoriodasmetrolopes.net/download/empreendedorismo_urbano.pdf> Acesso em fev. 2015
- SILVA, Oséias Teixeira da. A região metropolitana do Rio de Janeiro na atualidade: recuperação econômica e reestruturação espacial. In: *Revista Confins* Nº 25, ano 2015. Disponível em <<http://confins.revues.org/10421> ; DOI : 10.4000/confins.10421> acesso em dez. 2016.

- SIMÕES, Manoel Ricardo. *A cidade Estilhaçada – Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense*. 2006. 290f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, 2006.
- _____. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2011.
- _____. Reestruturação da Área Central de Nova Iguaçu. In anais XII SIMPURB, Belo Horizonte, UFMG, 2011[b]. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/e6318e9028d7bb64cf857f956a615183.pdf>> Acesso em fev. 2016.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Reestruturação das cidades (cap. 5). In: *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades*. Presidente Prudente: UNESP/FCT, 2004 [tese de livre docência], p.261 a 319.
- SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TCE-RJ. *Estudo socioeconômico*, 2013. Disponível em: <http://www.tce.rj.gov.br/70>. [Rio de Janeiro, 2013] Acesso em. 05 abr. 2014
- VAINER, Carlos. Pátria, Empresa e Mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia; *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local? In: Cadernos IPPUR Ano XVI, nº 1, p. 13 – 32, jan – jul 2002
- _____. Fragmentação e projeto nacional: desafios para o planejamento territorial. In: Anais do XII encontro nacional da ANPUR. UFPA, [2007] – Disponível em <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/2411>> Acesso em nov. 2016.
- VILLAÇA, Flavio. Perspectivas do Planejamento urbano no Brasil hoje. Texto apresentado no “II seminário Cidades Brasileiras – Desejos e Possibilidades”, organizado pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, MS, 2000.:
- WALLERSTEIN, I. “Mundialização ou Era de Transição? Uma Visão de Longo Prazo da Trajetória do Sistema-Mundo” In: CHESNAIS, F.; DUMÉNIL, G.; LÉVY, D.; WALLERSTEIN, I. *Uma Nova Fase do Capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003.

ANEXOS

Anexo 1. Questionário aplicado à secretaria de urbanismo.

-
1. O que a prefeitura tem realizado para atrair investimentos para a cidade?
 2. Como vocês enxergar a realização de parcerias-público-privada?
 3. O que vocês destacariam como os principais desafios para o futuro do município?
 4. Como se dá a relação com as outras prefeituras da Baixada?
 5. O que representa para o município o projeto de requalificação do centro?
-

desenvolvimento

■ Emancipada apenas há 21 anos do município de Nova Iguaçu (1989), o município de Queimados possui um índice médio de desenvolvimento humano (IDH), de 0,732, e vem experimentando reações desenvolvimentistas no setor industrial.

O Boom do Distrito Industrial de Queimados

Desde que foi aprovada a Lei Estadual 5.636 de janeiro de 2010, que reduziu a alíquota do imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS), de 19 para 2%, uma fila de empresários negocia com o Governo do Estado (CODIN) e com a Prefeitura para se instalarem no Distrito Industrial do município.

Além disso, Queimados também acena com a isenção de 10 anos dos tributos municipais (IPTU, ISS e Alvará), como significativa vantagem para atrair novas empresas à cidade.

Este ano, mais de 50 empresários interessados em se instalar em Queimados já visitaram o Distrito Industrial. Até o final de 2010, quatorze novas empresas se fixarão na cidade, gerando 3.500 empregos diretos e nove mil indiretos. Outras dez estão em fase de negociação e/ou aguardando aprovação de projeto para sua instalação. Atualmente a ativi-



dade industrial representa 70% do PIB de Queimados.

Além da acentuada redução de ICMS e da isenção de tributos municipais, outro motivo que tem levado os empresários a Queimados é o fato de o Distrito Industrial - uma área de 2.326.575,00m² - estar à beira da Rodovia Presidente Dutra, facilitando o escoamento de mercadorias em ambos os senti-

dos da rodovia. Com a construção do arco Metropolitano (as obras estão a pleno vapor) a locomoção das mercadorias será ainda mais facilitada, pois o Arco dista apenas seis quilômetros de Queimados, estabelecendo ligação direta do município com o Porto de Itaguaí, a BR 140 (Rio -Juiz de Fora) e BR 101, importantes rodovias do país, além de proporcionar óti-

ma alternativa para desafogar o trânsito dos principais municípios da Região Metropolitana.

A Prefeitura de Queimados e o Governo do Estado do Rio firmaram parceria com a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico e aplicará R\$

1,2 milhão na recuperação da infra estrutura do Pólo Industrial cuja administração ficará a cargo da Prefeitura, a fim de agilizar a instalação das novas empresas. O início das obras está previsto para o segundo semestre deste ano.

EMPRESAS CONFIRMADAS - VIG XAVIER VIGILÂNCIA E SEGRANÇA; DER/RJ - Usina de Asfalto; MATERPAV-Const. Civil; TINTAS ACUIAS; NKS- Ind. de Eletrônicos; ARTY-SUL - Ind. de Eletroeletrônicos; LAVAZZA - Ind. de Café; SAYOART- Tecido; PROCTER & GAMBLE PACTUAL - Descartáveis e Limpeza; SAYLUJ - Cosméticos; MUTTIBLOCOS - Const. Civil Indústria de Sucos (Peruana); TOP LONAS.

EMPRESAS EM NEGOCIAÇÃO (PROJETOS SENDO ANALISADOS) - Duas indústrias farmacêuticas; Duas indústrias transformação de vidros; Indústria de construção civil; Indústria de Higiene e limpeza; Indústria de Cosméticos; Peças e Equipamentos; Montagem de Computadores; Indústria de Plástico (Fabricação de talheres e utensílios de plásticos).

Fonte: Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico de Queimados.

Fonte: Informativo SINCOVANNI EM AÇÃO – Ago. 2010

Anexo 3. Centro Comercial de Queimados: Um novo padrão para Queimados

HOME LAZER SEGURANÇA PLANTAS LOCALIZAÇÃO GARANTA SEU ESPAÇO

CCQ Centro Comercial Queimados

Um novo padrão de qualidade para Queimados

AO LADO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

UM COMPLEXO COMERCIAL COM 8.000 M²

LOJAS AMPLAS

O CENTRO COMERCIAL QUEIMADOS, VEIO PARA OFERECER AOS EMPRESÁRIOS DA CIDADE E DE TODA A REGIÃO UMA OPÇÃO SEGURA DE INVESTIMENTO E RETORNO. SUA LOCALIZAÇÃO É PRIVILEGIADA, ONDE MAIS DE 50 MIL PESSOAS CIRCULAM DIARIAMENTE. SUAS LOJAS FORAM PROJETADAS PARA OFERECER O MELHOR ESPAÇO COM MAIOR APROVEITAMENTO E CUSTO REDUZIDO. SÃO 8 MIL METROS QUADRADOS DE NEGÓCIOS E LAZER PARA QUEIMADOS.

Fonte: Disponível em: <<http://www.ccqlojas.com.br>>

Anexo 4. Distrito Industrial: “o novo shopping center do mundo empresarial”

EXTRA

Busque no Extra

CAPA NOTÍCIAS POLÍCIA EMPREGO FAMOSOS MULHER TV E LAZER ESPORTE

28/04/12 07:00 Curtir 0 Tweetar +1 0

Distrito Industrial de Queimados vende de eletrodomésticos a vasos sanitários



Bruno Cunha

Tamanho do texto

Você sonha em usar o liquidificador de Ana Maria Braga? Em arrumar os cabelos com a escova modeladora da Angélica? Ou em pilotar uma lancha moderna “de bacana”? Pois o Distrito Industrial de Queimados trabalha, a todo vapor, para isso.

O local já se compara ao shopping center do mundo empresarial. Fabrica (e vende) de lanchas que circulam na Marina da Glória, na Zona Sul do Rio, ou em Angra dos Reis, a bateadeiras e torradeiras para emissoras de TV. De cabos de extração de petróleo a tintas, que colorem os condomínios de luxo da Barra da Tijuca. Tem até porcelanas sanitárias de banheiro, instaladas nos lavabos mais nobres da cidade.

Comentário

Comentários Encerrados

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os [termos de uso](#), denuncie. Leia as [perguntas mais frequentes](#) para saber o que é impróprio ou ilegal.

EM ATÉ 12X NO CARTÃO
E ENTREGA RÁPIDA PARA TODO BRASIL.
PARCELA MÍNIMA DE R\$10.



COMPRE AGORA

AVON

Publicidade

As mais lidas

-  São João de Meriti participa de fórum Inter-religioso que reúne representantes de 14 crenças
-  Fachada este ano, Via Show vai ganhar documentário sobre sua trajetória

Fonte: Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/distrito-industrial-de-queimados-vende-de-eletrodomesticos-vasos-sanitarios-4734680.html#ixzz3sNTtyfNo>>

Anexo 5. O novo eldorado da logística do Rio

Prefeitura de
QUEIMADOS

COMUNICAÇÃO SOCIAL

quinta-feira, 6 de junho de 2013

Queimados, o novo Eldorado da Logística no Rio

A localização estratégica, às margens da Rodovia Presidente Dutra e a proximidade com o Arco Metropolitano, além de incentivos fiscais oferecidos pela gestão municipal, fizeram com que a jovem cidade de Queimados, na Baixada Fluminense, recebesse grandes investimentos, assim alavancando a sua economia. O Distrito Industrial já chega a marca de 40 indústrias com a chegada da Piraquê entre outras fábricas nacionais e multinacionais, gerando mais de três mil empregos diretos e ultrapassando a marca de mais de 1 bilhão de investimento privado na cidade, que espera agora ser referência também de logística em todo Estado do Rio de Janeiro.

Quatro grandes Plantas Logísticas estão sendo edificadas no Município e uma está na fase final de negociação. O Grupo Prologis CCP Rio Guandu está construindo quatro galpões, localizados na Rua Gleba, às Margens do Rio Guandu, que totalizam 165.294,64 m² de área construída. A JTM e a BBM Participações e Locações de Imóveis iniciaram a construção de 10 galpões que juntos terão 16.039,13 m² de área construída, localizados à Rodovia Presidente Dutra, KM 25.

Fonte: Disponível em < queimados-rj.blogspot.com.br/2013/06/queimados-o-novo-eldorado-da-logistica.html>

Anexo 6. Arquiteto e urbanista visita a cidade de Queimados



segunda-feira, 12 de maio de 2014

Arquiteto e urbanista visita Queimados para desenvolver projeto de requalificação do centro do município

Fotos: Felipe Bragança

Felipe Carvalho-Rio. O Município de Queimados recebeu nesta segunda-feira, 12, a visita do Arquiteto e Urbanista do Atelier Metropolitano, Jorge Mario Jauregui, que entre os principais trabalhos do currículo estão a autoria do projeto do teleférico do Complexo do Alemão e da Rambla de Manguinhos. Acompanhado pelo Secretário Municipal de Urbanismo, André Bianche e pelo colega de trabalho, o Arquiteto e Urbanista, Leandro Balbio, Jauregui visitou o entorno da estação ferroviária, comércio local, transporte, vias e passeios públicos.



O objetivo foi conhecer de perto as demandas do município para elaborar um projeto de requalificação do centro e tentar inseri-lo no TOD (Transit Oriented Development), que em português significa Desenvolvimento Orientado para o Trânsito e estabelece metas e obrigações para incluir a cidade na rota de investimentos internacionais. Além de intervenções urbanísticas, o projeto ainda pretende centralizar o acesso aos meios de transportes como ciclovias, rodoviárias e pontos de meios de locomoção alternativos.

Fonte: Disponível em: < <http://queimados-rj.blogspot.com.br/2014/05/arquiteto-e-urbanista-visita-queimados.html>>

Anexo 7. Condomínio Logístico em fase final de construção



Parabéns Queimados!

Estamos construindo em Queimados.
Condomínio logístico de alto padrão com mais de 100.000 m² de construção.
Sistema completo de segurança com guarita blindada, câmeras externas, gravação de imagens, monitoramento externo, botões de pânico.
Ampla estacionamento para veículos leves, caminhões e carretas.
Área de apoio com refeitório e cozinha industrial, vestiários com armários para funcionários e terceiros e auditório com mais de 100 lugares.
Conheça nossos lançamentos.


GB ARMAZÉNS

Rua Visconde de Pirajá, 608 – Gr. 801 – Ipanema – RJ - CEP 22410-002
Tel.: (21) 3205-9393 – Fax (021) 3205-9394 - www.gbarmazens.com.br – gb@gbarmazens.com.br

Fonte: Jornal Extra “especial 25 anos da emancipação” 25/11/2015.

Anexo 8. Prefeito Max Lemos (2009 – 2016) preside mesa temática em seminário no Palácio da Guanabara – Região Metropolitana receberá investimentos do Banco Mundial.



12 de abril de 2013

Urbanismo »

Prefeito Max Lemos preside mesa temática em Seminário no Palácio Guanabara

Região Metropolitana receberá investimentos do Banco Mundial



O Subsecretário Estadual de Projetos de Urbanismo, Vicente Loureiro, organizador do encontro, disse que o Estado estabeleceu compromisso com o Banco Mundial de realizar investimentos na Região Metropolitana com o objetivo de criar e desenvolver programas e ações, em conjunto com os municípios, para debater problemas comuns e implementar o desenvolvimento harmônico das cidades. "O compromisso é o de melhorar o desempenho e a governança do Estado dessa região", sintetizou o subsecretário, acrescentando que será contratada uma consultoria especializada para a preparação de um plano diretor metropolitano.

Segundo o Secretário Municipal de Urbanismo de Queimados, André Bianche, o seminário teve como maior desafio pensar o futuro dos municípios para as próximas décadas. "A injeção de recursos concentrados na região metropolitana é enorme. Se por um lado essa nova fase é estimulante, com grandes obras e crescimento econômico, por outro, impõe uma reflexão sobre como os investimentos poderão propiciar uma cidade melhor para se viver. O convênio firmado entre o governo do estado e o Banco Mundial, ajudará o Município de Queimados na elaboração de estratégias de planejamento e gestão territorial", afirmou Bianche.

Fonte: Disponível em: <

http://www.queimados.rj.gov.br/noticias_publicacao.asp?idArea=5&idn=227>

Anexo 9. Empresas situadas no Distrito Industrial (Ativas e em implantação)

EMPRESAS ATIVAS NO DISTRITO INDUSTRIAL

	Empresa	Atividade
1	ARFRIO	Frigorífico
2	CITYCOL	Ind. Têxtil
3	TANGARÁ FOODS/SANES	Armazéns Frigoríficos
4	QUARTZOLIT	Ind.de Argamassa
5	MULTIBLOCO	Artef. de concreto
6	POWER BOATS	Ind.Náutica
7	JRM21	Ind Plást. e Reciclagem
8	RELUZ	Ind.Cosméticos
9	BURN	Ind. de Higiene e limpeza
10	VIG XAVIER	Vig. e Segurança
11	GRUPO AJE	Ind. Refrigerantes
12	P & G	Ind.Customização
13	NKS	Montagem de eletroeletrônicos
14	VIFRIO	Armazéns Frigoríficos
15	GRUPO EURONETE	Ind. Náutica
16	RAFT	Ind. de Embalagens Metálicas
17	MULTIBLOCO II	Ind. C Civil
18	PACTUAL	Ind. de Higiene e limpeza
19	ATIVPLUS	Ind. de bebidas
20	MASTERPAV	Ind. C Civil
21	MK3	Montagem de eletroeletrônicos
22	DER	Usina de Asfalto do Estado do RJ
23	HENAMAR	ind. Química

EMPRESAS EM INSTALAÇÃO NO DISTRITO INDUSTRIAL

	Empresa	Atividade
1	RHI	Metalúrgica
2	SKAFE	Ind. de Cosméticos
3	V.TRUM	Ind. de refratários
4	QUEIMADOS INV. IND	Montagem de eletroeletrônicos
5	DURATEX	C. Civil
6	SAYOART	Ind. Têxtil
7	RIO LAB	Ind. Química
8	ARTSUL	Ind. C. Civil
9	INVESTIPLAN	Montagem de eletroeletrônicos
10	PORTO FERRO	Metalúrgica

11	RAFT II	Metalúrgica
12	IND. DE COLCHÕES	Industria
13	PRECON	Ind C. Civil
14	SAYLUJ	Ind. de Cosméticos
15	K2M2	Ind. Química
16	PIRAQUE	Ind. Alimentícia
17	TOP LONAS	Ind. Têxtil

Fonte: ASDINQ – secretaria executiva (Entrevista).